

UNQUIET



BAHIA • ANTÁRTICA • FIJI • INGLATERRA

Seja um cidadão
do mundo:
conta em real,
dólar e euro,
tudo no
mesmo app



Baixe o app
e abra
sua conta

C6BANK



EM BUSCA DE VOOS MAIS ALTOS.



Reno Romeu encara de frente
o desafio constante de buscar o inédito.
Sempre em busca de novas aventuras,
leva o corpo e a mente ao extremo para
superar os seus limites.

Bicampeão de kitesurf no Brasil,
aos quinze anos se tornou o primeiro brasileiro
a vencer uma etapa do mundial e, em 2013,
entrou para o Guinness Book pelo maior
número de giros em uma única manobra.

Seguir na contramão da mesmice,
partir rumo a novos destinos e se conectar
com o que realmente importa.

Isso é ter Atitude Unquiet.



4 you 4 experience

RENO ROMEU

NO TRÂNSITO, ESCOLHA A VIDA!



MITSUBISHI
MOTORS

Drive your Ambition

Sumário

016	360° – Lugares para transcender experiências e viajar com propósito
030	Festivais – O poder afro através da música e da cultura
036	Sustentabilidade – Cooperativa de bordadeiras gera renda e valorização
040	Check-in – Sua bagagem com funcionalidade, conforto e sustentabilidade
044	48 horas – Um giro cultural por Guadalajara, no México
046	Biblioteca – As livrarias de Buenos Aires, a capital mundial do livro
052	Brasil – As nuances de uma aventura <i>off-road</i> pela Chapada Diamantina
062	Cultura – Um roteiro musical e emotivo pela capital inglesa
072	Arte – Patricia Urquiola promove a releitura dos <i>palazzi</i> do Lago di Como
084	Esporte – Fiji, um mergulho colorido em outro mundo
096	Bem-estar – Pura energia: a imersão nos <i>hammans</i> de Marrakesh
108	Proudly – Hedonismo e diversidade nas Ilhas Canárias
112	Ensaio – Um olhar e um aviso sobre a Amazônia, por Betina Samaia
120	Gastronomia – Grandes vinhos e cozinha regional em Castilla y León
128	Aventura – A expedição de Fabio Porchat à Antártica
138	Entrevista – Max Ibañez, o nome por trás do fenômeno <i>explora</i>
144	Crônica – Como a Serra da Capivara impactou Francisco Bosco
146	Inspiradores – Fernando Campana, um legado de obras sublimes



Driven by the sun.
Powered by its limitless energy.

BEYOND THE EDGE

TAG HEUER AQUARACER

BOUTIQUES TAG HEUER
CIDADE JARDIM SÃO PAULO (11) 3198-9458
VILLAGE MALL RIO DE JANEIRO (21) 3252-2846
SHOPS JARDINS SÃO PAULO (11) 3198-8267

“Eu não tenho paredes. Só tenho horizontes.”

Mário Quintana



UNQUIET
Movement is life

PUBLISHER

Corinna Sagesser

DIRETOR EDITORIAL

Fernando Paiva (*in memoriam*)

DIRETOR EXECUTIVO

André Cheron

DIRETORA DE CONTEÚDO

Nathalia Hein

CONSULTOR

Erik Sadao

DIRETOR COMERCIAL

Ricardo Battistini

DIRETOR DE ARTE

Ken Tanaka

EDITOR DE ARTE

Raphael Alves

GERENTE DE MARKETING E CONTEÚDO DIGITAL

Carolina Sagesser Rodrigues

COORDENADORA DIGITAL

Patricia Poli

PRODUTORA DE CONTEÚDO DIGITAL

Marjorie Luz

PROJETO GRÁFICO

Ken Tanaka e Raphael Alves

GERENTES DE CONTAS E NOVOS NEGÓCIOS

Fernanda Espíndola, Gabriel Matvyenko, Mirian Pujol e Ney Ayres

COLABORARAM NESTE NÚMERO

Texto: Carlos Marcondes, Chiara Cortez, Fabio Porchat, Francisco Bosco, Erik Sadao, Juliana A. Saad, Luciana Lancellotti, Marina Lima, Marjorie Luz, Pedro Sagesser Rodrigues, Roberto Muggiati, Ronny Hein, Walterson Sardenberg Sº e Zeca Camargo
Fotos: Betina Samaia, Marina Bandeira Klink, Alamy, Getty Images e Istock

Ilustração: Antônio Tavares e Arielle Martins
Revisão: Paulo Kaiser

CAPA

Marina Bandeira Klink

CUSTOM EDITORA LTDA.

Av. Nove de Julho, 5.593, 9º andar – Jardim Paulista
São Paulo (SP) – CEP 01407-200
Tel. (11) 3708-9702
revistaunquiet@customeditora.com.br

ASSINATURAS revistaunquiet.com.br/assine

revistaunquiet.com.br

 @revistaunquiet

 /revistaunquiet

 revista unquiet

 /revistaunquiet

 @revistaunquiet



Hub de conteúdo: A Editora Custom presta serviços de *branded content* para empresas, produzindo e publicando conteúdos customizados em todos os canais da marca UNQUIET.



Editorial

Viajar é mais que conhecer novos lugares. “É uma mudança que acontece, profunda e permanente, no conceito sobre o que é vida”, já dizia a escritora Miriam Beard.

Esse é para mim o significado de viajar. Conhecer pessoas e suas culturas, aprender sobre outras maneiras de viver e descobrir paisagens que ficam para sempre – e que ensinam, e muito.

Nesta edição viajamos até a Antártica, no extremo sul do planeta, para sentir a magnitude da natureza. Estivemos em Londres para seguir os passos de David Bowie e reviver a genialidade desse ícone cultural. Atravessamos o mundo para conhecer Fiji, um dos melhores *points* de mergulho do mundo, um paraíso colorido e único. Estivemos em Castilla y León para saborear a deliciosa gastronomia e os premiados vinhos da região conhecida como a “Espanha dos assados”. De lá seguimos para a Itália, até a região do belíssimo Lago di Como, entre *palazzi* históricos, para conhecer o design e a arte da arquiteta Patricia Urquiola, que concedeu uma entrevista exclusiva à UNQUIET.

E, como cuidar do corpo e da mente se tornou fundamental nos atribulados dias de hoje, fomos até Marrakesh e as montanhas da Cordilheira do Atlas para dias de puro bem-estar, com óleos e tratamentos milenares nos *hammans* marroquinos.

De volta ao Brasil, desbravamos a Chapada Diamantina, conforme você confere na impactante imagem de capa, clicada pela fotógrafa Marina Bandeira Klink, entre as formações rochosas do Rio Capivara. Destino de aventuras e belezas surpreendentes, com suas paisagens de tirar o fôlego, exploramos a Chapada numa viagem em um Mitsubishi 4x4, cruzando veredas, cachoeiras e trilhas e conhecendo as pessoas da região e suas histórias de vida... sempre um aprendizado. Porque viajar é isto: muitos ensinamentos e momentos para a vida. Viaje com a UNQUIET e boa leitura!

Stay alive.
Be Unquiet.



CORINNA SAGESSER
PUBLISHER

C6 Global Invest

Invista no exterior sem precisar de um Private Banking

Com o C6 Bank, você tem acesso
à renda fixa em dólar no exterior,
fundos e ações americanas,
tudo no mesmo app.



Baixe o app
e abra
sua conta

C6 BANK

Colaboradores



Marina Bandeira Klink usa seu olhar afiado e generoso para conduzir seu espectador a lugares distantes e destinos inusitados. Através de seus registros fotográficos ela compartilha sua vivência e suas aventuras por regiões remotas entre pessoas diversas. Ela assina as imagens da matéria sobre a Chapada Diamantina, de onde acaba de voltar.



O talento multifacetado de **Fabio Porchat** não é surpresa para ninguém. Ator, humorista, apresentador, roteirista, produtor e diretor, ele agora atende à outra vocação, a de globe-trotter. Os relatos de suas viagens são constantemente retratados em matérias divertidas e recheadas de boas histórias para a UNQUIET. Nessa edição ele escreve sobre sua aventura em uma expedição para a Antártica.



Redator da Gazeta do Povo de Curitiba a partir de 1954, **Roberto Muggiati** estudou jornalismo em Paris, trabalhou na BBC de Londres e em diversos veículos que fizeram a história do jornalismo brasileiro. Traduziu romances de Hemingway, Fitzgerald, Steinbeck; biografias de John Lennon, Chet Baker; autobiografias de Billie Holiday e Charles Mingus. Nesta edição, faz sua curadoria das melhores livrarias de Buenos Aires.



Francisco Bosco é ensaísta, doutor em teoria da literatura pela UFRJ, com diversos livros publicados, incluindo *A vítima tem sempre razão? Lutas identitárias e o novo espaço público brasileiro*. Foi colunista da revista Cult e do jornal O Globo. Dirigiu a rádio Batuta, do Instituto Moreira Salles. Foi presidente da Fundação Nacional de Artes (FUNARTE). Atualmente apresenta o programa de TV *Papo de Segunda*. É dele a reflexão na Crônica dessa edição.



Betina Samaia se formou em psicologia, mas fincou o pé (e a alma) na carreira de fotógrafa. Em seu trabalho busca registrar imagens do inconsciente transitando livremente entre passado e presente, realidade e imaginação. Os registros profundos e extraordinários disparados por suas lentes já foram objetos de exposições no Brasil, na França e nos EUA. São delas as incríveis imagens da Amazônia da seção Ensaio desta UNQUIET.



Viajante inquieto e incansável, **Zeca Camargo** já viajou para 114 países – e não quer parar de contar. Poderiam ser mais, mas ele insiste em voltar aos lugares que ele mais gosta, Tailândia, Turquia, Portugal, Argentina e Londres, que na matéria de Cultura desse mês ganha seu olhar muito especial.... Além de viajante, Zeca é jornalista, escritor e apresentador.



Viajante profissional, **Erik Sadao**, ou apenas Sadao, como é conhecido na indústria do turismo, já visitou os quatro cantos do planeta mais de uma vez, se hospedando em mais hotéis do que consegue se lembrar. Apaixonado por música, arte e história, elege destinos de acordo com o calendário cultural para criar roteiros sob medida e as matérias que assina para a UNQUIET. Nesta edição, assina as seções Proudly e Arte.



O talento da jovem ilustradora brasileira **Arielle Martins** é arrebatador. O imaginário de suas ilustrações busca envolver memórias afetivas do inconsciente coletivo inspiradas pelo aspecto lúdico das narrativas do cotidiano. Ela desenvolve ilustrações autorais para publicidade, editoriais, produtos e produz obras visuais em pintura digital. É dela a obra que estampa a Crônica desta edição.



NO ALTO DO CERRADO

Embora mínima, a cidade de Pirenópolis, em Goiás, surpreende pela quantidade de atrações e a boa infraestrutura turística

POR WALTERSON SARDENBERG S^o

A goiana Pirenópolis, a 182 km de Brasília (DF), tem somente 25 mil moradores. Mas sua história é longa. Ainda no século XVIII, os bandeirantes ali se acomodaram, em busca de ouro. Data da época parte do casario colonial da cidade, tombado pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), em 1988.

No século seguinte, o engenheiro belga Louis Crulz se viu incumbido pelo imperador Dom Pedro II de encontrar no cerrado do Centro-Oeste um lugar para fincar a capital do país, em um projeto de integração nacional. Não deu em nada. Mas desse período sobrou o nome Pirenópolis, por estar incrustada em meio à Serra dos Pirineus. Pois é,

alguém a achou semelhante às montanhas homônimas que dividem a Espanha da França.

A cidadezinha, de fato, só ganhou mais atenção já no início da década de 1970, quando a contracultura vivia o seu auge. Os esotéricos descobriram que ali era o melhor lugar para viver e instalaram comunidades místicas. Passaram a chamar a cidade, carinhosamente, de Píri. Começava o turismo — hoje, aliás, muito bem organizado. Os viajantes descobriram em Pirenópolis, enfim, um lugar de diversos predicados, além do casario histórico: boa cozinha goiana, montanhismo, trilhas, arborismo, *rafting*, *rapel*, artesanato e diversas festas folclóricas, como as *Cavalhadas*. Sobre tudo, cachoeiras. São mais de 100.

Acima, em sentido horário, a Cachoeira do Salto do Corumbá, a L200 Triton Sport HPE e cavalgada pelo Rio das Almas. Na página ao lado, vista do casario colonial em Pirenópolis

Várias delas estão dentro da principal atração: o Parque Estadual dos Pirineus (pirenopolis.go.gov.br), criado em 1987, um dos divisores das bacias do Tocantins e Paraná. Basta contratar um guia e percorrer a trilha, de nível médio. Ela passa pelas cachoeiras Garganta e Coqueiro e leva ao Pico do Ventilador (1.150 m). Dali segue para o Pico dos Pirineus (1.385 m) e termina da melhor forma possível, nos Pocinhos do Sonrisal — uma sequência reconfortante de piscinas naturais.

Há também o Santuário da Vida Silvestre Vagafofo (vagafofo.com.br). Foi a primeira RPPN (Reserva Particular de Patrimônio Natural) criada em Goiás, no ano de 1990, visando promover a educação ambiental, o ecoturismo e a produção sustentável de alimentos. Suas trilhas, belíssimas, são menores, mais acessíveis e mais adequadas às crianças.

Para apreciar a comida goiana, feita em fogão de lenha, a dica é o restaurante Pillares, que fica à beira de uma gostosa praia de rio e tem trilhas

e piscina. Dá para passar uma tarde inteira. Já na Venda do Bento, o cardápio é mais eclético. Tem, por exemplo, galinha caipira e carne de sol na chapa com queijo coalho. A casa está instalada em uma antiga sede de fazenda. Tem redário, para um cochilo pós-refeição, e ainda, um pequeno museu, que conta a história de Pirenópolis.

Não se preocupe com a hospedagem. Embora a cidade seja mínima, dispõe de lugares muito confortáveis, como a Divina Pousada (divinapousada.com.br), de arquitetura colonial e águas aquecidas com energia solar. Também o Dádiva Hotel (dadivahotel.com.br), um hotel boutique, acena com serenidade, em um casarão azul datado de 1756.

Os adeptos do *off-road* podem ter dicas de como rodar na região no site MIT Drivelines (mitdrivelines.com.br). A principal: dá para seguir de Brasília a Pirenópolis sempre em estradas de terra. O caminho começa em Brazlândia, no Distrito Federal e passa por Edilândia e Cocalzinho. 📍

FOTOS ISTOCK, GETTY E DIVULGAÇÃO

360º

Um rancho original no Oeste americano, um museu inovador, a Amazônia em uma expedição rara, emoção no coração do Serengeti, charme sustentável no Sul da Bahia, um festival muito cobiçado, um novo enclave no México e a nova joia de Antuérpia

POR NATHALIA HEIN



Continue viajando nas nossas dicas 360º

Aponte a câmera do seu celular para o QR code ou acesse revistaunquiet.com.br/dicas



THE GREEN O

Associado às mais belas paisagens do Oeste americano, o estado de Montana é terra de vivências ao ar livre, entre o céu de azuis inclementes e de crepúsculos matizados no verão e a neve abundante no inverno. Poucos hotéis sabem combinar a vocação aventureira da região à arte de receber com classe e conforto como o The Green O. Aninhado em um vale florestal, totalmente isolado, mescla a experiência de rancho à de um resort – uma estadia memorável. A terra, que já foi habitada pelos nativos Blackfeet, Flathead e Nez Percé, se tornou uma fazenda no início do século XX e foi continuamente propriedade de fazendeiros até o final dos anos 1990. Hoje ela abriga o discreto rancho, onde 12 chalés, pequenos santuários de paz e romance, se espalham pelo terreno. Cada um deles conta com uma configuração e pode incluir lareira, cozinha ecológica e amplas janelas, que conectam o terreno ao quarto. Embora extremamente convidativos, os quartos apenas complementam a experiência, que é, na verdade, repleta de aventuras *outdoor*, com cavalgadas, lida com o gado, *mountain bike* e escaladas. O The Green O não recebe crianças.

thegreeno.com





ART OMI

Inaugurado em 1992, esse centro de artes sem fins lucrativos do Condado de Columbia, em Ghent, no estado de Nova York, abriga o Sculpture & Architecture Park, com cerca de 70 exposições temporárias e permanentes. No local há obras de artistas e arquitetos contemporâneos e uma variedade de obras de grande escala na natureza. Além de espaço de visitação, aberto todos os dias e com entrada gratuita, o Art Omi oferece programas de residência para artistas internacionais, escritores, tradutores, músicos, arquitetos e dançarinos. Desde a sua fundação, o Art Omi foi guiado pelo princípio de que a expressão artística transcende as fronteiras econômicas, políticas e culturais. Tanto que já recebeu mais de 2 mil artistas, de mais de 100 países, que são escolhidos no programa após passarem por um disputado processo seletivo. A residência inclui refeições e acomodações.

artomi.org

Pode imaginar.
O **topo** é
aonde você
quiser chegar.



Pra tudo
que **você**
imaginar

No mês das mulheres, a gente
reafirma nosso compromisso
com a equidade e convida você
a conhecer nossas iniciativas
para que todas cheguem lá.

bb.com.br/mulheresnotopo

Central de Relacionamento BB | SAC
4004 0001 ou 0800 729 0001

| 0800 729 0722

Deficiente Auditivo ou de Fala
0800 729 0088

Ouvidoria BB
0800 729 5678

ou acesse
bb.com.br

f t i n
/bancodobrasil



THE INN AT MATTEI'S TAVERN

Em meio a vinhedos e olivais da cidade de Los Olivos, na costa central da Califórnia, o hotel The Inn at Mattei's Tavern é testemunha ocular da história da região. Construído originalmente em 1886, funcionou como parada de diligências durante a corrida do ouro, como speakeasy durante a Lei Seca, e como pousada e taverna por décadas. Ao longo do tempo, manteve um legado de hospitalidade amigável e boa gastronomia. Fechado quatro anos para reformas, o hotel reabriu em fevereiro de 2023 para começar um novo capítulo, agora sob a bandeira Auberge Resorts Collection.

Com diferentes casas independentes, entre originais e recém-construídas, o The Inn at Mattei's Tavern, Auberge Resorts Collection combina a herança histórica da propriedade com o moderno, seguindo um estilo campestre descontraído. As 67 acomodações, todas repaginadas, estão distribuídas entre as cottages e guest houses emolduradas por jardins e gramados paisagísticos.

Situado a apenas a duas horas e meia de carro de Los Angeles, no coração do vale de Santa Ynez, região famosa por suas fazendas orgânicas e mais de 170 vinícolas, o The Inn at Mattei's Tavern, Auberge



KAIARA

Fonte inesgotável de tudo o que de mais precioso o planeta é capaz de produzir e sustentar, a Amazônia é também uma potência para iniciativas de ecoturismo. Além da possibilidade de dar mais visibilidade ao bioma, em constante ameaça, os programas ecoturísticos responsáveis têm como missão ajudar no desenvolvimento e no bem-estar dos povos locais. Nasceu desse conceito a Kaiara, um empreendimento de expedições fluviais pelo Rio Tapajós e seus afluentes. A frota, de três embarcações, que variam de cinco a 12 cabines, faz base em Alter do Chão e recebe pequenos grupos para experiências genuínas, do menu regional servido a bordo à ampla programação, que tem como objetivo exaltar a floresta e contribuir com as comunidades ribeirinhas. Em todas as saídas, que duram entre quatro e seis dias, os hóspedes do barco têm a oportunidade de conhecer três ecossistemas completamente diferentes: as águas barrentas do Rio Amazonas, os tons cristalinos do Rio Tapajós e os degradês escuros do Rio Arapiuns, cada qual com sua fauna e flora próprias. A vivência entre os ribeirinhos e indígenas fortalece os laços com a Amazônia.

kaiara.com.br





GRUMETI SERENGETI RIVER LODGE

Entre planícies polvilhadas por elefantes e girafas e rios coalhados de crocodilos e hipopótamos, as tendas do Grumeti Serengeti River Lodge servem de observatório fixo da pulsante vida selvagem do Parque Nacional do Serengeti. Ali os hóspedes não precisam se mover (embora possam, claro, embarcar nos diversos safáris da programação) para ver todos os tipos de animais, que simplesmente aparecem, como se fossem eles mesmos os espectadores da vida humana – e não o contrário. Completamente reformado, o *lodge* de propriedade do grupo andBeyond, instalado ao longo da margem do afluente do Rio Grumeti, no noroeste da Tanzânia, foi transformado em um enclave contemporâneo e elegante em plena savana, cheio de criatividade e cor, onde os tons e as formas da natureza no entorno orientam a decoração. Entre as muitas vantagens, o fato de estar praticamente isolado, na companhia de apenas outros dois *camps* na imensa área de 600 km, propicia safáris (de carro, a pé ou de balão!) silenciosos e sempre cheios de animais, incluindo filhotes de leão e macacos colobus (uma espécie encontrada apenas nessa região do Serengeti). andbeyond.com



BARRACUDA HOTEL & VILLAS

Uma visão ecorresponsável, que já norteava o Vila Barracuda Boutique Hotel (na orla de Itacaré, BA), foi exacerbada na construção do Barracuda Hotel & Villas, projeto que nasceu em 2020 no topo de uma encosta ao lado da Praia do Resende, uma das mais famosas ao sul do estado. O clima intimista, onde reina o silêncio, quebrado apenas pelo constante barulho do mar, conta com 17 elegantes suítes – além das casas particulares do Beach Villas, no mesmo terreno. A natureza selvagem, em que a Mata Atlântica comanda o espetáculo, foi levada em consideração em toda a propriedade, que teve a arquitetura e o paisagismo baseados na recuperação da memória local e nas plantas nativas. Pilar fundamental do grupo, o respeito à cultura e à essência da região, através da gastronomia, do serviço, da arte e da arquitetura, se reflete na experiência de hospedagem, sempre particular. Quase todos os 140 colaboradores do grupo The Barracuda (que compreende os três empreendimentos) são itacareenses cujas vidas foram impactadas positivamente pela valorização de seu trabalho. thebarracuda.com.br

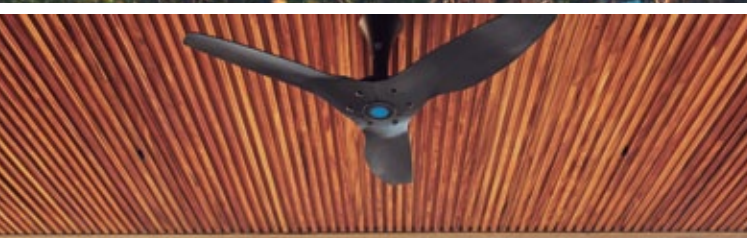




C6 FEST

Um clássico revisitado e repaginado. Esse é um dos conceitos do C6 Fest, o esperado festival de música internacional, que promete sacudir a cena musical de São Paulo e do Rio de Janeiro. Dos mesmos produtores do mítico Free Jazz Festival, um dos mais celebrados festivais nos anos 1980 e 90, o evento musical ocupará três palcos no Parque do Ibirapuera e do Vivo Rio, simultaneamente, entre 18 e 21 de maio de 2023. Entre as atrações confirmadas, bandas consagradas e revelações do rock, soul e jazz da música mundial, como a cantora americana Weyes Blood, além de Samara Joy e Tim Bernardes, que fará uma homenagem a Gal Costa. Clientes C6 Bank terão acesso prioritário à pré-venda nos dias 2, 3 e 4 de março, e também terão desconto de 20% no valor do ingresso na compra durante todo o período de venda.





FOUR SEASONS RESORT TAMARINDO

Instalado em uma reserva costeira inacessível durante séculos, no litoral oeste mexicano, o novíssimo Four Seasons Resort Tamarindo demandou um desafio ao grupo hoteleiro canadense. A missão era subverter minimamente o terreno, feito de selva nativa. Apenas 2% da área foi impactada com a construção, erguida de forma sustentável: são 157 acomodações, em estilo mexicano contemporâneo, e quase todas com piscinas privadas, além de bares e restaurantes. A cultura local é celebrada em diversos momentos, tanto que o resort firmou uma aliança com as organizações Ensamble Artesano e Taller Maya para exaltar a cultura pré-hispânica e valorizar o trabalho dos artesãos mexicanos – resultado que se vê desde os objetos de decoração (também à venda na loja) até os uniformes da equipe do hotel. Há programas voltados para a ancestralidade local, com caminhadas guiadas por biólogos e pesquisadores para conhecer plantas medicinais usadas antes da colonização e observar as mais de 70 espécies endêmicas. Outro ponto de interesse é a fazenda orgânica Rancho Ortega, sob o comando do diretor de gastronomia do hotel, que cultiva plantas nativas, fornece produtos aos restaurantes e promove a agricultura sustentável. O hotel ainda conta com um campo de golfe e um spa.

fourseasons.com/tamarindo



BOTANIC SANCTUARY ANTWERP

A busca pela experiência de bem-estar é muito mais antiga do que se imagina. Foi uma pequena cidade da Bélgica, localizada na província de Liège, que emprestou seu nome para a definição mundial do conceito de resort de saúde. Na Idade Média, já eram registradas verdadeiras migrações em busca dos poderes curativos da água na pequena Spa. Se nos séculos que se passaram a nação das cervejas trapistas e dos chocolates perdeu seu reinado *wellness*, o novíssimo Botanic Sanctuary Antwerp chega para recolocá-la no mapa dos aficionados pela cultura de spas e, porque não, da boa hotelaria. Um projeto de restauração impecável, assinado por Heinz Schletterer, manteve as linhas históricas das edificações de uma capela, um hospital e um convento do século XVI, a era de ouro da cidade dos diamantes. Com somente 108 acomodações, decoradas no estilo wabi-sabi, garantindo o aconchego com tons orgânicos e de terra, o Botanic ostenta a impressionante marca de 4 estrelas Michelin distribuídas em três concorridos restaurantes. Graças à localização no coração do bairro fashion da cidade, com acesso particular a um jardim botânico, já se tornou um *point* concorrido do público belga e de nações vizinhas.

lhw.com



Idílio nos Andes

Em Mendoza, o Entre Cielos oferece experiências voltadas para o universo dos vinhos, mas se supera com um spa que faz do hotel um templo de bem-estar

P principal região vinícola do Novo Mundo, Mendoza é destino recorrente de enólogos em busca dos sabores cada dia mais surpreendentes da região, também conhecida como Terra do Malbec. São de mais de 170 vinícolas abertas à visitação e quase todos os programas são voltados, claro, para o tema do vinho.

Instalada em uma das mais prósperas regiões produtoras, em Luján de Cuyo, em meio aos vinhedos, e tendo a Cordilheira dos Andes e seus picos nevados como sentinela, o Entre Cielos Hotel & Spa pretende elevar a proposta de vivências em torno do vinho. Isso porque o hotel, propriedade de suíços apaixonados pela questão da saúde e do bem-estar, conta com um spa diferenciado: trata-se do único spa a contar com um autêntico *hammam* na América Latina. O complexo desse verdadeiro templo de relaxamento, com impressionantes 650 m², oferece aos hóspedes

(não-hóspedes também podem usar o serviço do spa mediante reserva) o tradicional circuito de purificação entre diversos ambientes, incluindo duas saunas com temperaturas diferentes, duas salas de esfoliação corporal e tratamento à base de lama Kese, piscina aquecida e Gobek Tasi (pedra quente para relaxamento). Após completar o circuito, é possível desfrutar de uma grande variedade de massagens com óleos essenciais, espuma de azeitona, pedras quentes, orientais e reflexologia, entre outros rituais. Quem quiser optar por uma experiência mendocina mais autêntica também encontra um cardápio de tratamentos de vinoterapia com esfoliação com sementes de uva e banhos de vinhos entre as opções.

Devidamente purificados, hóspedes do Entre Cielos encontram, dentro e fora da propriedade, uma variedade de experiências que (quase) sempre incluem degustações e outras propostas voltadas

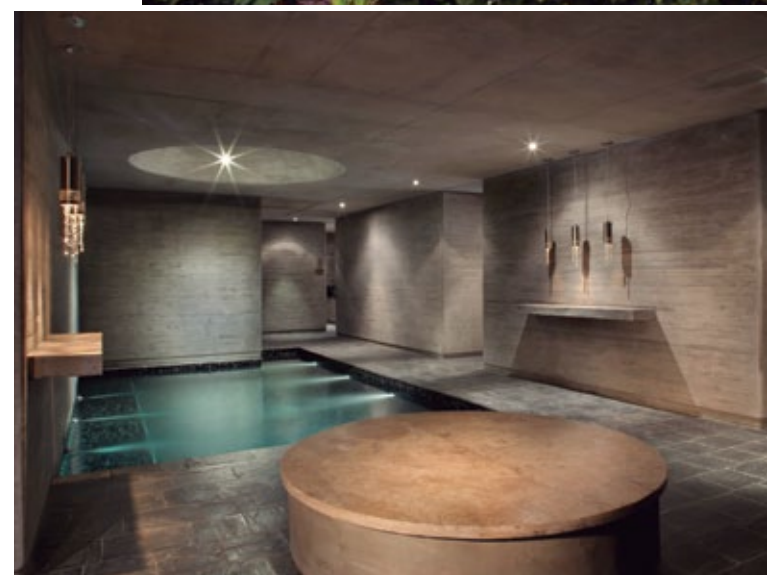
Abaixo, a varanda de um dos lofts, degustação no restaurante e uma das salas do spa do Entre Cielos. Na página ao lado, a acomodação Limited Edition Loft, sobre os vinhedos

para o contexto do enoturismo. Ambas as escolhas certamente serão certas e inesquecíveis ao paladar, seja explorando as diversas bodegas aclamadas dos arredores, seja apreciando a estrutura do hotel, cujas acomodações valem alguma atenção. Espalhadas pelos jardins e vinhedos, 24 suítes recebem com elegância e personalidade. Quem quiser mais privacidade pode optar por um dos oito lofts, com destaque para o Limited Edition Loft, uma estrutura tubular elevada com hidromassagem no terraço e teto retrátil para observar o céu estrelado.

Dentro do Entre Cielos, cujo projeto moderno contrasta com o paisagismo, que ostenta mais de 500 espécies herbáceas, o restaurante do hotel prestigia sabores da cozinha argentina e ostenta uma impressionante carta de vinhos, incluindo diversos rótulos de pequenos produtores. Um *sommelier* assiste os comensais nas melhores escolhas para harmonizar os pratos.

O conceito de prestigiar a comunidade local e a produção artesanal regional é apenas uma entre as diversas medidas sustentáveis que permeiam o conceito do hotel – incluindo a mão de obra, 100% local. 📍

entrecielos.com



UMA EXPERIÊNCIA SEGURA, CONFORTÁVEL E EXCLUSIVA DE **VOAR**.

FRETAMENTO EXECUTIVO
TRANSPORTE AEROMÉDICO
VENDAS DE AERONAVES
FBO E HANGARAGEM

MANUTENÇÃO DE AERONAVES
PEÇAS AERONÁUTICAS
AVIONICS E UPGRADE DE PAINÉIS
PINTURA E INTERIORES



SÃO PAULO (CONGONHAS) - SP | BRASÍLIA - DF | BELO HORIZONTE - MG | GOIÂNIA - GO
RIO DE JANEIRO - RJ | SOROCABA - SP | UBERLÂNDIA - MG | FORT LAUDERDALE - USA

Central de Reservas: 4000-2222
📞 Central de Atendimento Voar: (11) 2275-4000
voar.aero



C6BANK | 

APRESENTA

FESTIVAIS

Afropunk Bahia

Ancestralidade e futuro no maior festival de cultura negra do mundo

POR MARJORIE LUZ



Qual outra cidade do Brasil ecoa tão forte nossa herança africana como

Salvador? Da musicalidade às expressões religiosas, a cidade preserva uma negritude só dela. E, por essa razão, não poderia existir lugar melhor no país para receber o Afro-punk Bahia, a edição latino-americana do maior festival de cultura negra do mundo.

O Afropunk tem origem no documentário *Afro-Punk* (2003), produzido por Matthew Morgan e dirigido por James Spooner, que mostra a vivência de jovens afro-americanos na cena punk e hardcore, predominantemente branca, dos Estados Unidos. O filme criou uma comunidade negra alternativa, e o evento nasceu em 2005, no Brooklyn, Nova York. A partir daí, ele ganhou edições em Atlanta, Paris, Londres e Joanesburgo.

Por meio da música, da arte e da moda, o encontro combina o resga-

te da ancestralidade e a celebração das diásporas africanas num “aquilombamento” moderno. Trata-se de um evento negro de ponta a ponta (do *line-up* à produção), que movimenta afroempreendimentos locais.

Musicalmente, o Afropunk abarca vários gêneros. O punk se deve à sua atitude contra todo tipo de preconceito. Prova disso são os banners espalhados pelo local, com as frases “sem sexismo, sem racismo, sem capacitismo, sem etarismo, sem homofobia, sem transfobia, sem gordofobia, sem ódio”.

No Afropunk, todos são bem-vindos. Mas há uma subversão da lógica de outros festivais, pois esse dá protagonismo às pessoas pretas. Para nós, isso significa um ambiente seguro: exaltamos nossa identidade sem nos preocuparmos com o racismo. Essa característica se traduz especialmente na moda. Os moicanos punk cedem seu lugar a crespos volumosos livres, tranças de todos os estilos e turbantes. Coloridos, com tecidos tradicionais africanos ou estética afrofuturista, os looks exibem a diversidade do povo preto, que lá se expressa livremente.

Em 2020, a pandemia da covid-19 adiou a estreia do Afropunk em Salvador. Com o arrefecimento do coronavírus, a primeira edição ocorreu em 2021, num formato híbrido e reduzido para 3 mil pessoas, no Centro de Convenções, e atizou o desejo de quem o assistiu pela internet. O Afropunk Bahia finalmente chegou com a sua máxima potência em novembro de 2022.

Em cima, placa inclusiva do evento e espectadora assiste a um dos shows

VOZES POTENTES

A segunda edição do Afropunk Bahia aconteceu no Parque de Exposições, no bairro de Itapuã, onde dois palcos, instalados lado a lado, garantiram a boa visibilidade de todos os pontos da arena. O Lounge, a área, ocupava metade do palco principal e oferecia mais conforto, com área de descanso e serviços ampliados. A acessibilidade também foi uma preocupação do evento, que contou com uma equipe dedicada e estrutura para pessoas PCD.

Várias experiências foram criadas para enaltecer o público. Um Black Carpet estava à espera, logo na entrada, para que os *afropunkers* desfilassem com seus *looks*. Outros espaços realizavam maquiagem, pintura étnica e amarração de turbantes. Área gastronômica, lojas de roupas e outros serviços completaram o festival.

Durante dois dias, o público assistiu a um *line-up* azeitado, com mais de 20 artistas na programação, que adentrava a madrugada. O palco Agô, palavra do iorubá que significa “licença”, serviu de plataforma para novos talentos, promovendo a diversidade da música preta brasileira. Na estrutura, inspirada em elementos gráficos de pinturas tradicionais do continente africano, ecoaram versos afiados de rappers como Nic Dias, N.I.N.A e Young Piva e o pagodão baiano da DJ Paulilo Paredão, que dá visibilidade à cena LGBTQIAPN+ de Salvador.

Palavra do idioma quimbundo, Gira traduz o encontro de gerações. Essa era a essência do palco principal do Afropunk Bahia, que também reverenciou artistas aclamados de diferentes gêneros. Os mineiros da banda de heavy metal Black Panther abriram os trabalhos, para então dar lugar ao axé de Margareth Menezes, com uma linda participação da Banda Didá. O samba reinou no encontro marcante de Mart'nália, Larissa Luz e Nelson Rufino.



FOTOS @CLEOMARIOALVES - EQUIPE SÉRGIO E @_RAFAELPHOTOS

Um brinde
aos **2 anos da UNQUIET**,
com drinks tão únicos
quanto nossos destinos.



Socotra Tea

12° 30' 36" N, 53° 55' 12" L



Inspirado na Ilha de Socotra



Inspirado em New Orleans



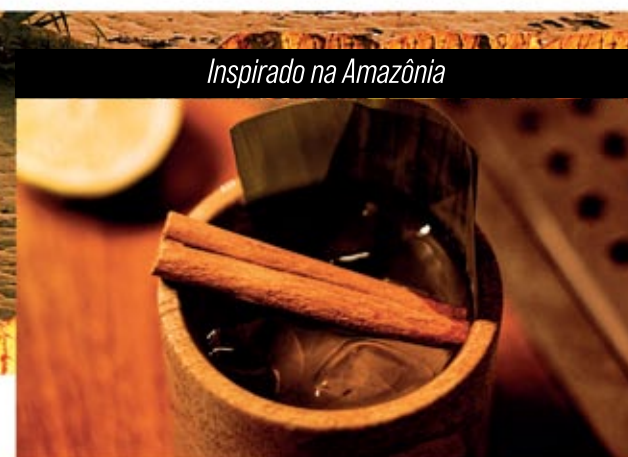
Magazine Street

29° 57' 53" N 90° 4' 14" O



Atalaia Sour

4° 22' 20" S, 70° 11' 33" O



Inspirado na Amazônia



Para comemorar nossos 2 anos, convidamos o premiado bartender Gabriel Santana para desenvolver drinks exclusivos inspirados em alguns de nossos destinos mais incríveis. **Escaneie o QR Code para aprender a prepará-los e brindar com a gente.**

@revistaunquiet

Stay alive. Be

UNQUIET



Acima, em sentido horário, Margareth Menezes se apresenta no festival, e o público desfila looks e sorrisos exaltando a cultura afro

Pelo Gira passaram outros shows memoráveis. Enquanto o rapper paulistano Emicida emocionou o público ao apresentar o repertório de *AmarElo*, Baco Exu Blues, que estava em casa, causou frisson do início ao fim, com direito a uma homenagem à cantora Gal Costa, falecida naquele mês, e a uma roda punk, tirando toda a plateia do chão.

Após se tornar a primeira mulher trans a conquistar um Grammy Latino, a cantora Liniker subiu ao palco numa performance poderosa ao lado de sua banda. Já Ludmilla conseguiu fazer o público dançar mesmo debaixo de uma chuva incessante, elencando hits de toda a sua carreira – desde as batidas irresistíveis do funk carioca até o pagode do álbum *Numance*, que também lhe rendeu um Grammy Latino.

O Afropunk Bahia ainda contou com duas atrações internacionais: o afrobeat do duo de irmãos colombianos Dawer x Damper e o jamaicano-americano Masego, cantor de R&B e saxofonista, que pela primeira vez se apresentou no país com show e banda completos.

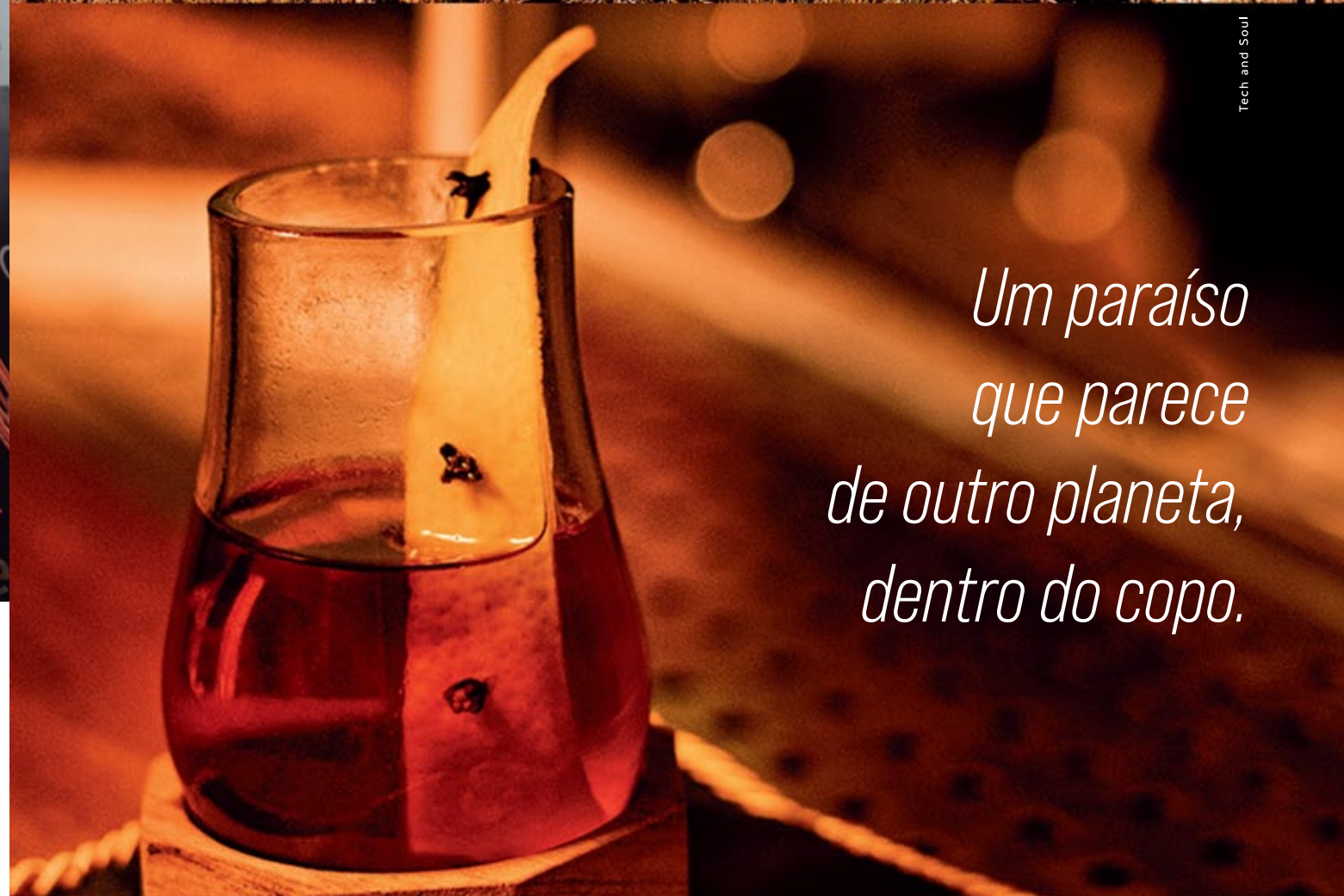
Pelo senso de comunidade e pertencimento criados ali, o Afropunk Bahia potencializou a emoção de assistir artistas incríveis que dialogam com a minha existência. Ao passo que grandes festivais nacionais subestimam a força de artistas negros – e até mesmo a música baiana para além do Carnaval –, a chegada do Afropunk ao Brasil aponta para novos caminhos, atestando a importância de eventos mais diversos, inclusivos e fora do eixo Rio-São Paulo.

Felizmente, a terceira edição do Afropunk Bahia já tem data confirmada: 18 e 19 de novembro de 2023. 📍



Socotra Tea

12° 30 ' 36" N, 53° 55 ' 12" L



Um paraíso
que parece
de outro planeta,
dentro do copo.



Faça o drink Socotra Tea,
inspirado na Ilha de Socotra.
Um brinde aos 2 anos da UNQUIET.

Stay alive. Be

UNQUIET



SUSTENTABILIDADE

A VERDADEIRA JOIA DA CHAPADA

Produção têxtil de cooperativa de Rio das Contas é motivo de orgulho e valorização

Um dos pontos de visitação mais notáveis da Chapada Diamantina, a pequena cidade de Rio das Contas (BA) é marcada pela história da extração mineral na região, conservando a rica arquitetura desse período e sendo tombada pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Não fosse pelo apelo do passado, o vilarejo certamente constaria no roteiro de quem visita a Chapada por outro valioso motivo: sua notável

produção têxtil artesanal, comandada pelas artesãs da Cooperart (Cooperativa Artesanal Mista de Rio das Contas). O projeto, embora singelo, chama a atenção pelo diferencial do trabalho realizado por 15 artesãs, que se encontram semanalmente para produzir e fortalecer os laços comunitários.

Dos encontros saem peças de vestuário, cama, mesa e banho com uma característica marcante, o Crivo Rústico, um tipo de bordado de origem portuguesa, introduzido em Rio de Contas ainda no perío-

Magazine Street

29° 57' 53" N 90° 4' 14" O

Tech and Soul

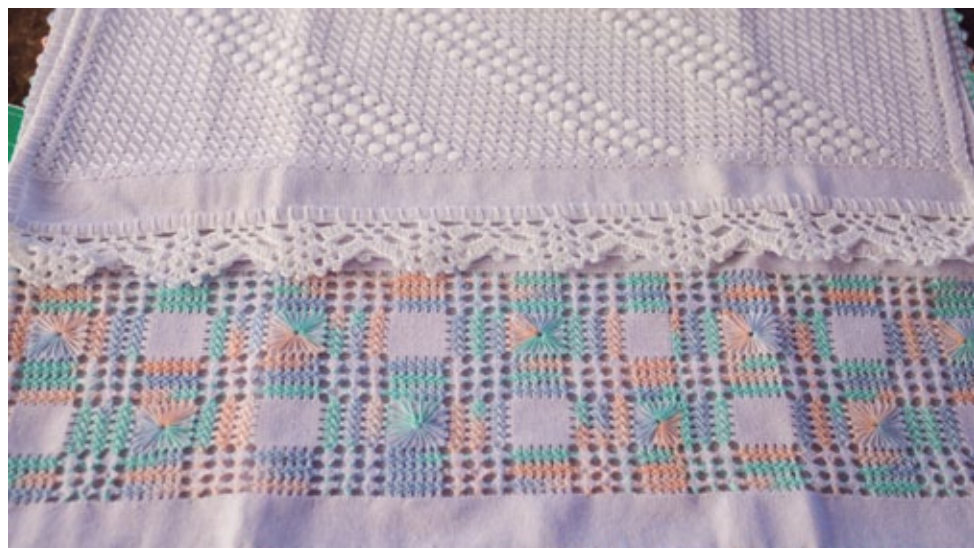


*Um drink para
brindar New Orleans
do mesmo jeito
que viajamos para lá:
saindo do óbvio.*



Faça o drink Magazine Street,
inspirado em New Orleans.
Um brinde aos 2 anos da UNQUIET.

Stay alive. Be UNQUIET



Ao lado, toalhinhas feitas com o bordado Crivo Rústico, ponto que diferencia o trabalho das artesãs da Cooperart, loja que vende as peças em Rio de Contas e o grupo de bordadeiras reunido



nacional e internacionalmente. Além de participar de feiras de artesanato, as peças são vendidas em lojas de diversos estados.

“Essa é uma arte passada de geração a geração. A cooperativa cria diretamente trabalho e renda para um grupo de 29 participantes e ajuda a atrair o turismo para a cidade”, explica Vitoria Neta do Nascimento Silva, presidente da Cooperart.

Além da renda obtida, a Cooperart é responsável pela valorização da cultura regional, oferecendo dignidade à população por meio de um trabalho reconhecido, que atrai visitantes em busca de peças como quem garimpa um diamante nos vales, montanhas e escarpas da Chapada Diamantina. 📍

artesanato.org.br/cooperart

do colonial. A produção consiste em desfiar o tecido, formando padrões geométricos, com uma espécie de grade. As linhas retiradas são utilizadas nos bordados, que podem também ser feitos com linhas de algodão manufaturadas. A rusticidade das tramas do tecido 100% algodão e a qualidade do trabalho manual o diferenciaram, a ponto de ser conhecido

zação da cultura regional, oferecendo dignidade à população por meio de um trabalho reconhecido, que atrai visitantes em busca de peças como quem garimpa um diamante nos vales, montanhas e escarpas da Chapada Diamantina. 📍



Atalaia Sour

4° 22' 20" S, 70° 11' 33" O

A melhor forma de descrever os sabores únicos da Amazônia, é criando um drink para você prová-los.



Faça o drink Atalaia Sour, inspirado na Amazônia.

Um brinde aos 2 anos da UNQUIET.

Stay alive. Be **UNQUIET**

CHECK-IN

Tudo à mão

Funcionalidade, conforto e sustentabilidade são a melhor combinação para um embarque tranquilo e uma viagem inesquecível

POR LUCIANA LANCELOTTI



ARMÁRIO VIAJANTE

Nada de perder tempo arrumando e desfazendo malas durante a viagem. Uma das propostas do modelo The Castle Classic, da Royce & Rocket, é preservar a organização de roupas, acessórios e tudo o que você decidir levar. Feita de policarbonato, com rodízios 360° suaves e silenciosos, a mala tem duas prateleiras, produzidas originalmente dentro dela, e faz as vezes de um armário itinerante, equipada com um bolso com zíper escondido, para objetos de maior valor, e cadeado TSA. A Royce & Rocket produz malas e acessórios de luxo sustentáveis, idealizados para minimizar o impacto no meio ambiente e atender às necessidades de uma nova geração de viajantes conscientes. À venda no site royceandrocket.com

LIFE-SAVER COLECIONÁVEL

Mais do que acessórios multifuncionais, os canivetes da Victorinox, produzidos com aço 95% reciclado, duram uma vida e se tornaram clássicos entre os viajantes e aventureiros urbanos. Há modelos para todos os gostos – algumas versões são alçadas ao status de itens de colecionador, caso do Off-White™ c/o Victorinox, o lançamento mais recente da marca suíça. Criado em edição limitada sob a direção de Virgil Abloh (1980–2021), em parceria com a Off-White. Apenas 3 mil peças foram produzidas e distribuídas em lojas de diferentes países, com numeração gravada. O conceito deste canivete propõe uma reflexão sobre o início dos tempos, com o desenho de folhas que representam a forma de equipamentos antigos. Com 11 ferramentas, entre elas chaves de fenda, lâminas, saca-rolhas e serra de madeira, ele é produzido com um material novo no mercado, a superfície sólida de Corian, não porosa e homogênea, composta de resina e minerais naturais.

victorinoxstore.com.br



AQUELA FORÇA

Este *power bank*, movido a energia solar, é um senhor acessório para levar nas viagens. O design dobrável e o peso (538 g) tornam possível carregar o dispositivo na mochila e ao ar livre, durante acampamentos, passeios de bike, pescas e caminhadas, independentemente da disponibilidade de energia elétrica. Compatível com iOS e Android, o ADDTOP Solar Portable Power Bank Charger tem ainda um grande diferencial em relação a outros *power banks* a energia solar disponíveis no mercado: ele conta com quatro painéis solares de alto desempenho, reduzindo o tempo de carregamento, e tem duas portas de saída USB, que permitem a carga simultânea de dois celulares. A capacidade massiva de 25000 mAh permite ligar um iPhone 12 oito vezes e um Samsung S21 seis vezes. À venda na **Amazon UK**.



SEGURANÇA PARA VIAJAR

As vantagens de contar com um carro com caçamba espaçosa são diversas, incluindo a possibilidade de transportar os mais variados objetos. A comodidade é especialmente útil para quem pensa em viajar: pranchas, bicicletas, malas e outros itens, sempre indispensáveis em *roadtrips*, agora contam com segurança extra na hora do transporte. Lançamento recentíssimo, a capota retrátil

automática é fabricada em alumínio de alta resistência e tem uma trava que inibe o vandalismo, assegurando proteção extrema para armazenar a sua bagagem sem preocupação. Além disso, tem abertura automática a um toque do controle remoto exclusivo.

mitsubishimotors.com.br

**produto vendido separadamente*

O SEGREDO DOS SEUS ÓCULOS

Os óculos de sol estão entre as melhores companhias para viajar, mas nem todos dão conta de prevenir os arranhões típicos das aventuras ao ar livre, realizadas entre árvores e rochas, sem contar o risco de queda. A Vava Eyewear é uma marca portuguesa de óculos de alta qualidade, feitos à mão em fábricas de propriedade familiar na Itália, com características para acompanhar qualquer perfil de viajante. As lentes planas de cristal Barberini com revestimento oleofóbico (que evita marcas de digitais) são resis-

tentes a riscos e têm proteção UV entre 100 e 410%, além de oferecer uma excelente clareza de visão. A armação, superleve e produzida com bioacetato biodegradável, é totalmente reciclável. O modelo CL0009, da foto, traduz o estilo da marca: unissex, contemporâneo e *avant-garde*, o resultado da união de alta tecnologia e sustentabilidade com o conhecimento e a arte dos grandes mestres dos óculos artesanais. À venda no site **vavaeyewear.com**, com frete grátis para o Brasil.



RENDA FIXA EM DÓLAR

Agora, ficou mais fácil dolarizar a sua carteira. Clientes do C6 Bank tem opções de renda fixa em dólar direto pelo app do C6 Bank. Um serviço antes restrito a clientes de Private Banking, agora pode ser acessado com muito mais facilidade. Você pode diversificar sua carteira de investimentos com os Certificados de Depósitos (CD) prefixados com prazos a partir de 30 dias. Para ter acesso ao investimento, abra uma conta no C6 Global Invest pelo app do C6 Bank e aguarde o contato de um assessor de investimentos. Clientes que já possuem um Carbon Partner ou um assessor de investimentos, podem chamá-los para começar a investir. O investimento mínimo é de US\$ 500.

c6bank.com.br/c6-global-invest

RAZÕES PARA SORRIR

Uma alternativa ecológica e não tóxica às pastas de dentes tradicionais em tubos, a Sana Green é a primeira pastilha dental produzida no Brasil. Seu desenvolvimento é voltado para o uso no dia a dia, mas há várias qualidades que tornam a utilização ideal também nas viagens – a começar pela embalagem, reutilizável, leve e com um tamanho perfeito para carregar na bolsa. O produto é vegano e 100% natural, sem parabenos, petroquímicos, silicões, flavorizantes artificiais e outros aditivos em sua composição. Mais vantagens? Parte da renda é revertida para comunidades ribeirinhas na Amazônia, que também recebem o produto para uso próprio. Essa é uma iniciativa resultante da parceria com a Fundação Amazônia Sustentável. **sanagreen.com.br**





48 HORAS

No coração do México

48 Horas de tradição cultural e gastronômica em Guadalajara

POR CHIARA CORTEZ E PEDRO SAGESSER RODRIGUES

Embora figure apenas como a sétima maior cidade do México, Guadalajara é o verdadeiro estereótipo da tradicional cultura mexicana que o mundo conhece. É fiel à gastronomia original, atende pelo posto de “berço da tequila”, exalta músicas e danças (com destaque para os famosos *mariachis*) e é característica no artesanato, na moda, na arte e na arquitetura. Um dos principais *hubs* aeroportuários do país, é o destino perfeito para um *stopover* de 48 horas, o tempo ideal para explorar a cidade.

San Pancho: com muito verde e um centro seguro e fácil de circular, Guadalajara também dá acesso a uma série de regiões turísticas, principalmente às belas praias da Riviera Nayarit, onde o destaque é justamente a linda Praia de San Pancho.

Casa Habita: intimista e estiloso, o hotel é uma das propriedades do Grupo Habita, rede com foco em hotéis típicos de luxo, de pequeno e médio porte. Em uma das áreas mais arborizadas da cidade, o Casa Habita conta com uma ótima área de confraternização em sua varanda, com piscina e bar entre árvores, além de quartos amplos e confortáveis.

Sinónimo: a cinco minutos a pé do hotel, o lugar é ideal para começar o dia com um excelente café da manhã, com opções de pratos bem tradicionais, preparados com ingredientes regionais, em especial o café, de ótima qualidade. O espaço é moderno e oferece ainda uma seleção do belo artesanato local, parte seguindo linhas tradicionais e parte com design mais moderno, tudo imaginado pelos proprietários e executado por artesãos.

Hospicio Cabañas: um dos centros culturais mais renomados do país, o espaço está abrigado em um complexo hospitalar do século XVIII. Faça dele seu programa principal do dia e reserve horas para passear por seu interior e apreciar todas as galerias, que exibem uma excelente coleção permanente de arte e mostras temporárias de artistas locais, dos mais tradicionais (com destaque para os famosos muralistas) aos contemporâneos. O complexo abriga uma das obras-primas de José Clemente Orozco: os murais da

sua capela principal, com visitas guiadas a cada hora, feitas por alunos universitários. Não perca!

Taqueria México: parada providencial para uma refeição pós-museu, o restaurante tem ambiente simples, com oferta de tacos supertradicionais e uma enorme variedade de recheios, com muitos cortes diferentes de carne e até opções vegetarianas. Não esqueça de adicionar os molhos e temperos que vêm à mesa. Os acepipes vão muito bem com uma cerveja mexicana gelada.

La Docena: comer é uma constante em Guadalajara, por isso prepare o apetite. Depois de ótimos tacos pela tarde, o jantar é no La Docena, uma rede que hoje possui diversas unidades pelo país, mas é de origem local, com especialidade nos deliciosos frutos do mar, que chegam diretamente da costa. Entre os drinques, escolha o *cantarito*, um coquetel tradicional da região à base de tequila, laranja, limão e refrigerante de toranja, servido numa jarrinha de argila. Não deixe de pedir as deliciosas ostras regionais, inclusive grelhadas em manteiga e salsinha, as perfeitas *tostadas* de atum e o maravilhoso peixe inteiro na brasa, cortado na mesa e acompanhado de deliciosas guarnições. Consulte os “especiais da semana”, sempre com foco em frutos do mar da estação, em preparações simples, mas impecáveis. O ambiente, aberto e descolado, e a ótima trilha sonora se agregam a essa experiência única.

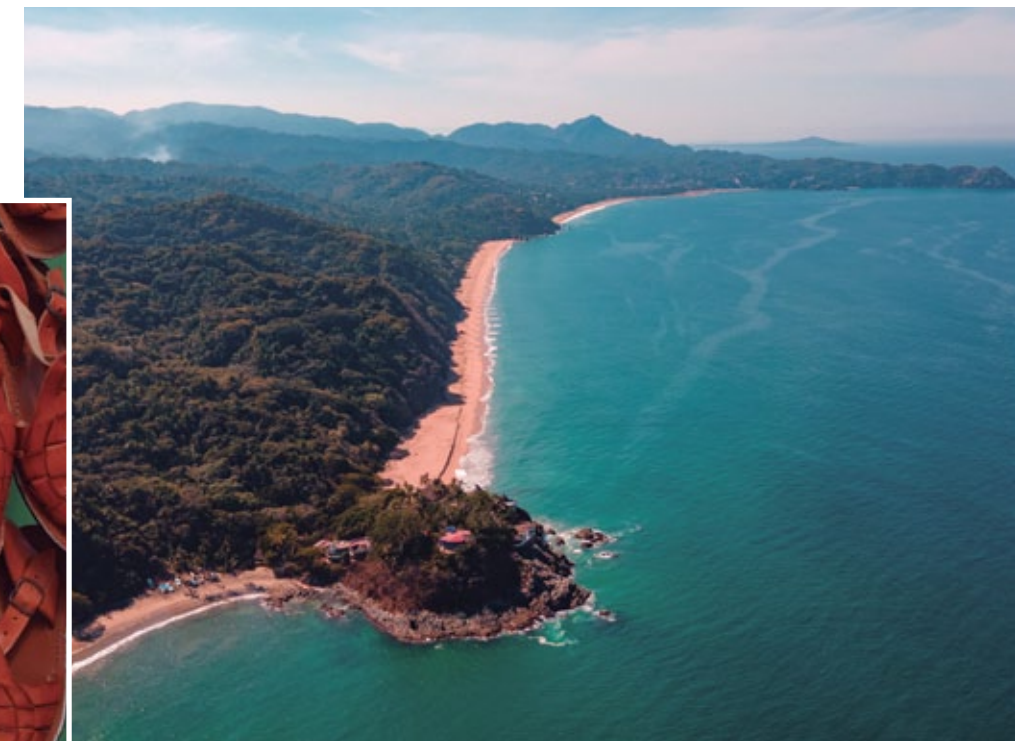
Mercado Libertad San Juan de Dios: a segunda manhã na cidade guarda um dos momentos mais esperados, afinal trata-se de um dos maiores mercados da América Latina, com cerca de 2,9 mil estabelecimentos. O espaço tem oferta de tudo que se pode

imaginar – comida, artesanato, roupas e objetos para a casa. Perder-se por seus corredores e andares, sem pressa, curtindo aromas, texturas e os sons, é uma experiência única. Os destaques vão para as alas de artesanato (cestas maravilhosas, muita cerâmica, objetos feitos e pintados à mão, e carpintaria de alto padrão) e o corredor do couro, um dos principais produtos da região, cuja economia se baseia na agropecuária. As bolsas artesanais, as botas, os chapéus e os *huaraches* (sandálias de couro típicas trançadas à mão) são de fazer cair o queixo. Experimente primeiro, pois os vendedores fazem ajustes na hora.

La Panga del Impostor: é um lugar para comer como os verdadeiros locais e para se sentar por horas a fio, trocando *micheladas*, cervejas e degustando diferentes pratos de frutos do mar – de arrepiar. O ambiente praiano, com mesas e cadeiras de plástico, nos transporta para outro tempo. Depois de muitos *aguachiles* (frutos do mar banhados em molhos com sabores impressionantes) e mais *tostadas*, a volta para o hotel é rápida, já que ele está a apenas dois quarteirões do restaurante.

Sem dúvida há muito mais para ver, comer, ouvir e do que se enamorar nessa cidade, temperada por um povo de cultura riquíssima, o coração de um país encantador. Mas curtas 48 horas são tempo o suficiente para Guadalajara arrebatar qualquer visitante com sua beleza, o requinte da sua comida, a variedade e o refinamento de suas tradições artesanais e a riqueza da sua arte e história. Se você é fã da combinação única de simplicidade e herança cultural, não deixe de considerar Guadalajara como uma parada de muito valor na região. 📍

Ao lado, vista da praia de San Pancho, na Riviera Nayarit, e as típicas sandálias *huaraches*, à venda no Mercado San Juan de Dios. Na página ao lado, a cúpula com afrescos no Hospicio Cabañas e um dos pratos do La Panga del Impostor





BIBLIOTECA

BUENOS AIRES

*Com o maior número de livrarias per capita do planeta,
Buenos Aires é a única cidade abaixo do Equador que oferece
de tudo para todos os gostos*

POR ROBERTO MUGGIATI



Buenos Aires tem mais livrarias do que o Brasil inteiro. Pode parecer mais uma provocação dos *hermanos*, mas não é. A cidade, eleita em 2011 como a Capital Mundial do Livro pela Unesco, foi a 11ª a receber a honraria. Um estudo publicado em 2014 pelo World Cities Culture Forum comprovou: Buenos Aires é mesmo a cidade com o maior número de livrarias por habitante no planeta. São 25 para cada 10 mil pessoas (São Paulo tem 3,5), mas na região central a proporção pode chegar a uma livraria para cada 250 habitantes!

MONUMENTO NACIONAL

Age before beauty. Vou subverter a etiqueta anglófila dos portenhos iniciando este roteiro não pela livraria mais antiga de Buenos Aires, mas pela mais bonita, e de uma beleza avassaladora: El Ateneo Grand Splendid, instalada dentro de uma sala de espetáculos monumental. Imagine o cenário majestoso do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, com sua ampla plateia, seus camarotes, balcões e torrinhas, totalmente tomado por estantes cheias de livros, que se estendem até ao poço da orquestra. Inaugurado em 1919 na Avenida Santa Fé, no Barrio Norte, como um teatro de mil lugares no estilo eclético, o Grand Splendid acolheu o tango de Carlos Gardel, Francis-

co Canaro e Jorge Firpo, sediou a Rádio Splendid e a gravadora Nacional Odeón e exibiu, a partir de 1929, os primeiros filmes sonoros. Arrendado em 2000 por um grande grupo de livrarias, foi transformado num megaespaço de 2 mil metros quadrados e, já em 2007, vendia mais de 700 mil livros. Cerca de 1 milhão de pessoas visitam o local anualmente.

A clientela tem à sua disposição cadeiras de praia para folhear à vontade livros dos mais variados gêneros e procedências antes de fazer a sua escolha. Nesse ambiente inspirador – com muitos detalhes originais intactos, como as cortinas carmesim do auditório, as peças da iluminação e os adereços arquitetônicos – funciona também um simpático café. Numa pesquisa de 2008, o prestigioso jornal britânico *The Guardian* classificou a Ateneo Grand Splendid como a segunda melhor livraria do mundo.

A MAIS ANTIGA

Priorizando agora a idade, vamos falar da Librería de Ávila, aberta em 1785 – pouco depois da Independência dos Estados Unidos e quatro anos antes da Revolução Francesa! Foi no bairro de Montserrat, na esquina das *calles* Adolfo Alsina e Bolívar, que se vendeu o primeiro livro em Buenos Aires, 237 anos atrás. No estabelecimento do farmacêutico Francisco Salvio Marull encontrava-se de tudo um pouco, remédios, tabaco, periódicos – La Botica era uma

espécie de shopping center da época. Ali se vendeu em 1801 o primeiro jornal da cidade, *El Telégrafo Mercantil, Rural, Político, Económico e Historiográfico del Río de la Plata*. Para “satisfazer as inquietudes bibliófilas” dos habitantes da colônia espanhola, a Botica passou a importar livros da Europa e do Alto Peru. Seria um enigma borgiano especular qual foi exatamente o primeiro livro comprado ali, mas o velho bricabraque deixou de vender leite e aguardente e se concentrou no ramo livreiro, adotando em 1830 o nome Librería del Colégio por ficar de frente ao Colégio Nacional, a instituição de ensino mais antiga do país, fundada pelos jesuítas. Por suas estantes circularam os presidentes Domingo Facundo Sarmiento e Bartolomé Mitre e escritores como Jorge Luís Borges, Leopoldo Lugones, Ernesto Sabato e Victoria Ocampo.

A demolição do edifício, em 1926, e a construção de um novo em seu lugar provocaram uma ruptura nos negócios da livraria, que fechou em 1980. Em 1993, a antiga Librería del Colégio foi comprada por Miguel Ávila, livreiro desde os 13 anos de idade, que levou mais de um ano para reformá-la, num trabalho quase arqueológico. Orgulhoso do resultado, batizou-a de Librería de Ávila e ele mesmo preside o atendimento, com a ajuda do filho Facundo.

É no subsolo que estão os tesouros: livros raros ou esgotados e curiosidades. O forte são os estudos argentinos e latino-americanos sobre arqueologia, antropologia, botânica, indigenismo, história e linguística. Em 2000, o governo declarou a Librería de Ávila um “patrimônio histórico-cultural”.

CAFÉ (OU VINHO) COM LEITURA

Frequentador cativo do sebo da Igreja de St. Luke's, em Botafogo, Rio de Janeiro, encontrei lá pouco antes da pandemia uma simpática sacola da Eterna Cadencia, livraria na *Calle Honduras*, em Palermo. Prometi a mim mesmo que na próxima viagem a Buenos Aires a primeira coisa que farei será visitar essa casa de nome tão inspirador. Fiquei sabendo que, além de uma seleção de livros impecável, e atendimento idem, a Eterna Cadencia tem nos fundos um café-restaurant, onde podemos passar horas descontraídas longe desse insensato mundo e no coração de páginas inesquecíveis.

Também nessa região, batizada mais recentemente de Palermo Soho, fica a Libros del Pasage, com um catálogo diversificado de literatura argentina, livros de moda e guias de viagem. Ali se organizam regularmente atividades infantis, que visam atrair as crianças desde cedo para o mundo



Nesta página, interior da Eterna Cadencia e casal dançando tango. Na página ao lado, fachada da Librería de Ávila





Na Falena
Livros, ao lado,
o ambiente
dá charme à
loja. Abaixo,
as prateleiras
repletas da
Libros del
Pasage

dos livros. Um café acolhedor oferece opções de sanduíches e doces e uma carta de vinhos a preços razoáveis.

Num mercado tão disputado, as livrarias de Buenos Aires vão além dos livros e procuram criar um perfil diferenciado com outros atrativos – cafés, confeitarias, restaurantes, *winebars* e a própria decoração. Nesse quesito, a Falena Libros oferece um ambiente rústico, com paredes de tijolos aparentes e plantas ornamentais, num dos mais belos pátios de Buenos Aires, em La Chacarita, não muito longe das badaladas ruas do Palermo Soho.

Embora pequena, a seleção de livros é refinada, com o melhor da literatura clássica e contemporânea e títulos de não ficção, arte e design. Ali o cliente pode se sentar num sofá com uma taça de rojo e escolher um livro como se estivesse no aconchego de sua própria biblioteca. A Falena promove vários eventos: palestras, oficinas e ciclos de música ao vivo. No espaço do subsolo, chamado Black Forest, pode-se ouvir um bom jazz (os músicos argentinos não se limitam apenas ao tango). Ali tocaram nos anos 1960 feras como o saudoso saxofonista Gato Barbieri, autor da trilha sonora de *O Último Tango em Paris*, e o premiado pianista e arranjador Lalo Schiffrin, vivíssimo em seus 90 anos. (Em 2009, ele recebeu um Oscar honorário “em reconhecimento de seu estilo musical único, sua integridade como compositor e suas influentes contribuições para a arte das partituras cinematográficas”).

Outra livraria nessa mesma região que investe em café e plantas é a Dain Usina Cultural. Com um acervo impressionante de mais de 20 mil exemplares, ela ainda consegue encomendar e entregar em 24 horas qualquer livro disponível em Buenos Aires. Organiza atividades culturais, como lançamentos, cursos, palestras, exposições de arte e

ciclos de música e cinema. Seu café-restaurant oferece um cardápio original no agradável terraço, cercado de plantas.

CONEXÃO LATINA

Também em Palermo, a Librería del Fondo, do grupo mexicano Fondo de Cultura Económica, foi criada em 2016 para reforçar os laços culturais entre México e Argentina e servir como um ponto de encontro para os amantes das ideias, das artes e das letras. Seu vistoso prédio de concreto se impõe na paisagem portenha, sendo o último projeto de Clorindo Testa, mestre da arquitetura brutalista argentina, criador também do edifício da Biblioteca Nacional. São dois andares de livraria, um salão para atividades culturais e uma sala de exposições. O acervo foca a literatura e as ciências sociais, mas há também uma atraente seção de histórias em quadrinhos e outra de livros infantis e ilustrados. O luminoso pátio da Librería del Fondo exhibe um mural da artista Isol e, item obrigatório nas livrarias



de Buenos Aires, conta com uma filial da cafeteria Lattente, uma das melhores da cidade.

Por uma questão física, eu diria que as livrarias de Buenos Aires que podemos conhecer são apenas a ponta do iceberg do que a cidade tem a oferecer nesse particular. Cito outros nomes que me atraíram: a Librería Guadalquivir, a Tres Deseos, a Joyce, Proust & Co., a Los Argonautas, a Caleidoscópio Libros e uma Librería Monk, que nada tem a ver com o romance gótico inglês do século XVIII, o pianista de jazz ou o detetive neurótico da TV e fica num endereço de letra de tango: Corrientes 1471.

Por questões sentimentais, eu incluiria neste roteiro o simpático Kiosco y Librería Siglo XXI, na Avenida San Isidro Labrador. Em 1975, a editora Siglo Veintiuno lançou uma tradução do meu livro *Rock: O Grito e o Mito*, subtítulo *A Música Pop como Forma de Comunicação e Contracultura*. Diferentemente da edição brasileira, que teve quatro edições, entre 1973 e 1983, a versão hispânica obteve menor repercussão – seus leitores pareciam mais interessados em apreciar o som do que queimar as pestanas com teses pós-estruturalistas. No acerto de contas final, perguntaram-me se, em vez do vil metal, eu toparia receber meus direitos autorais em livros do seu catálogo. Não hesitei e ganhei assim uma bela coleção das obras (quase) completas de Borges e Cortázar.

Não procurem homenagear os espólios desses dois grandes gênios em Buenos Aires, pois eles jazem a mais de 10 mil quilômetros de distância: Borges em um cemitério de Genebra, e Cortázar no de

Montparnasse, em Paris, onde viveu seus últimos 33 anos, em repúdio à ditadura argentina. Talvez algumas ligeiras vibrações de Borges possam ser captadas na Biblioteca Nacional de Buenos Aires, que ele dirigiu de 1955 a 1983. As instalações da instituição, em La Recoleta, se agigantaram a partir dos anos 1990, com um novo edifício, fazendo da Biblioteca Nacional Mariano Moreno um dos centros de estudos mais notáveis da América Latina. A presença de Borges ainda se encontra forte lá.

Sobre o amor aos livros que os portenhos compartilham com o mundo, reproduzo o fabuloso fecho de um conto de Borges, *A Biblioteca de Babel*: “Atrevo-me a insinuar esta solução do antigo problema: A Biblioteca é ilimitada e periódica. Se um eterno viajante a atravessasse em qualquer direção, comprovaria ao fim dos séculos que os mesmos volumes se repetem na mesma desordem (que, reiterada, seria uma ordem: a Ordem). Minha solidão alegra-se com essa elegante esperança”. 📍

Acima, café
com leitura
na Dain Usina
Cultural.
Ao lado, os
escritores Jorge
Luís Borges e
Julio Cortázar



Ba hia

BRASIL

O DIAMANTE DO SERTÃO

Cenários que encantam os olhos. Águas cristalinas, que correm por inúmeros rios de pedras coloridas, formando corredeiras e cachoeiras. Poços e piscinas de cores variadas. Grutas, cavernas. Antigas trilhas de garimpeiros, cidades históricas. A Chapada Diamantina é uma preciosidade para ser vista, vivida e protegida. Bem-vindos ao incrível sertão baiano!

POR MARINA LIMA PASSERINI
FOTOS MARINA BANDEIRA KLINK



A

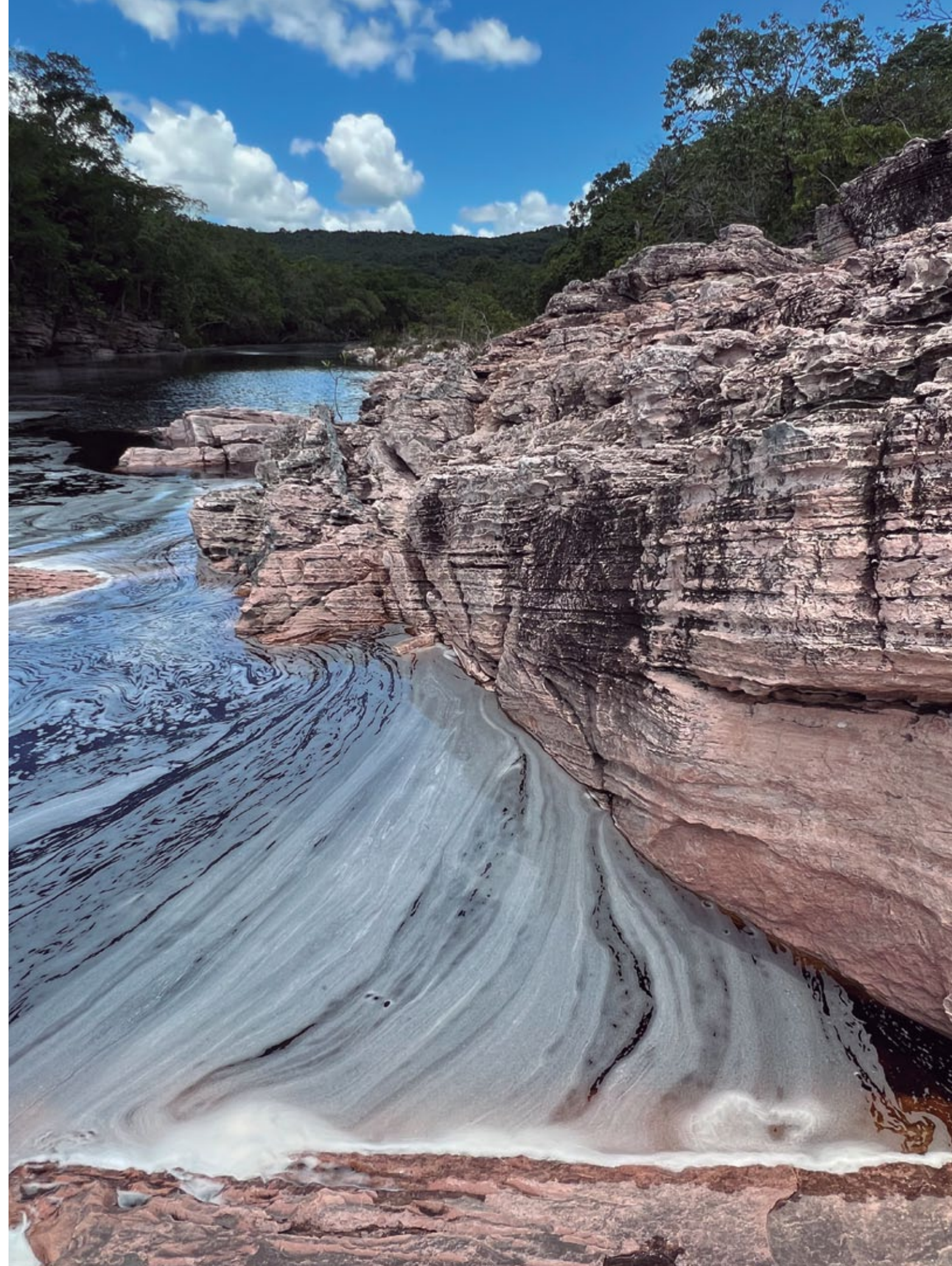
qui tem de tudo um pouco. Quem procura aventura encontra inúmeras propostas: cachoeiras, grutas, cavernas, poços de água, rios e trilhas. Há também tobogãs naturais, tirolesas, rapel, mergulho, *snorkel*, flutuação e contemplação. Prefere uma programação mais cultural? As cidades históricas, ainda repletas do casario original de arquitetura colonial, recontam o período do ciclo do garimpo, que tanto revela sobre a história da região da Chapada Diamantina, destino que se firmou entre os mais cobiçados do Brasil para quem busca experiências diversas e genuínas no coração da Bahia.

Uma miscelânea de sotaques, origens e idades – gente que nasceu ali, herdeiros do garimpo, gente que foi, se apaixonou e ficou – forma a simpática população, que se mistura aos visitantes que chegam para desbravar a natureza suprema da Chapada. Entre vales e montanhas com topos chapados (daí o nome), o lugar é cenário para aventuras de todos os níveis. Desde os que buscam passeios bem fáceis até os que desejam aventuras extremas, todos encontram seu caminho. Desbravar essa região numa *roadtrip* a bordo de uma Mitsubishi L200 Triton fez toda a diferença para acessar lugares ainda mais especiais.

NASCE UM PARQUE NACIONAL

Aqui a força da natureza se manifesta de forma intensa. Tudo é muito impressionante. Só de cachoeiras são 360 catalogadas. É praticamente uma para cada dia do ano. Grutas são mais de 200, além de 1,5 mil quilômetros de trilhas, um parque nacional de 152 mil hectares e um consenso: ainda há muito a ser descoberto. Quem confirma é o biólogo, PhD em botânica e escritor norte-americano Roy Funch, morador de Lençóis, cidade que atende como o “centro” da região desde 1978. Ele veio ao Brasil como voluntário do Corpo da Paz (Peace Corps), um grupo que presta serviços aos países em desenvolvimento, e aqui ficou. “Você pode passar a vida inteira na Chapada Diamantina e não vai conhecer tudo”, explica ele, que até hoje faz expedições com antigos garimpeiros de diamantes para descobrir e catalogar plantas, rios, grutas e cachoeiras. Roy conta que foi numa dessas andanças que constatou a magnitude do lugar e logo pensou: “Se esse lugar fosse nos Estados Unidos, com certeza seria um parque protegido”. Assim, o americano escreveu, em 1979, a “primeira carta para o Brasil”, solicitando ao analista ambiental Sérgio Brant, do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), atual Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), a criação do Parque Nacional da Chapada Diamantina, que foi finalmente criado, em 1985. Por muito tempo, Roy foi o único a dar voz à região: atuou como guia turístico e professor, ensinou os filhos dos garimpeiros a preservar a região e trabalhar como guias, escreveu livros, trabalhou com artesanato local, foi secretário de turismo e de meio ambiente, diretor do parque e hoje é uma referência na região.

Ao lado,
formação rochosa
no Rio Capivara
– o mesmo que
ilustra a capa
desta edição.
Na página
anterior, a
impressionante
queda da
Cachoeira da
Fumaça



GIGANTE PELA PRÓPRIA NATUREZA

Como não é todo mundo que tem o privilégio de passar a vida na Chapada, quem visita a região deve reservar entre sete e dez dias para conhecer as principais atrações – sem contar com a travessia do Vale do Pati, considerado um dos *trekkings* mais belos do mundo, uma verdadeira imersão na natureza, entre montanhas imensas, paredões rochosos, rios e cachoeiras. Trata-se de uma viagem à parte, ou uma extensão programada, que leva de três a sete dias, dormindo em casas de família no trajeto.

Como as atrações ficam distantes umas das outras, uma opção é pernoitar cada noite em um povoado, como Mucugê, Andaraí e Vale do Capão. Mas há quem prefira se instalar em Lençóis, uma cidade linda, tombada pelo Iphan por seu conjunto paisagístico e arquitetônico, que tem a melhor infraestrutura e o único aeroporto da região. Lençóis exala alegria. Entre janeiro e fevereiro, ela é sede da Festa do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, que expressa o agradecimento dos garimpeiros pela proteção de seu padroeiro. A celebração começa com a lavagem das escadarias da Igreja de Nosso Senhor dos Passos pelas baianas e segue com várias procissões e música pelas ruas do centro histórico. Grupos folclóricos de reisa-

do, como o Três Reis Magos, caminham pelas ruas, cantando e alegrando todo mundo.

De Lençóis, as estradas passam por belas paisagens e, com a L200 Triton, o deslocamento é muito mais fácil, permitindo circular por asfalto, terra, areia, no meio da mata e até dentro de riachos, como foi o caso do passeio até o Rio Capivara pela antiga e histórica Rota do Garimpo. Com o 4x4 acionado, foi possível atravessar o rio e trilhas fechadas, passando por uma região acidentada para, no final, chegar a um lugar incrível e nadar em uma água de cor escura, em meio a um cenário paradisíaco.

Um dos principais cartões-postais da Chapada Diamantina é o Morro do Pai Inácio, com seus 1.200 m de altura e uma vista panorâmica bem impactante. Ele fica a 26 km de Lençóis e, apesar de ser muito imponente, a trilha a pé que se percorre para chegar ao topo até que é curta: a subida, de 500 m, tem o nível médio de dificuldade e, em alguns trechos, conta com escadas e corrimão. Uma vez lá em cima, caminhe por todos os lados sobre o piso de pedra, que parece uma paisagem lunar, e aprecie uma vista diferente: o imenso vale verde, a estrada que fica pequenininha, os famosos morros Camelo e Três Irmãos e um pôr do sol emocionante.



Vale lembrar que o lugar é bem concorrido. Quem quiser fazer um passeio mais exclusivo, como um piquenique no mirante do Camelo, pode falar com a administradora, que autoriza o uso do espaço (comunica@mirantedocamelo.com.br). Ah, e tomar um espumante gelado em meio à imensidão da Chapada é uma experiência inesquecível.

SIMPLICIDADE E ACOLHIMENTO

Uma das melhores opções de hospedagem em Lençóis é a Estalagem do Alcino, que tem apenas oito suítes e é conhecida na Chapada Diamantina como “o melhor café da manhã do Brasil”. Alcino Caetano é um artista plástico paulista que se apaixonou pela Chapada, restaurou um antigo casarão colonial de 1890 e lá abriu a Alcino Estalagem & Atelier, uma pousada de charme.

Em uma varanda aconchegante, sob um enorme pé de jambo, Alcino serve um verdadeiro ritual de degustação. Tapioca com shitake, bolos quentinhos, minifocaccias, geleias, frios, patês, omeletes, quiches, iogurte de todos os tipos, como o mangolace (com manga e cardamomo), polenta gratinada e paçoca de banana-da-terra com coco ralado e gengibre. Cada dia é um menu diferente. Tem também o café especial na prensa francesa, coado na mesa!

Aliás, a região é reconhecida por produzir cafés gourmet bem especiais. Vários grãos de Piatã, Mucugê e Ibicoara ganharam prêmios nacionais e internacionais, sendo que o Latitude 13 se tornou o café oficial do papa Francisco no Vaticano. Entre as marcas premiadas estão Rigno, Gourmet Piatã, Terroá, Natura Gourmet e Serra das Almas, que podem ser encontradas nos mercados das cidades da região e em bares, cafeterias e restaurantes, que servem desde o tradicional expresso até bebidas criativas, como a caipirinha de café.

Cervejas artesanais também têm grande destaque por lá, como as produzidas nas cervejarias Sincorá e Chapada. Até o vinho ganhou destaque, com a chegada da vinícola Uvva e seu vinhedo, cercado pela deslumbrante paisagem da Serra do Sincora, uma edificação incrível aberta para degustações de seus rótulos artesanais.

Se os passeios duram o dia inteiro, à noite a grande pedida é caminhar pelas ruas de calçamento de pedra das cidades coloniais, entre lojinhas, restaurantes charmosos e barzinhos com música ao vivo, que tocam jazz, blues e MPB. Em Lençóis, há opções como o Cozinha Aberta Slow Food, que tem um ambiente calmo e varanda ao ar livre e serve pratos com toques gourmet, unindo ingredientes exóticos e regionais, como o arroz com licuri, purê de banana-verde e farofa. Quem prefere agito pode percorrer a



Acima, cena de um grupo folclórico de reisado, em Lençóis, e Roy Funch, um dos personagens precursores na idealização da criação do Parque Nacional. Na página ao lado, a L200 atravessa o Rio Capivara

Rua das Pedras e a Rua da Baderna e escolher entre um sushi no Santo Chico Sushi Bar, um sanduíche do Espalha Luz, preparado com ingredientes orgânicos e servidos nas mesinhas da calçada, ou um bobó de camarão do Lampião Culinária Nordestina, especialista em releituras da gastronomia regional.

ÁGUAS, TONS E SABORES

Com a L200 Triton, é possível dar a volta no parque em um dia, parando rapidamente para conhecer algumas cidades e atrações. Em Andaraí, a Sorveteria Apollo é uma delas. Em uma casa colonial bem simples, os donos preparam e servem sorvetes de licuri, jaca, mangaba, umbu, mucugê e vários outros sabores, que dão uma pausa saborosa ao roteiro.

Se os rios da Chapada Diamantina têm, em sua maioria, uma tonalidade avermelhada, que lembra a cor da Coca-Cola (por causa da decomposição das plantas), os poços mais famosos, como o Azul e o Encantado, têm águas cristalinas, formadas por lençóis freáticos.

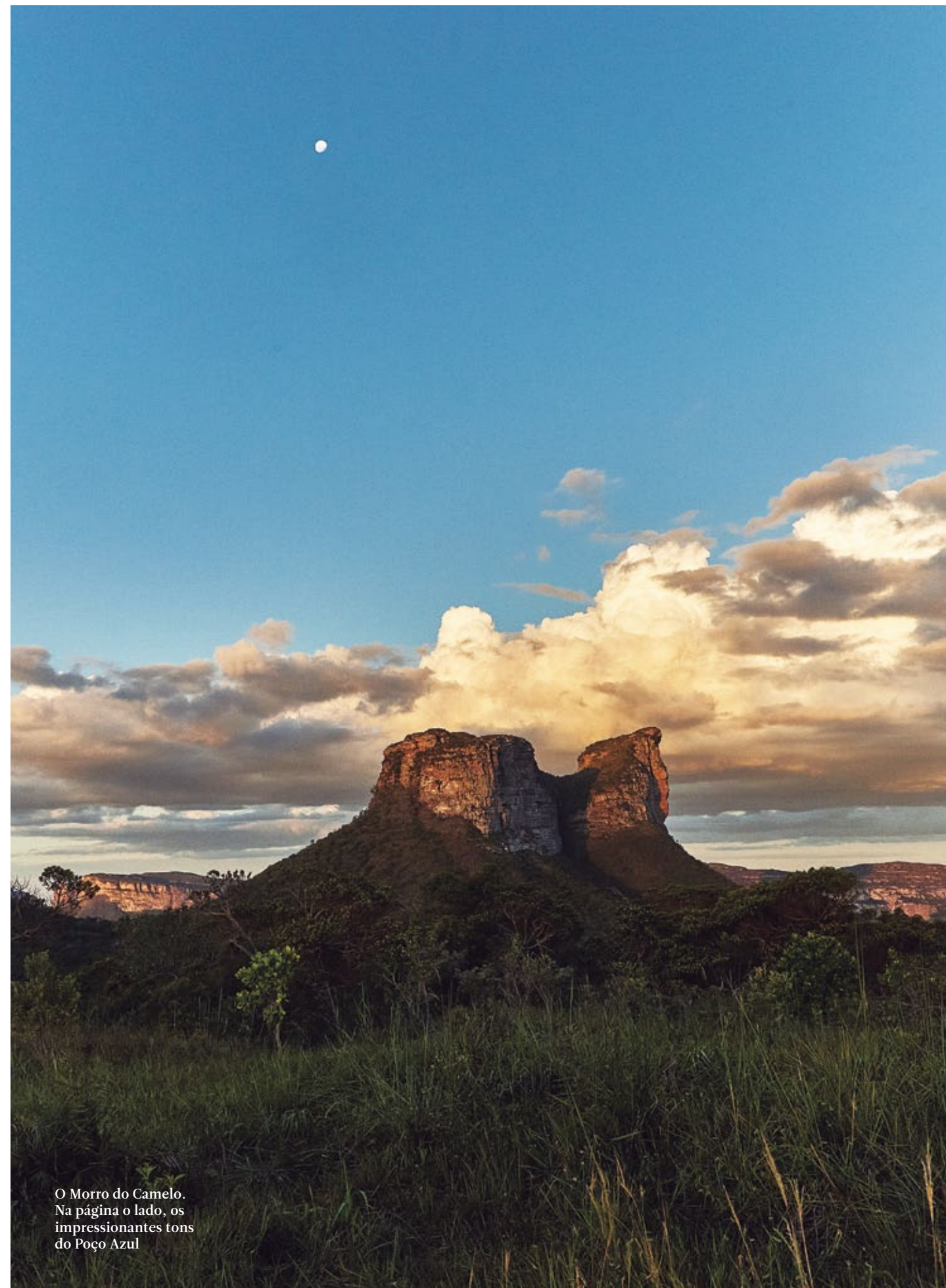
Chegar ao Poço Azul é um desses momentos que enchem os olhos. Da entrada, é possível avistar, lá embaixo, em meio às rochas da caverna, o quanto a água é azul e transparente. É possível fazer flutuação de *snorkel* por seus 40 m de extensão e observar as pedras e os troncos, que estão a uma profundidade de até 60 m. Entre abril e setembro, das 12 às 14 horas, os raios de sol proporcionam um espetáculo ainda mais especial, ao penetrarem na entrada da caverna, formando uma centelha luminosa, que chega até o fundo. Com ou sem feixe de luz, o espetáculo é grandioso e vale a visita, para nadar e tirar lindas fotos subaquáticas.

ESTRADAS E MEMÓRIAS

De Andaraí a Igatu, a L200 Triton enfrentou uma estrada de pedra de 14 km. O chacoalho vale a pena: Igatu parece um cenário de filme. O vilarejo, que nos áureos tempos do garimpo chegou a contar com 8 mil habitantes, teve sua população reduzida a 100 pessoas com a proibição da extração de diamantes. As antigas casas de pedra dos garimpeiros, abandonadas por volta de 1940, ficaram conhecidas como a Machu Picchu brasileira e hoje fazem parte de um grande sítio protegido pelo Iphan, que administra o Parque Histórico de Igatu e a Galeria Arte e Memória, onde há peças da época que explicam como era a exploração do garimpo.

Igatu voltou a florescer somente na década de 1970, com a exportação em massa da flor sempre-viva, uma espécie que se mantém intacta por quase 60 anos após sua extração e sustentou a população local até ser quase extinta e ter sua colheita proibida. Hoje as flores são raríssimas e podem ser vistas no

A força da natureza se impõe de forma comovente entre vales, picos, grutas, rios e cachoeiras



O Morro do Camelo.
Na página o lado, os
impressionantes tons
do Poço Azul



Projeto Sempre Viva, uma ONG aberta à visitação, que fica na estrada entre Igatu e Mucugê e promove sua preservação.

Com o fim da exploração da sempre-viva, a economia de Igatu se voltou para o ecoturismo e a cidade atingiu a marca de 486 habitantes. Agora, turistas em busca de cachoeiras, trilhas e passeios são muito bem recebidos no único e famoso Bar de Igatu, tocado há mais de 60 anos por seu Guina, 87 anos, e Rita, sua filha, que recebem todos com muitas histórias e sorrisos. O local, que vende de batata-da-serra a diamantes, é uma parada obrigatória para saborear a losna, uma bebida que parece absinto, feita por eles com essa planta medicinal, colhida nos arredores.

Perto de Igatu fica Mucugê, uma cidadezinha encantadora tombada como Patrimônio Histórico pelo Iphan. O vilarejo lembra um Brasil antigo, com praças e ruas tranquilas, casas coloridas, crianças e velhinhos caminhando. Além disso, tem uma curiosidade histórica que virou atração turística: o Santa Isabel, um cemitério bizantino construído por volta de 1855, aos pés de um grande pa-

redão de pedra no km 15 da Rodovia BA-142. Único do Brasil, ele surgiu após uma epidemia de cólera que atingiu a região. Sua arquitetura, bizantina, é oriunda dos compradores de diamantes turcos que viviam por lá. A riqueza era tanta que alguns trouxeram arquitetos do exterior para criar os mausoléus, que fazem referência às cúpulas brancas do Mar Egeu e contrastam com a vegetação.

Mesmo repleta de charme e de heranças do passado, a rainha da região de Mucugê é mesmo a Cachoeira da Fumaça, a segunda maior do Brasil, um espetáculo de fazer perder o fôlego. Majestosa e gigantesca, ela impõe a força da natureza de forma avassaladora. Para acessá-la é necessário encarar uma trilha íngreme de uma hora, que sai do Vale do Capão. Em seguida, mais uma hora de caminhada em terreno plano, em um *trekking* desafiador. A recompensa, no entanto, é incrível. Seis quilômetros depois, na borda do mirante, de 385 m, o lugar é palco de um fenômeno raro: de tão alta, a água da cachoeira não consegue chegar até embaixo e acaba se evaporando, formando um arco-íris e subindo, como uma fumaça.



Acima, plataforma de acesso para nadar no Poço Azul. Na página ao lado, Marina Klink posa sobre um dos mirantes naturais do Morro do Pai Inácio



ECOS DO PASSADO

De volta a Lençóis, vale muito visitar o Serrano, a 15 minutos de caminhada do centro. Também conhecido como Caldeirões, é um conjunto de piscinas com cascatas perfeitas para tomar banho como se estivesse em uma banheira de hidromassagem. Foi lá que o primeiro diamante de Lençóis foi encontrado, no século XIX.

Lençóis, com seus pouco mais de 11 mil habitantes, já foi o maior produtor de diamantes do mundo. O nome da cidade surgiu por causa dos acampamentos dos garimpeiros, que chegaram à região em 1845 e se abrigaram em tendas que, de longe, pareciam lençóis. Mais de 20 mil pessoas moraram na vila no auge do garimpo, entre 1845 e 1871. Os garimpeiros trabalhavam pesado na mineração, mas só recebiam 10% do que encontravam. A cidade prosperou à custa do meio ambiente, que foi degradado na busca frenética por mais pedras preciosas. Quando descobriram jazidas na África do Sul, o local entrou em decadência e muita gente foi embora. A cidade só se recuperou depois que o turismo surgiu como uma alternativa econômica e o governo proibiu a mineração, em 1996. Sorte da natureza, essa sim, o verdadeiro diamante eterno do coração do sertão baiano. 📍



CULTURA

LONDON

WE WILL ROCK YOU

David Bowie é a inspiração de um roteiro musical pela capital inglesa, num tour emocionante, que revisita lugares emblemáticos e evoca personagens icônicos do pop e do rock

POR ZECA CAMARGO



O documentário *Moonage Daydream*, sobre David Bowie, inspirou o mergulho musical na cidade

Ao lado, um dia de outono no Hyde Park. Abaixo, a casa onde David Bowie nasceu, em Brixton

Deitado na grama do Hyde Park, ainda úmida com uma chuva recente, eu me lembro de que um dos shows mais incríveis que vi em Londres foi ali mesmo, o da turnê *MDNA*, de Madonna, em 2012. Eu iria entrevistá-la no dia seguinte e estava atento a tudo. Mesmo assim, enquanto esperava que ela entrasse no palco, me dei conta de como a história do pop e do rock, da minha própria paixão pela música, já passara tantas vezes pela capital inglesa. Começo a sentir minhas roupas um pouco molhadas e decido que vou rever alguns dos lugares históricos que fizeram daqui um destino de fãs de música do mundo inteiro. No momento só quero esperar a claridade ir embora para, como sugere Caetano Veloso em *London, London*, procurar discos voadores pelo céu. “Green grass, blue eyes, gray sky, God bless”, canta o mestre. E eu respondo: “Indeed”.

Não estou largado no parque por falta de abrigo. Pelo contrário: na primeira parte dessa visita, estou hospedado num dos melhores hotéis da cidade, o icônico Brown’s, agora da rede europeia Rocco Forte, num quarto que é certamente um dos mais espaçosos e elegantes que fiquei na minha vida. No dia em que cheguei, minha mala foi desfeita (e as roupas mais amarrotadas foram passadas) por mãos que nem me perguntaram se eu queria tamanha

atenção. Era simplesmente algo que eles faziam quase por reflexo, para ampliar a experiência de quem se hospeda lá. Logo eu voltaria para aquele espaço de aconchego e conforto, com a lareira na frente da cama certamente acesa. Mas era ali, naquela grama úmida, que eu queria esboçar meu roteiro rock’n’roll em Londres.

NO RASTRO DE BOWIE

Minha primeira inspiração para a viagem surgiu quando vi o recente documentário sobre David Bowie, *Moonage Daydream*. Tive a sorte de assistir ao filme na rápida semana em que ele esteve numa tela Imax, em São Paulo. Além do carisma de Bowie em cada show, em cada entrevista, o diretor, Brett Morgen, conseguiu me transportar para uma Londres que até hoje faz parte da imaginação de muitos meninos e meninas apaixonados por rock: aquela que gostamos de ver como o centro de gravidade da melhor música de todos os tempos.

Isso certamente vale para David Bowie. Sua história com a cidade não começa exatamente na região do Brown’s, Mayfair, mas em Brixton. Localizada ao sul de Londres, a vizinhança, que já foi identificada com uma população de imigrantes de então colônias inglesas no Caribe, fica ao lado de Clapham, onde muitos brasileiros escolhem viver. Brixton não é especialmente charmosa, mas um fã

de Bowie como eu certamente se emociona ao visitar a casa onde ele nasceu, os primeiros lugares onde tocou e até o memorial que o artista ganhou depois que morreu, em 2016. O lindo mural retrata Bowie em uma de suas encarnações mais conhecidas, Aladdin Sane, aquela em que aparece com um raio pintado do meio do rosto, e hoje está um pouco abandonado. Fãs ainda deixam flores e mensagens para o ídolo, mas a pandemia causou um aspecto triste à homenagem. Nem por isso deixei de me

emocionar quando passei novamente por ali.

A mesma emoção que senti quando visitei uma placa inaugurada em 2017 na frente do estúdio Trident, no Soho, a apenas uma caminhada de poucos minutos do Brown’s. Londres está cheia delas, sempre num azul-escuro, marcando lugares da história política, social e cultural da cidade, mas essas de Bowie parecem tocar música. São ecos de uma carreira musical que reverbera até hoje, e que se dobra em muitas outras superestrelas que fizeram daqui sua casa. Londres recebeu a todos e os projetou para o mundo.

CAPITAL DA MÚSICA

Dos Beatles aos Sex Pistols, de Spice Girls a Amy Winehouse, de Pink Flyod a Oasis, de Sade a Adele, em todas as épocas da música pop, Londres foi uma referência. No inverno de 1983, minha segunda vez na cidade, me lembro bem, antes, muito antes da internet, de ver perplexo uma figura tão andrógina quanto Boy George ser escolhida como o cantor do ano pelas revistas especializadas em música. No mesmo ano, Annie Lennox, do Eurythmics, per-





guntava, num clipe onde aparece mais masculina que feminina: “Who’s that girl?”, o *single* que saiu na esteira do grande sucesso *Sweet Dreams (Are Made of This)*. Androginias assim simplesmente seriam impossíveis se David Bowie não tivesse existido.

Aliás, a própria imagem que loucos por música como eu construímos de Londres passa sempre por Bowie, direta ou indiretamente. Nas minhas visitas à cidade naquele início dos anos 1980, eu andava por todos os cantos onde eu sabia que era possível encontrar alguma “vibe” musical. Andei aquela King’s Road inteirinha, por exemplo, atrás do an-

tigo endereço da loja Sex, onde Malcolm McLaren e Vivienne Westwood inventaram o estilo punk, rebatizada então de World’s End. Sempre garimpei a Oxford Street atrás de discos que eu ainda nem tinha dinheiro para comprar, não apenas nas superlojas da HMV, mas também nas independentes.

Nas minhas viagens seguintes, encontrei mais dessas megalojas, que ampliavam meu “parque de diversões” musical: Virgin Records, também na Oxford com a Tottenham Court, Tower Records em Picadilly Circus... Esses lugares eram pontos de peregrinação para mim. Por isso mesmo, não foi sem certa tristeza

que, na última viagem, quando eu fazia o caminho de volta ao hotel, percebi que os endereços tinham mudado radicalmente. A Virgin virou uma loja de telefones. Na esquina nobre da Tower, primeiro uma loja de roupas populares e hoje alguns painéis artísticos dão força à especulação de que o lugar, um dos pontos comerciais mais caros da cidade, está abandonado. E na aparentemente imbatível HMV, na Oxford desde 1921, há prateleiras recheadas de doces da Candy World.

Tudo muda nessa cidade, eu dizia para mim mesmo. E, a caminho de um jantar estupendo no The Edition, enquanto visitava alguns sobreviventes independentes – a Sounds of the Universe (música do mundo) e a Sister Ray (bandas alternativas) –, encontrei indícios de que o espírito musical de Londres ainda estava muito vivo. No restaurante, com suas paredes cobertas de quadros antigos até o topo de seu pé-direito altíssimo, revezava pratos tradicionais revisitados (sopa de cogumelo, um bacalhau fresco cozido no ponto perfeito!) e lembranças de shows, entrevistas e reportagens que fiz pela cidade. Como a vez em que entrevistei o pai de Amy Winehouse, logo depois de a cantora ter sido encontrada morta em sua casa, em Camden Town. Deu vontade de voltar a esse cenário, e me agendei para fazer isso nos dias seguintes.

Naquela noite, minha última no Brown’s, tratei de aproveitar não só a beleza do hotel, que na última renovação ganhou cores e texturas com a assinatura do bom gosto do estilista Paul Smith (que tem uma loja, talvez a mais elegante delas, logo ali em frente), como também mergulhar no passado desse prédio. Foi dali que Graham Bell fez a primeira ligação de telefone da história da Inglaterra e foi num de seus quartos também que o grande escritor Rudyard Kipling escreveu alguns de seus livros mais conhecidos. Pensava em tudo isso enquanto tomava um último *dry martini* no bar do hotel, decorado com as fotos do sensacional Terence Donovan (que empresta seu nome ao local),



Acima, a estátua de Amy Winehouse e o bairro de Camden Town, onde a artista vivia. Na página ao lado, o movimento da Camden High Street e a icônica Abbey Road



antes de subir e me entregar aos travesseiros mais macios que já experimentei em Londres.

MISCELÂNEA CULTURAL

No dia seguinte, já teria outro lugar para experimentar. A paisagem urbana mudaria radicalmente no meu novo endereço, o impossivelmente *trendy* hotel Andaz. Eu estava me preparando para dias (e noites) mais rock’n’roll, mas sem perder nada no estilo. Afinal, era uma viagem com esse espírito musical e o Andaz prometia uma estadia ao mesmo tempo luxuosa e alternativa. Por uma triste coincidência, num roteiro tão recheado de artistas, foi justamente quando estava indo de um hotel ao outro que recebi uma ligação do Brasil, me informando que a incomparável Gal Costa tinha morrido. De dentro do meu *black cab*, o clássico táxi preto, tão espaçoso e típico de Londres, comecei a receber pedidos de portais de notícia para me conectar e comentar uma perda tão grande. Gal, numa triste coincidência, tinha vivido em Londres entre o final dos anos 1960 e início dos 70, e as conexões musicais logo vieram à minha memória.

Assim que cheguei ao Andaz, a princípio mal tive

tempo de reparar na incrível recepção, com suas paredes recheadas de arte contemporânea, inclusive com vários grafites. Pedi logo uma conexão de internet e em questão de segundos já estava no meu novo quarto, falando com o Brasil e prestando minhas homenagens a Gal. No fim do dia, pude passear pela região e sentir as ruas em torno de Liverpool Street. Eu estava então em East London, uma área que nos últimos anos viveu uma rápida mudança urbana. Antes um endereço ultra-alternativo (Jamie Oliver foi um dos primeiros corajosos a abrir seu Fifteen por lá, em 2002), hoje a região não deixa nada a dever ao centro de Londres.

Restaurantes não param de abrir em Shoreditch e Spitalfields, bem onde o Andaz se localiza. Ali também há um dos mercados mais procurados hoje pelos turistas, o Old Spitalfields Market, onde você pode comprar as melhores grifes da Europa (e dos EUA) ou simplesmente comer uma samosa indiana, nas várias barracas de comidas do mundo todo ali instaladas. Brick Lane fica ao lado – dá para ir a pé – e, se alguém tem dúvida das credenciais desse lugar como um pequeno centro cosmopolita, é só passear e conferir: restaurantes indianos, hambúrgueres artesanais, co-



Acima, a cosmopolita Brick Lane e as barracas do Old Spitalfields Market. Na página ao lado, o ritmo urbano da Shoreditch High Street

zinha da Malásia (e até do Butão!), tudo espalhado pela animada rua, que guarda também uma boa atmosfera roqueira. Afinal, ali fica a maior Rough Trade da Inglaterra, a loja de discos do selo que se tornou sinônimo de música alternativa. A Rough Trade original fica do outro lado da cidade, no West Side. Sempre recordo com um arrepio de quando entrei naquele espaço minúsculo da Talbot Street, de onde tinham saído alguns dos discos mais importantes da minha vida, inclusive, claro, todos os do The Smiths. Visitei essa Rough Trade pela primeira vez num ge-

lado 31 de dezembro e de lá fui direto para Trafalgar Square celebrar a passagem do ano – com meus vinhos abraçados no peito.

Claro que me lembrei disso ao passar pela outra Rough Trade perto de Brick Lane e até comprei um LP: uma compilação de raridades que tocavam na loja Sex, cuja fachada estampa a capa! Para completar meu roteiro musical em Londres, só faltava mesmo visitar a estátua de Amy Winehouse, em Camden Town. Voltei ao Andaz, curti um pouco



os novos sons que uma DJ colocava no lobby e dormi exausto, no conforto de um quarto moderno, que tinha tudo a ver comigo. E acordei para rever Amy.

AMY AINDA CANTA

Camden Town é um notório destino musical. Lá é possível, até hoje, encontrar punks de cabelos espetados, como se fosse 1977! Barracas de roupas hippie também se espalham pelo Stables Market e o reggae se mistura com o hip-hop pelas esquinas. Então, protegida por um cercadinho, lá está Amy. Pequena, enigmática, poderosa. Sobretudo, mais um símbolo do poder musical de Londres. Na frente de sua figura carismática, as pessoas param, oram, tiram *selfies* e acreditam que novos e ainda melhores talentos virão dali.

Pensei ainda em revisitar dois endereços importantes para o roqueiro: a faixa de pedestres em frente aos estúdios da Abbey Road, onde os Beatles



Acima, grafite na região de East London e o lobby do hotel The Edition. Na página ao lado, ambiente do moderno Andaz London Liverpool Street



gravavam e onde fizeram talvez sua foto mais conhecida, e o antigo edifício dos estúdios Apple, em Savile Row, onde fizeram um show surpresa histórico no último andar, no dia 30 de janeiro de 1969. Abbey Road, eu conhecia bem, pois visitei seu interior a convite do Skank, quando a banda mineira gravou ali – e, sim, fiz também a foto na zebra pintada no chão.

Assim, troquei de planos. Quis me despedir da cidade dessa vez curtindo ainda mais o Andaz. Circulei pelos seus espaços labirínticos, por seus bares e restaurantes, escadas e corredores, encontrando gente de todo tipo, de todas as idades. Era como um microcosmo da própria Londres e eu estava mais uma vez feliz de viver a música nessa cidade, em especial nesse lugar, que resumia tão bem a atmosfera que fez nascer tantos talentos. Finalmente subi para o meu quarto e, pensando em todos os meus ídolos musicais, evoquei mais um deles, Freddie Mercury, do inglesíssimo Queen, e cantei para mim mesmo diante do espelho: “We will, we will rock you!” 📍

BENEFÍCIOS
EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br





FERNANDO GUERRA

ARTE

A REINVENÇÃO DOS palazzi

*Um projeto contemporâneo,
com o toque de Midas de
Patricia Urquiola, subverte
uma das paisagens mais
clássicas da Europa, conferindo
jovialidade e despreensão
ao mítico Lago di Como*

POR ERIK SADAQ



Conforme o Maserati adentra firme a estrada sinuosa, revelando casa-
rões e *palazzi* seculares, consigo ver pela primeira vez as margens da
ponta inferior do Y da famosa conformação do Lago di Como. De al-
guma forma, a paisagem é familiar. Onipresentes na cultura pop, as
aldeias banhadas pelo Como conferem ao lago uma alcunha mitoló-
gica, sensação que imediatamente arrebatava quem viaja por essa região
do norte da Itália. De *Casino Royale* a *House of Gucci*. Das férias pé na
jaca da cantora Miley Cyrus ao descomedido casamento de Daniel Ek,
fundador do Spotify. As clássicas vilas aos pés dos alpes da Lombardia
não dão sinais de que um dia cairão de moda.

Nada unissonantes a olhares atentos, os *palazzi* que formam os ce-
nários têm em comum o estilo clássico, com fachadas históricas, que
atravessaram intactos a Idade Média. Alguns cartões-postais da re-
gião, ainda mais antigos, como as Termas Romanas, do século I, e a
Torre Porta da Vitória, um tesouro da arquitetura gótica medieval,
convivem harmônicos no ambiente. A modernidade dá as caras vez
ou outra com carrões velozes, acostumados a viajar desde Milão para
repousar no balneário.



Nesta página, a elegância
contemporânea das suítes
projetadas por Patrícia Urquiola
no Il Sereno. Na página ao lado,
o Lago di Como cercado por
propriedades históricas



OUSADIA ENTRE CLÁSSICOS

Não é possível afirmar que a região seja avessa à novidade, mas a chegada do Il Sereno Lago di Como causou certa agitação quando foi inaugurado, em 2016. Trata-se da primeira construção em décadas a disputar as atenções do horizonte de Torno, uma das cidadelas mais charmosas do balneário mais ilustre da Lombardia. É impossível não notar a caixa de madeira, concreto armado e vidro, alinhada a belos jardins de hortênsias e laranjeiras, instalada onde um dia funcionou uma doca de barcos e seu arsenal de equipagem.

Propriedade da família Contreras, responsável pelo Le Sereno, um hotel queridinho de quem persegue o verão o ano todo em St. Barths, o Il Sereno foi uma aposta ousada. E, para quebrar a hegemonia cenográfica de um lugar internacionalmente conhecido pela história, a celebrada arquiteta Patricia Urquiola, espanhola, radicada em Milão, foi recrutada.

A hotelaria não é um território novo para Urquiola, reconhecida pelas famosas coleções de mobiliário em parceria com gigantes do design, como a B&B, e por peças adquiridas por importantes museus de arte moderna, como o Moma, de Nova York, e o Stedelijk, de Amsterdam. Tanto no mobiliário quanto

nas edificações, formas orgânicas, interpretativas da natureza dos espaços, são sua marca registrada.

Na primeira vez em que vivenciei um projeto assinado por ela, cheguei ao Mandarin Oriental, em Barcelona, aperreado por uma agenda apertada na cidade e só fui estudá-la melhor no trem que me tirou da Catalunha. Na segunda vez, apesar de saber o que esperar, fui flechado no coração pelo Das Stue, até hoje o meu hotel preferido em Berlim. Um pouco antes de chegar ao Il Sereno, tomei um drinque no Four Seasons Milano, outro projeto de interiores com sua marca, que em nada me preparou para o que encontraria aos pés dos Alpes.

O PROTAGONISMO DO EXTERIOR

A principal diferença do Il Sereno em relação aos outros hotéis com a assinatura de Urquiola é seu envolvimento com o exterior. Ao ser concebido desde a fundação, o hotel supera as limitações de vilas convertidas. Aqui, todos os 30 quartos têm vista para o lago, com janelões cumprindo a função de transportar a luz do sol de uma localização privilegiada (estamos na costa em que o sol aparece o dia todo) para uma varanda, bem difícil de abandonar durante a hospedagem. Em parte, culpa do

O interior do Il Sereno é uma carta de amor da arquiteta à história da região italiana

Acima, o clássico *palazzo* do século XVI que abriga a Villa Pliniana se destaca à margem do Como. Na página ao lado, um dos salões do mesmo *palazzo* histórico, repaginado por Urquiola

minibar, incluído na diária, repleto de delícias locais.

Diferentemente dos principais hotéis de luxo do Lago di Como, no Il Sereno a piscina não é flutuante. Uma borda infinita reflete a imagem do belo projeto e das montanhas dos Alpes, criando um dos ambientes mais instagramáveis da região. Como era de esperar, ver e ser visto em uma das já icônicas espreguiçadeiras verde-limão do Il Sereno se tornou um item obrigatório no repertório de uma nova geração de *jet-setters*, atraídos por uma contemporaneidade que parece ressignificar a grande estrela da região, o lago.

Conversando com Samy Ghrachem, diretor geral dos hotéis Sereno e amigo de longa data que encontro aqui, fica claro que “o público mais jovem se identifica com o projeto contemporâneo do Il Sereno”. Quando o questiono se a clientela é majoritariamente jovem, ele de imediato me aponta casais de todas as idades apreciando o pôr do sol na varanda do bar superior, uma das áreas que nos próximos dias vou transformar em híbrido de escritório e *point* de leitura do último Murakami que trouxe na mala.

TOQUE FEMININO

O interior do Il Sereno é uma carta de amor de Urquiola à história da região, famosa pela indústria têxtil e por produtos como a seda. Materiais artesanais são abundantes – pedra, madeira e muitas fibras naturais –, dando vida ao mobiliário decorado com muitas flores. No *lobby*, um paredão verde, obra do botânico francês Patrick Blanc, cria uma improvável simbiose com a imponente escadaria projetada pela



A lendária escada
da Villa Pliniana

UNQUIET entrevista Patricia Urquiola

O Il Sereno transformou a paisagem do Lago di Como. Quais foram suas influências ao criá-lo?

O Lago di Como sempre foi um lugar especial para mim e no Il Sereno quis muito transmitir a sensação de proximidade com a natureza ao redor. Fui inspirada pela cor do lago, e suas águas brilhantes, a natureza das montanhas e o vilarejo de Torno. A paleta de cores vem do próprio lago, com seus tons de verde, azul-claro, cobre, cinza e natural.

O que a inspira na execução de ambientes hoteleiros?

Genius loci (um termo latino que se refere ao “espírito do lugar”) é um elemento essencial. Como arquitetos, não podemos pensar em aplicar o mesmo conceito de design a todos os hotéis da mesma propriedade. Em vez disso, precisamos adaptar cada vez mais os valores do operador à singularidade do lugar.

Qual é o maior desafio ao interpretar a marca de um hotel em um projeto arquitetônico e de design?

Projetar um hotel significa criar uma poética inclusiva, na qual a marca se torne a outra voz na história do design. Acredito em uma empatia positiva, uma relação entre pessoas, natureza e objetos. Ao interpretar uma marca, procuro ter uma visão macro. Analiso e desenho o espaço como um todo. Considero o impacto emocional que o hotel tem sobre aqueles que se hospedam, mas também sobre aqueles que lá trabalham.

Qual é o aspecto do hotel perfeito para você?

Um espaço doméstico, uma casa ideal, com tudo o que se gostaria de ter e não se pode ter no dia a dia.

A escolha dos objetos e da arte é fundamental para ambientes aconchegantes. Quem são seus designers favoritos?

Não tenho um favorito, mas é claro que tenho uma fraqueza por meus mestres: Achille Castiglioni, Vico Magistretti... Ser diretora de arte da Cassina me dá acesso à impressionante herança da marca: 600 peças no arquivo, 50 anos de I Maestri, as reedições dos mestres. Entre elas, talvez Charlotte Perriand seja a minha favorita. Em particular, seu talento e sua intuição na descoberta e utilização de novos materiais se manifestam em toda a sua extensão.

Finalmente, o que é ser UNQUIET para você?

Ser conduzida, ser curiosa, pesquisar e se inspirar em todos os lugares e em todos os momentos.



FOTOS PATRICIA PARINEJAD

Acima, a imponente escadaria do lobby do Il Sereno é mais uma ousada criação da arquiteta

arquiteta. Envolvida em tubos de cobre, seus degraus flutuam em uma base que conecta todos os andares até o restaurante instalado na gruta da fundação original. Com janelas na altura da superfície do Como, é lá que os pratos do chef Raffaele Lenzi, uma estrela Michelin, são servidos, em um ambiente descontraído.

O toque feminino é sentido em cada detalhe do Il Sereno. Em todas as suítes, portas secretas revelam espelhos com uma iluminação digna de uma *maison de haute couture*, para uma última conferida no visual. No banheiro, bancos e imensos espelhos arredondados transformam a área em uma estação de maquiagem profissional. Aqui ainda é possível levar para casa esculturas e obras de arte, louças e até o mobiliário de estar, como sofás e poltronas, desenvolvidos exclusivamente para o hotel.

Se o talento de um arquiteto pode ser medido por sua capacidade de dialogar com cenários históricos, Urquiola dei-

xou uma pista do que é capaz de fazer no spa Valmont, um dos mais bonitos e surpreendentes que já experimentei. Instalado na parte mais antiga da doca tomada pelo hotel, com concreto e elementos industriais originais, é possível ver (e ouvir) o lago em uma imensa banheira aquecida ao ar livre, com vista para a parte mais deteriorada dos arcos do complexo. As salas de tratamento e as saunas seca, infravermelha e a vapor, além de uma das academias mais equipadas da região, complementam o espaço *fitness*.

Já na histórica Villa Pliniana, localizada a curta distância do Il Sereno – um *palazzo* do século XVI famoso por receber artistas e intelectuais, como Leonardo da Vinci e Lord Byron –, afrescos, terraços e lareiras, testemunhas da Renascença, foram preservados para conviver com o mobiliário e a decoração repleta de toques contemporâneos idealizada por Urquiola. Os grandes salões de festas originais e os jardins

à beira do lago transformaram o lugar em um dos *wedding destinations* mais badalados do planeta, disputado por artistas e fundadores de unicórnios que surgem com frequência no Vale do Silício.

AL COMO

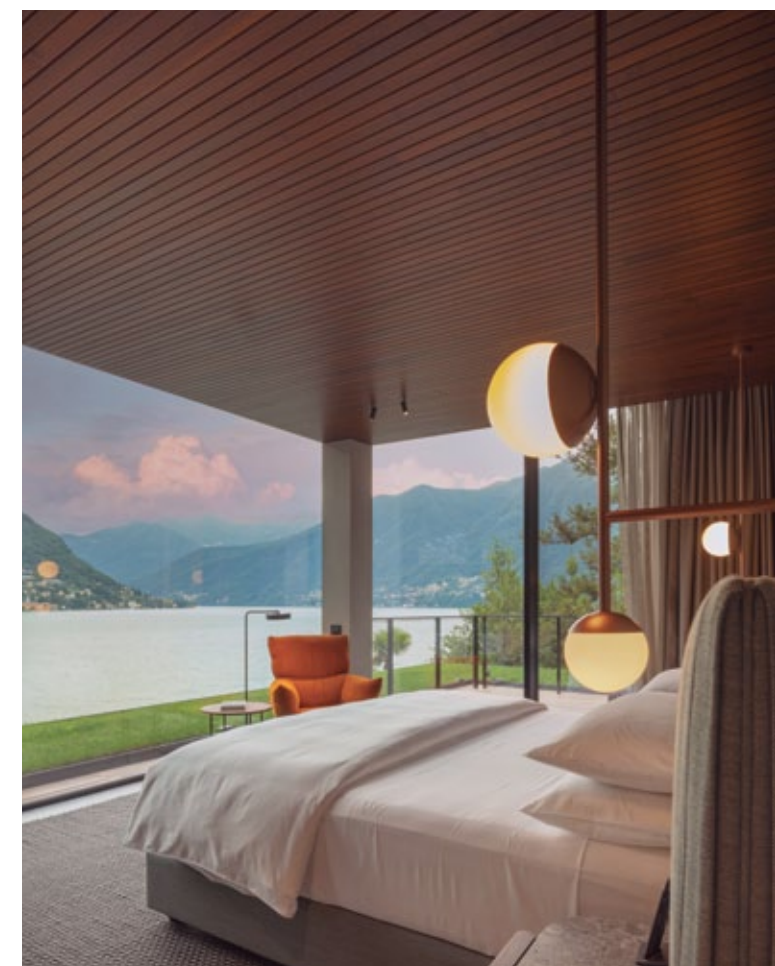
Para fazer jus ao design *state of art* criado por Urquiola, o Il Sereno engendrou uma atividade que justifica os inúmeros prêmios que recebeu desde sua inauguração. Apesar de aldeias e vilarejos da região conectados por rodovias que chegam até Bellagio, é de barco que se vive o Como. E os do lendário produtor de iates Ernesto Riva, feitos sob medida para o hotel, com seus inconfundíveis cascos de madeira envernizada e estofamentos de couro de pelúcia, são parte fundamental da experiência.

Não é preciso licença para pilotar os *jettos* da Riva. Basta saltar a bordo e pisar no acelerador para se transportar a uma das aventuras de Fleming ou a um romance de Ripley. Como é impossível desvincular a Lombardia dos impérios *fashion* de Gucci e Versace, um safári em busca das vilas Balbiano, o lar preferido de Aldo Gucci até seus últimos dias, ou da Fontanelle, onde até hoje Donatella vive grande parte do ano, é irresistível. Deixo claro, proponho essa expedição como um pretexto para estender o tempo a bordo de um dos *jettos*.

De barco, o Como é a via de acesso para quem deseja explorar os vilarejos às margens do lago

Durante o verão, a pedida é seguir de barco até as margens que se formam em vilarejos e aldeias pitorescas a caminho de Bellagio. Clubes à beira do lago permitem estacionar para um mergulho ou para um Aperol ao sol, saboreando queijos e víveres da região, repleta de montanhas escarpadas e muitas vilas e *palazzi* ornamentados, que evidenciam ainda mais o frescor trazido à região com a chegada do Il Sereno.

Alguns hotéis parecem traduções desse *zeitgeist*. Eleito novamente em 2022 como o melhor da Itália por diversas publicações, sei que a expectativa de quem escolhe o Il Sereno como destino no Lago di Como será altíssima. No entanto, o projeto irretocável de Patricia Urquiola e as experiências propostas podem ser definidos por uma palavra que ensaiei escrever desde o início deste relato, mas que deixo para o final. O Il Sereno consegue ser, acima de tudo, despretensioso. E talvez essa seja a melhor tradução para o luxo deste novo tempo. 📍



Ao lado, a penthouse do Il Sereno é totalmente integrada ao exterior. Na página ao lado, vista do vilarejo de Bellagio circundado pelo lago

BENEFÍCIOS
EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

FERNANDO GUERRA



ESPORTE

SUBMERSOS EM FIJI

Um lugar de sorrisos fáceis, cultura gentil, paisagens extasiantes e com alguns dos melhores points de mergulho do mundo, o arquipélago é a morada do inacreditável Como Laucala Island, a ilha-resort mais exclusiva do Pacífico Sul, onde a vida – em terra firme ou sob o mar – se apresenta por meio das mais fantásticas experiências

POR CARLOS MARCONDES

A

palavra *bula* é uma espécie de passaporte para conseguir se comunicar em Fiji. A saudação, que em geral vem acompanhada de um sorriso, pode significar “olá”, “bom dia” e “boa tarde” (e até ser usada ao brindar) e é parte inexorável da experiência de viagem. Com ela em mente – e na ponta da língua –, pode-se iniciar uma conexão única com os fijianos, um povo amável, grato e consciente de que vive em um verdadeiro paraíso.

A pluralidade de paisagens e atrações de Fiji é um de seus principais predicados, mas a sua beleza (em especial a subaquática) é motivo de fama mundial. A localização remota no Pacífico Sul, o que em geral faz com que muitos viajantes combinem o lugar com destinos como Austrália e Nova Zelândia, é um dos motivos que mantêm o arquipélago quase intocado.

Historiadores acreditam que os primeiros humanos a pisar em Fiji teriam vindo há cerca de 3,5 mil anos, da Melanésia, uma região da Oceania que engloba países como Nova Guiné, Vanuatu e as Ilhas Salomão.

Hoje habitado por 900 mil pessoas, espalhadas em 333 ilhas (outras 106 são inabitadas), o país oferece experiências de rica cultura, gastronomia endêmica, paisagens montanhosas, incontáveis opções de esportes de natureza e uma hotelaria de luxo que rivaliza com a cobiçada Polinésia Francesa.

Se você ainda não conseguiu compor em sua mente as imagens de tamanha exuberância, basta lembrar de produções hollywoodianas como *A Lagoa Azul*, *O Náufrago* e *Mr. Robinson Crusoe*, entre tantos outros filmes que tiveram suas locações feitas nas ilhas de Fiji.

SURFE E MERGULHO COM OS GIGANTES DO MAR

Melhor *hub* para chegar a Fiji, Sydney é o ponto de partida de um voo que me leva até Nadi, a ilha mais turística do arquipélago. Ela é menor que a capital, Suva, e ambas ficam na ilha central, Viti Levu. Nadi é a base para a exploração das mais visitadas atrações, como a linda região de praias e hotéis sofisticados conhecida como Coral Coast, e o porto de Denarau,



Mais turística ilha do arquipélago, Nadi é ponto de encontro de surfistas. No detalhe, mulher fijiana performa uma dança típica local



de onde saem catamarãs que levam até Mamanuca e Yasawa Islands. São dois grupos de 40 ilhas fascinantes, que abrigam alguns dos resorts mais exclusivos do país. É famoso o passeio de um dia nesse éden, de água azul-turquesa e praias de areia branca.

Nadi também é o ponto de encontro de amantes do surfe, perto do mítico Cloudbreak, um lugar tão perfeito que é cativo no calendário oficial da WSL (World Surf League), o campeonato da elite do esporte. Quem tiver curiosidade sobre a potência, o tamanho e o formato tubular dessa onda descomunal pode visualizar vídeos do Free Surf Volcom Fiji.

Ainda na ilha central de Viti Levu, há dezenas de *spots* de mergulhos incríveis, alguns entre os melhores do mundo, em especial se o objetivo for encontrar tubarões, pois a região é famosa pela diversidade de espécies. É o caso de Kuata, nas ilhas Yasawa e Beqa Lagoon (mais perto de Suva), onde está o Pacific Harbour, aclamado como um dos

pontos mais fantásticos no planeta para estar pertinho desses gigantes. Fica em Shark Reef Marine Reserve, uma área protegida onde mergulhadores poderão encarar até oito espécies, entre tubarões-tigres, touros e limões. Em Yasawa, há ainda tubarões-baleia e raias-mantas.

PARAÍSO DO BEM

Se as águas das partes sul e oeste já enlouquecem aventureiros subaquáticos, as profundezas da região nordeste são capazes de arrancar ainda mais reações de surpresa do viajante.

Do saguão do aeroporto internacional de Nadi, eu caminho para um terminal privado de propriedade do Como Laucala Island, onde um jato executivo me espera para 50 minutos de voo até uma das ilhas-resorts mais impressionantes do Pacífico.

Minutos antes do pouso, avisto um anel de azul-turquesa profundo, que contorna a costa dos



O Como Laucala Island é refúgio de natureza exuberante e privacidade. Na página ao lado, a piscina de vidro do resort



As árvores nativas são fundamentais na arquitetura sustentável das vilas do Laucala Island

12 km² desse idílio longínquo. Na chegada, a recepção é calorosa. Sou presenteado com um colar de flores enquanto músicos cantam clássicos e me saúdam com sorridentes cumprimentos: “*Bula, bula!*” A energia contagia!

Sucessivamente premiada como uma das melhores ilhas-hotéis do planeta, o Como Laucala emana tropicalidade e preza por conservar a exuberância natural, se recusando a ampliar as estruturas: são apenas 25 vilas, de pura sofisticação e bom gosto.

A história do Laucala como resort remonta à década de 1970, quando a ilha foi comprada de um “rei regional” pela família Forbes. Em 2003, o bilionário coproprietário da Red Bull, *mr.* Dietrich Mateschitz, ofereceu 10 milhões de dólares a Malcolm Forbes pelo pedacinho de paraíso e obteve sua propriedade. O empresário passou, então, a investir dezenas de milhões para transformar o lugar em um dos refúgios mais desejados e exclusivos da Terra. No início de 2022, a marca de hotéis de luxo Como Group assumiu a gestão do negócio, passando a responder pela promoção e administração do Laucala.

Entre os preceitos de conservação, a manutenção eterna das árvores foi um pedido especial de Mates-

chitz, que faleceu em 2022. As árvores nativas são elementos fundamentais na arquitetura sustentável das vilas. O projeto, assinado pelo renomadíssimo escritório londrino Watg – Wimberly, Allison, Tong & Goo, permite que elas cresçam através dos telhados e pavilhões, fluindo na paisagem vista das acomodações. “A sustentabilidade sempre foi uma prioridade para ele. A ordem é deixar a mata cumprir seu papel natural”, comenta o gerente-geral, Gary Henden, que coordena programas ambientais de olho na meta de tornar a propriedade carbono-zero em alguns anos, com painéis solares e hidreletricidade.

FARM TO TABLE

Um dos exemplos de sustentabilidade mais significativos é o programa *farm to table*. Quase 100% dos ingredientes utilizados nos restaurantes *all inclusive* do hotel são provenientes da fazenda orgânica implantada na ilha. Frutas, legumes, hortaliças e até baunilha brotam no clima tropical de Fiji e estão à disposição do *head chef* Daniel Boller, um entusiasta da gastronomia orgânica e do bem-estar animal.

Boller leva os hóspedes para um tour completo pela fazenda, mostrando como vivem, por exem-

plo, as criações de galinhas, que fornecem cerca de 350 ovos caipiras, a demanda diária do resort. Há ainda vacas e cabras, que fornecem leite para queijos, e até de bois da raça wagyu. O chef garante que todos os animais vivem mais tempo do que em fazendas tradicionais (ele é contra a vitela).

Já os peixes e frutos do mar são comprados de pescadores locais, com exceção das espécies que não são encontradas na região. Todos os processos prezam por um modelo integrado à natureza, com o intuito de criar uma conexão mais forte entre a experiência do hóspede e a ilha.

DNA FIJIANO

Intimista e remota, a ilhota-resort é destino para quem quer paz e discrição, por isso vira e mexe ela vira um refúgio de férias de astros e estrelas. Embora a parte social seja elegante e agradável, com menção especial à piscina de vidro, ícone do hotel, quem preferir ficar “deliciosamente isolado” em uma das 25 vilas não há de sentir falta de conforto – todas contam com piscina privativa. A maior delas é a Hilltop Three Bedroom Villa, uma gigante no topo da ilha, com mais de 2 mil m², piscina de vidro e vis-

ta de 360 graus. Era a residência de *mr.* Mateschitz e só podia ser reservada após a anuência dele.

Vale saber que a hospedagem inclui ótimas opções de vinho no frigobar, assim como em todos os restaurantes, com destaques gastronômicos para a residência em estilo colonial Plantation House e para a panorâmica Seagrass, que dá a sensação de se estar em uma casa na árvore.

A decoração do resort reafirma o DNA fijiano, utilizando tecidos de casca de coco (chamado de *magi-magi*), restaurados por artesãos de ilhas vizinhas. A proposta respeita tradições arquitetônicas com técnicas antigas de sustentabilidade, apostando no design de longevidade e considerando variações de temperatura, juntamente com o sombreamento e a proteção contra a chuva, e um convite à brisa do oceano.

No portfólio de experiências incluídas, há ainda tratamentos holísticos, no Spa Como Shambalah Retreat, e a mais diversa oferta de esportes. Entre as opções, um campo de golfe cênico, com 18 buracos, *jet-ski* ao redor da costa, aulas de surfe e tênis, cavalgadas, *hiking*, um tanque de mergulho incluído por diária e *trekkings* até a vizinha Taveuni, a terceira maior ilha de Fiji, conhecida como The Garden Island.

Taveuni é a morada das Bouma Falls, uma das notáveis cachoeiras do arquipélago, não distante das pitorescas vilas de Vuna e Naqara. Também é ali, nas colinas de Waiyevo, que passa a Linha Internacional Imaginária de Data do Oceano Pacífico. Ela divide os dias corridos consecutivos, e é onde um começa e o outro termina. A brincadeira é “pular” facilmente entre o hoje e o amanhã.

Para entender o modo de vida e as tradições locais, é importante vivenciar as experiências culturais. Uma das mais especiais é a cerimônia realiza-

O inesquecível mergulho em
Rainbow Reef e, abaixo, o encontro
com uma raia-jamanta



Shark Reef Marine Reserve é famosa pela
diversidade de espécies de tubarões,
facilmente avistados em mergulhos. Acima,
a profusão de cores do Great White Wall





da na Aldeia Cultural, no próprio Laucala, onde há uma Casa dos Espíritos e uma capela, cercada de artesanato. Os hóspedes são convidados a vestir a tradicional saia *sulu*, enquanto aguardam o *lovo* (a típica forma de cozinhar pescados e carnes dentro da terra, com o uso de pedras quentes – tudo coberto com folhas de bananeira). A noite é celebrada com performances de dezenas de dançarinos e finalizada com a cerimônia da *kava*, a épica bebida do país, compartilhada por amigos e familiares quase todas as noites para que o sono chegue tranquilo.

O resort oferece ainda uma visita à vizinha Qamea, ilha onde se encontram três aldeias, com 250 pessoas, a maioria delas parentes dos funcionários do Laucala. No passeio guiado, o hóspede é recebido na casa dos moradores, ouve histórias de antigos reinados, de ancestrais e de mitologias e conhece sua forma de vida. Alguns deles nunca estiveram na ilha central de Fiji, o que é fácil de entender: basta olhar ao redor para perceber que o melhor lugar do mundo para eles é aquele pequeno paraíso, selvagem e arrebatador.

Rainbow Reef e The Great White Wall estão entre os melhores pontos de mergulho do planeta

Acima: com um Dive Center próprio, o Laucala Island conduz seus hóspedes até pontos de mergulhos especiais. Na página ao lado, uma fazenda de ostras



A ATLÂNTIDA DO SOFT CORAL

Um dos grandes destaques do resort é contar com seu próprio Dive Center, gerenciado por Gordon Wakeham, um dos mais respeitados mergulhadores desse canto do Pacífico. Apenas para entender o quanto esse *divemaster* conhece essas águas translúcidas, anos atrás, quando Jean Michel Cousteau (filho do lendário Jacques) fazia uma expedição pelo nordeste de Fiji para desvendar segredos dos ecossistemas marinhos da região, ele convidou Gordon para ser seu guia de mergulho durante um mês. Jean Michel ficou tão apaixonado pelas águas de Fiji que escolheu uma ilha-resort, cerca de meia hora de barco de Laucala, para seu projeto de criar uma hospedagem ecológica.

Antes do mergulho, eu encontro Gordon para uma pequena entrevista e ele diz que bons ventos estão a meu favor. “Se você quer vivenciar o Great White Wall, amanhã parece ser um ótimo dia”, alerta. O *divemaster* se refere a um dos mergulhos

mais icônicos da região, que juntamente com o vizinho, Rainbow Reef, forma um dos combos mais aclamados do universo subaquático. “Eu diria que está entre os top dez no mundo”, garante ele.

Estamos muito próximos da célebre região de Somosomo, um estreito que divide Taveuni de Vanua Levu, a segunda maior ilha do arquipélago. Se Fiji é a capital do *soft coral* do mundo, esse canto é o supracumulo do “coral mole” – seres que não possuem esqueleto de carbonato de cálcio. São mais de 390 espécies, que formam palcos coloridos para o bailar de 1,2 mil tipos de peixes. Com sorte, avistam-se grupos de até 15 raias-mantas, além de tubarões-leopardo e pontas-brancas, principalmente na mais isolada região da Namena Marine Reserve, uma área extremamente preservada.

Gordon revela ainda outro destaque, um *site* chamado Miller Reef, onde logo no início da descida somos recepcionados por centenas de barbacudas, ao lado de um imenso muro repleto de



rugas-verdes, grandes cardumes de peixes de corais e um festival de cores em tons de laranja, rosa e vermelho impressionantes.

É tanta vida e tanta magnificência que a única coisa que nos impede de ficar em transe é a própria corrente, que nos movimenta como num parque de diversões interativo. O Recife de Arco-Íris é real, idílico e encanta. Se não fosse a força da água para nos manter atentos, certamente haveria o risco de ficarmos extasiados e olvidar o tempo, mas jamais esquecer a tropicalidade de Fiji. Na água, não deu para abrir um sorriso sincero como o dos fijianos, tendo o respirador na boca. Mas foi a primeira coisa que fiz ao emergir. “*Bula, bula!* Que belíssimo arquipélago!” 📍

begônias-do-mar. “É muito especial e quase certo encontrar diversos tubarões-martelos. Acho que hoje somos os únicos a oferecer um mergulho ali”, comenta.

Embora essa parte de Fiji esconda lugares magníficos, a fama de Somosomo se deve justamente a dois protagonistas cobiçados internacionalmente: The Great White Wall e Rainbow Reef.

Saímos de Laucala cedo, pois há um segredo para o Grande Paredão Branco: é preciso chegar exatamente quando a maré está saindo do ápice de alta, iniciando a baixa. Descemos 10 m, passamos por um incrível arco, quase como uma caverna com saída, e em mais 20 m chega-se ao muro gigante. A corrente, que dependendo da hora do dia pode estar bem forte, traz um tsunami de nutrientes, que passa ao lado desse muro.

De repente, num desses espetáculos perfeitos da natureza, acontece algo mágico no paredão, uma

transformação causada pelo chamado *blooming*: é a explosão de corais brancos, que se abrem como flores adormecidas, prontas para o deleite dos nutrientes enviados pelos deuses do mar. A correnteza promove um manjar, atraindo incontáveis peixes de recife e criando uma pintura em movimento que jamais sairá da minha mente.

Algumas braçadas afastadas do paredão e tem-se a imagem panorâmica de sonhos: é como se estivéssemos em uma floresta aquática de inverno, cujas plantas estão todas cobertas de neve. É surreal e emocionante. Passados alguns minutos, a corrente começa a mudar e, em menos de meia hora, tudo terá desaparecido, já que todos os corais moles se fecharão, quase camuflados! Quem viveu viveu!

Achei que seria impossível me impressionar mais. O *script* de exploração desse *site* é descer por 10 m até o topo do recife, pegar uma corrente e fazer um tour, cruzando-o por completo. Há tarta-

Acima, o chef Daniel Boller na horta orgânica do hotel e ambiente da Plateau Villa. Na página ao lado, vista sobre a Plantation Villa

BENEFÍCIOS
EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br





BEM-ESTAR

Ritual de purificação em Marrakesh

Além da proposta de autocuidado, os hammans proporcionam uma viagem cultural entre momentos de profunda conexão e serenidade em meio a aromas e texturas de óleos essenciais, água de rosas, argila e outros produtos originais marroquinos

POR JULIANA A. SAAD



Acima, a entrada palaciana do La Mamounia. Na página ao lado, toda a majestade marroquina da piscina interna do mesmo hotel

O LEGENDÁRIO LA MAMOUNIA

Ao entrar, a fragrância exclusiva — um misto de tâmaras e mistério — traz a imediata sensação de glamour e bem-estar. O palaciano Mamounia, uma referência de luxo da cidade, acaba de ganhar uma espetacular renovação, liderada pelo hypado duo de designers Jouin & Maku, para celebrar 100 anos em 2023. Um lugar mítico, rodeado por um imenso parque com alamedas, onde Winston Churchill, Mick Jagger, Sharon Stone e Yves Saint-Laurent se hospedaram, em suítes absurdas de belas, com salas de banho com produtos de *skincare* exclusivos e varandas acortinadas e vistas esvoaçantes para o parque interno, a Torre Koutoubia e a Medina. Tons quentes, móveis entalhados, fontes, luminárias e azulejos são uma festa para os olhos. Não à toa, ele é membro da The Leading Hotels of the World, um objeto de desejo de quem vai a Marrakesh. Dois novos restaurantes, o L'Italien e o L'Asiatique, assinados pelo superchef Jean-Georges Vongerich-

ten, e uma casa de chá com as delícias de Pierre Hermé se aliam ao divino restô marroquino, ao Bar Churchill e ao Pavillion, onde o café da manhã é servido de frente para a icônica piscina aquecida. Dê um mergulho e caminhe pelas alamedas exóticas, que exibem cactos coloridos, perfumados pomares e um clima de filme.

O La Mamounia foi eleito o Melhor Hotel Spa do Marrocos pela *World Spa Award* em setembro de 2022. O templo *wellness* do hotel tem 2,5 mil metros quadrados e abriga salão de beleza e spa com alas separadas, onde os tratamentos, feitos por especialistas, elevam o bem-estar às alturas, num labirinto de salas, corredores, *lounges* e piscina, entre macios rolos perfumados, pisos de mármore, fontes, luminárias e requintados mosaicos — eis um dos lugares mais lindos que você verá. Sou recebida pela super Bushra, que cuidou de mim com bom humor e perícia. A terapeuta explicou as muitas etapas do Hammam Royal (são de seis a oito, com enxágue e ducha entre elas)

A cidade sempre fascinou e atraiu criativos e aventureiros — Paul Bowles, Mick Jagger, Yves Saint Laurent, Talita Getty, Mariella Agnelli, sir Richard Branson — e continua a exercer esse poder. Volto aqui com outra missão: desvendar o melhor do *wellness* em Marrakesh e na Cordilheira do Atlas.

Originários dos banhos gregos e romanos, os *hammans* marroquinos são uma tradição há séculos e um ritual essencial à cultura do país. Semanalmente, homens e mulheres vão aos banhos públicos para se dedicarem ao ritual de autocuidado, à purificação, ao relaxamento e ao bem-estar. Os produtos utilizados são de origem local: óleo de argan, *ghassoul* (uma argila natural em pó), *savon noir* (o sabonete preto marroquino, feito com ingredientes naturais, como azeite de oliva e azeitonas maceradas) e a *kessa mitt* (uma luva esfoliante natural). A depender do tipo de tratamento escolhido e do lugar onde é feito, somam-se linhas de *skincare*, que pode ser acompanhado de massagens e *gommages*, que deixam você brilhando e perfumada da cabeça aos pés. Puro bem-estar.

Marrakesh tem vários *hammans*, e os bons hotéis contam com os seus próprios, que também combinam spas. Você pode agendar os tratamentos e se hospedar para usufruir de tudo que esses templos de bem-estar oferecem. Eu me hospedei no Kasbah Tamadot, no La Mamounia e na Ville des Orangers, e fui ao spa do Royal Mansour, além de conhecer outros *hammans* públicos na Medina.



A prática de ioga é um dos rituais de bem-estar no Royal Mansour. Abaixo, o *hammam* da mesma propriedade. Na página ao lado, piscina externa do charmoso Ville Des Orangers

e usou produtos tradicionais (óleo de argan, *ghas-soul*, *savon noir*) e outros da ótima marca MarocMaroc. Na ala privativa, fui colocada em uma sauna, conduzida a uma ducha e depois a uma sala, onde, deitada numa bancada de mármore aquecido, fui lavada com sabão preto e pasta de eucalipto e levemente esfoliada com a luva *kessa*. Meus cabelos também foram limpos e, na sequência, recebi uma camada de argila (*ghassoul*) no rosto e outra com flor de laranjeira no corpo. Por fim, uma máscara nutritiva, feita de óleos essenciais e neroli, foi massageada no meu corpo e rosto. Após vestir o roupão, Bushra me conduziu a outra sala, onde me serviu chá de menta, enquanto me deixava descansar e ser invadida por uma avassaladora sensação de bem-estar, que equilibra a mente e o corpo — não apenas com o frescor da limpeza e hidratação, mas também com o que é proporcionado pela imensa beleza do lugar.

No dia seguinte, volto ao spa do Mamounia, onde não resisto a entrar na piscina interna, alvo de desejo de todos os *feeds*. Absorvo mais um pouco da *vibe*, antes de Samira vir me buscar — mal sabia eu que essa terapeuta faria a melhor facial que recebi na vida. Sério. O tratamento de *skincare* foi feito com maestria e inúmeras etapas perfumadas, com os exclusivíssimos produtos de renovação celular

Augustinus Bader. O resultado? Imediato. Com o rosto revitalizado, eu era a melhor versão de mim mesma. Enquanto tomo chá, exploro a miríade de opções de tratamentos e experiências à disposição e sonho com a próxima visita.

ROYAL MANSOUR, HAMMAM ORIGINAL

Você pode agendar tratamentos nesse hotel fabuloso mesmo não se hospedando nele, e foi o que fiz. Esse spa premiado fica alojado em um *riad*, e o impacto visual já revela o que está por vir: o spa, todo branco, tem um ar etéreo, com instalações que remetem a um muxarabi, saindo desde o chão até o pé-direito duplo, filtrando a luz. Minha terapeuta, Hajar, chega e me conduz até o *hammam* para o tratamento escolhido: The Royal Mansour Signature. Após me vestir com o roupão e *babou-ches* atalhadas, sigo para uma sala de mármore creme. Hajar me leva até uma plataforma baixa, e me deito sobre o mármore aquecido, enquanto ela explica que, além de limpar, esfoliar e hidratar, o *hammam* tem o propósito de liberar toxinas, estresse e ansiedade. A experiência tem seis etapas: limpeza, alongamento muscular, esfoliação, massagem, hidratação e imersão. Sem argila ou sauna, mas com produtos MarocMaroc à base de



água de rosas. Você pode complementar a experiência com uma série de tratamentos adicionais, pois a lista é extensa. Após um mergulho na piscina de água fria, saio revigorada e vou direto para a área de descanso, um *cocoon* de conforto almofadado e com música, onde me deixo envolver pelo relaxamento proveniente da experiência.

VILLE DES ORANGERS, UM OÁSIS DE BEM-ESTAR

Chegar a esse hotel-butique dentro da Medina é relaxar de imediato em meio aos jardins verdejantes, em estilo árabe-andaluz, do pequenino Relais & Châteaux. Vale desfrutar dos pátios, suítes, piscinas, spa, *hammam* e *riad* privativos. À atmosfera de elegância somam-se a beleza e o conforto das grandes suítes, com closet, sala e banheiro, com produtos naturais locais, abertas para jardins internos, com grandes claraboias filtrando a luz. Tudo ali inspira. Os dois restaurantes têm uma adega à altura, além de um gostoso bar, vários *lounges*, biblioteca e piscina, cercada por jardins e pomar. Para completar, um spa com *hammam* e salas de tratamentos, claro.

Escolhi fazer o tratamento com espuma de flor de laranjeira no *hammam* construído no estilo autêntico dos banhos marroquinos, um dos

Os *hammans* marroquinos são uma tradição secular e parte essencial do ritual cultural do país

tratamentos *signature* do Spa Nuxe, na Villa des Orangers. Mas isso vem depois, porque o *hammam* envolve rituais especiais: após a ducha e a sauna, uma terapeuta lava, esfrega, esfolia e hidrata sua pele e seus cabelos com vários produtos naturais. Eles incluem o sabão preto, *ghassoul*, *kess*, hena, água de rosas e óleo de argan, entre outros. Mas o que eu mais apreciei foi o banho de espuma de flor de laranjeira, uma assinatura única daqui. Deitada sobre o mármore e envolta pelo aroma cítrico, relaxei imediatamente, e ficou ainda melhor após o *wrap* corporal, que envelopa seu corpo com um mix de argila do Atlas com mais sete plantas medicinais, seguido de massagem relaxante com o Huile Prodigieuse, da Nuxe. O ambiente é totalmente acolhedor e há várias massagens e tratamentos faciais e escapes de bem-estar, como o Serenity, me explica Gemma Michelini, diretora do spa. Tudo que sei é que Hannan e Khamissa, que fizeram meus tratamentos, não apenas me trouxeram bem-estar mas também serenidade.

DESCOBRINDO OS SEGREDOS DOS HERBARISTAS MARROQUINOS

Juntamente com Mohamed, um guia da Experiência Morocco, que fala português, fui aos *souks* da Medina de Marrakesh conhecer os artesãos herbaristas, que pacientemente criam fórmulas, sacam todas as ervas e óleos e fazem a fama do famoso mercado dentro da cidade murada. Você é envolvida por uma miríade de cores e aromas e impactada pelos recipientes coloridos, cheios até a borda de especiarias e flores secas — além de prateleiras repletas de potes, contendo segredos naturais usados há centenas de anos para curar e embelezar.

Em sentido horário, o Vale Asni, na região da Cordilheira do Atlas, especiarias num *souk* na medina, uma vila berbere na encosta do Atlas e produtos dos herbaristas marroquinos





PRA LÁ DE MARRAKESH

O próximo destino é um lugar raro e muito esperado — o Kasbah Tamadot. Aos pés da Cordilheira do Atlas, em Asni, o hotel-refúgio de sir Richard Branson (leia-se Virgin Limited Edition, que engloba algumas das mais raras propriedades ao redor do mundo) é um dos mais premiados. Aqui a hospedagem pode ser em tendas berberes ou nas suítes do Kasbah, com uma vista espetacular dos picos gelados das montanhas. Espalhadas pelo jardim, as tendas (algumas com piscina e jacuzzi) têm objetos de arte e tapetes forrando o *lounge*, quarto e a sala de banho com banheira, ducha e produtos de beleza Sens Marrakesh, feitos com ingredientes locais, como tâmaras e argan.

WELLNESS BERBERE NO ASOUNFOU

O nome significa “relaxamento” em berbere e o spa do Kasbah Tamadot já diz a que veio, com uma deliciosa piscina aquecida e salas onde uma gama especial de massagens e tratamentos são feitos por experts. Eu escolhi o tradicional *hammam* marroquino, e numa sala privativa, sobre uma mesa de pedra aquecida, com jatos de água morna, bacias

de prata, luzes relaxantes e vapores que exalam um aroma perfumado, Hanna fez o tratamento, que limpa, purifica e hidrata. Primeiro, o sabão preto é aplicado para limpar a pele e os cabelos são lavados, em seguida sou esfoliada com uma luva e depois massageada e hidratada com óleos aromáticos. A pele fica uma seda, os cabelos brilhantes e o corpo totalmente energizado. Não à toa, o *hammam* privativo é bastante disputado. E você pode acrescentar tratamentos do spa, que seguem a linha orgânica. Para aproveitar cada momento de bem-estar, dê um mergulho na piscina interna — ou na infinita, ao ar livre, cercada pelas montanhas da cordilheira. Delícia pura!

GENTE LOCAL E SUSTENTABILIDADE

O Kasbah Tamadot emprega 99% de funcionários oriundos das aldeias próximas. Essa é apenas uma das ações e experiências criadas para fomentar a economia e jogar luz sobre os saberes e habilidades milenares dos povos da região. A Fundação Eve Branson (criada pela mãe de Richard com o objetivo de gerar oportunidades para mulheres nas montanhas do Alto Atlas) faz um trabalho incrível de

Os tratamentos consistem em esfoliações, massagens e hidratações sobre uma pedra de mármore aquecido

Acima, o pátio e mesa ao ar livre de um dos restaurantes do Kasbah Tamadot. Na página ao lado, um dos quartos e a piscina interna do spa do mesmo hotel

apoio, fomento e sustentabilidade social na região de Asni. Entre várias ações, destaco a lojinha de produtos feitos por artesãos locais. A vontade é de comprar tudo — joias, tapetes e objetos feitos com madeira, prata e pedras, uma verdadeira caverna de Aladim, capaz de enlouquecer qualquer *nomad* fashionista. Como não? Comprar diretamente deles gera conexão, faz a economia sustentável girar e preserva tradições. Tudo aquilo em que acredito e apregoo como viajante.

ENERGIA RENOVADA

No aeroporto, o perfume de *oud*, a resina retirada da “madeira dos deuses”, fecha bem os dias que passei mergulhada no mais puro *wellness* e na atmosfera acachapante de beleza e exotismo, cercada por montanhas, *kasbahs* e hotéis fabulosos, com tratamentos ancestrais. O aroma de especiarias no burburinho dos *souks*, o estilo de vida local e a mistura sensacional de experiências de bem-estar autênticas, com pessoas e lugares que colam na retina. O Marrocos é isso e muito mais. Como já disse o escritor Hunter S. Thompson: “Buy the ticket, take the ride!” Vale muito!



TESOUROS DA MEDINA

É preciso de um bom guia e de um ótimo faro para explorar a Medina de Marrakesh. Se o intuito é descobrir os melhores redutos do *wellness* milenar marroquino, há um sem-fim de opções. Mas certamente são os lugares indicados abaixo os mais originais e especiais.

Herboriste du Paradise: cercado por um mundo de itens cuidadosamente selecionados, Mohamed atende e prescreve, como um médico especializado em óleos, ervas, sabonetes, *ghassoul*, minerais e os melhores produtos naturais. Adorei também os cubos de perfume sólido, feitos de resinas naturais de sândalo, âmbar, musgo ou óleos essenciais, como a rosa. Vale fazer uma consulta e trazer alguns na mala.

Spice Souk: ótimo para especiarias, henas e luvas de *hammam*.

Chez Aziz: esse antigo herborista revela itens curiosos, como o batom berbere, chamado de *aker*

fassi, que parece uma minitampa de tagine. Ao passar o dedo dentro, encontra-se uma mistura de pétalas de papoula e sementes de romã. É um cosmético completamente natural, que as mulheres berberes usam como batom ou *blush*.

Wellness mode on, A Root Holistic Center: num espaço lindo em Guéliz, ele divide o jardim com piscina com uma loja de design e um restaurante. No estúdio holístico mais *cool* de Marrakesh, eu fiz uma aula de ioga privativa e um tratamento de equilíbrio energético com a francesa Zelda, que arasou. Saí de lá equilibrada e centrada.

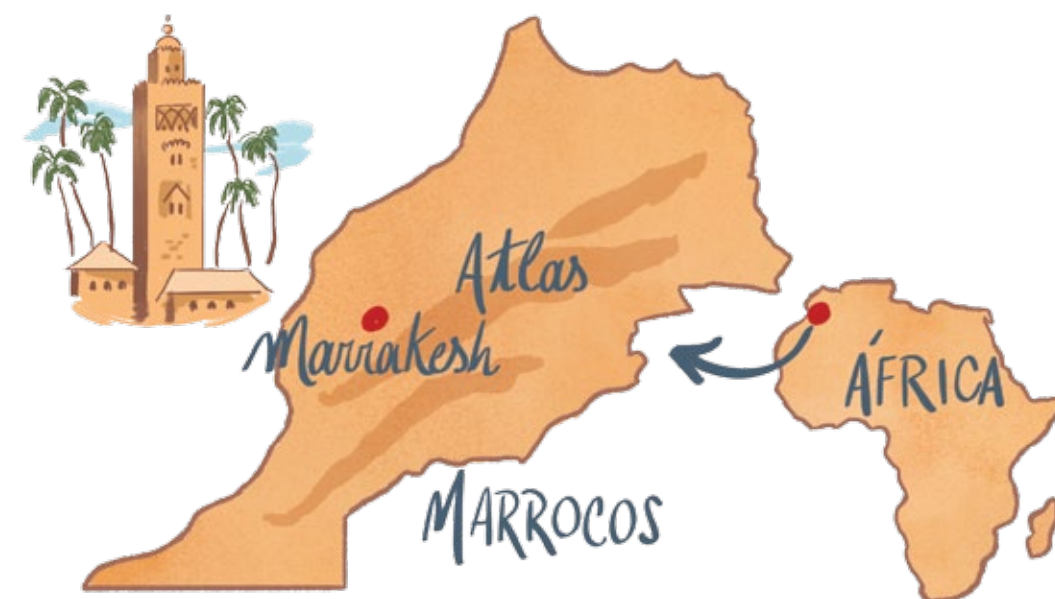
HAMMANS PÚBLICOS PARA CONHECER
Les Bains d'Orient Spa (na Medina):
 @lesbainsdorientmarrakech

Hammam de la Rose (na Medina):
 @hammamdelarose

Les Bains de Marrakesh (fora da Medina):
 @les_bains_de_marrakesh 📍



Acima, a torre da Mesquita Koutoubia, em Marrakesh. Na página ao lado, especiarias e essências locais usadas para produzir óleos, sabonetes e outros produtos marroquinos



PROUDLY

Shangrilá queer

Meca improvável do movimento LGBTQIAPN+, as Ilhas Canárias emanam uma vibe contagiante de convívio harmônico entre todes, de todas as idades

POR ERIK SADAQ

Foi durante os anos da ditadura do espanhol Francisco Franco que as Ilhas Canárias se tornaram um santuário da contracultura. Desde o começo do século XX, o arquipélago, conhecido mundialmente pelas praias e dunas de areia branca, era um ponto de migração de hippies, gays e de todos que não se curvaram à rigidez do regime sanguinário do general.

A localização ao sul do Marrocos, com a latitude cara a cara para o Saara Ocidental, era distante demais para que Franco pudesse prestar alguma atenção no território. E, apesar dos boatos de que uma “Sodoma e Gomorra” se formava no extremo sul das terras da Espanha, a vida seguiu livre por aqui, moldando uma cultura extremamente tolerante em relação ao universo *queer*.

Tenerife é hoje o epicentro do movimento neo-hippie, com montes de europeus construindo comunas sustentáveis aos pés de montanhas com vista para o mar. A Ilha de Las Palmas, um pouco mais ao sul, se tornou um dos refúgios de inverno preferidos de aposentados do norte da Europa. Eles dividem as praias dessa parte do Atlântico, protegidas por dunas cinematográficas, e os espaços públicos, em especial os da notívaga Maspalomas, que mais parecem tirados dos sonhos de um arquiteto brutalista, em harmonia perfeita com a imensa comunidade LGBTQIAPN+.

PARAÍSO DA DIVERSIDADE

Ao programar a viagem para as Canárias, não espere cenários paradisíacos do Mediterrâneo, equipados com imensos *beach clubs* e animados por DJs internacionais, como acontece nas espanholas Baleares (Ibiza, Mallorca e Menorca) e na grega Mykonos, atuais queridinhas do público gay. Aqui, além do incessante burburinho *queer*, mesmo durante o inverno, dá para descobrir e aproveitar incontáveis praias semidesertas, espalhadas pelas sete ilhas que formam o arquipélago. Outra coisa: etarismo e *body shaming* não têm vez.

A faixa de areia mais agitada fica em Maspalomas. Para chegar à área gay, é preciso caminhar cerca de 40 minutos a partir do centro da cidade ou tomar um táxi até a entrada do parque das dunas – tão buscadas quanto a praia – para ali encarnar a Tieta ou um Lawrence da Arábia, ao gosto do freguês, em um exercício que pode revelar cantos instagramáveis e algumas surpresas, não menos inesquecíveis, durante o trajeto.

A vida gay na ilha segue um ritual ensaiado, que começa com um café da manhã preguiçoso à beira da piscina ou em um dos muitos clubes da cidade, seguindo para a praia a tempo do pôr do sol. Quem frequenta as areias de Maspalomas costuma formar grandes migrações rumo às dunas assim que o Sol começa a se pôr. Lagoas naturais são o visual romântico para cliques ao lado dos amores – de verão ou de inverno – no caminho que leva a Meloneras,



Ao lado, cena da Gay Pride de Maspalomas e fachada do indefinível Yumbo Center



praia que concentra butiques de luxo, bons restaurantes e hotéis de alto padrão. O destaque para o público *queer* nessa parte da cidade é o bar Aphoteke (repare na grafia em alemão), localizado numa antiga farmácia, frequentado majoritariamente por meninos animados de todos os cantos da Bavária, que se acabam de dançar ao som de hits internacionais em versão na língua dos germânicos.

Mas é no centrinho de Maspalomas onde tudo acontece. Os principais hotéis e pousadas, alguns *hetero-friendly*, como o famoso Axel, ou *clothing optional*, como o Vista Bonita, estão instalados no entorno do Yumbo Center, uma espécie de galeria, com vários andares repletos de lojas (destaque para as marcas queridinhas, com os uniformes do público que frequenta festas *circuit*, como ES, Barcode etc.), *sex-shops*, restaurantes, cafés, bares, clubes, *playground* e até um campo de minigolfe! Enquanto exploro a área, que fica semideserta durante o dia, em busca de um *late brunch*, dou de cara com casais de aposentados jogando golfe e crianças brincando em frente a um clube onde estrelas do Only Fans produzem conteúdos para suas contas, com a

possível participação de frequentadores que baixam por lá em busca de uma *day-bed* à beira da piscina.

HEDONISMO E LIBERDADE

Vedete por vocação do calendário LGBT mundial, Maspalomas é diminuta em dimensões, mas gigante em variedade de eventos. É o único lugar do mundo com duas edições anuais de paradas do orgulho. A da primavera, em maio, dá o pontapé nas que acontecerão nos meses seguintes em todos os cantos do globo. Já a de inverno, sempre no começo de novembro, é a mais concorrida. Para ter uma ideia do porte das festividades, artistas como a *über drag queen* Rupaul costumam aparecer, deixando claro por que, assim como os pássaros, uma massa gigante de viajantes europeus migra para cá em busca da última oportunidade de manter o bronzado, em festas ao ar livre na estação mais fria do ano.

Para completar a agitada, e improvável, programação de eventos de Maspalomas, o Bear Week Carnival, uma semana dedicada aos ursos, o grupo dos mais queridos da comunidade LGBTQIAP+, atrai felpudos de todos os tamanhos e seus admiradores e admiradoras em março, anunciando o final da estação. Em outubro acontece a Maspalomas Fetish Pride, dedicada aos adeptos dos mais diversos fetiches, famosa por reunir visitantes e moradores de todas as orientações sexuais e identidades de gênero dessa shangrilá hedonista e de respeito à convivência.

É praticamente impossível não encontrar uma diversão descompromissada em Maspalomas. Na movida – lembre que aqui também é Espanha! – pelo Yumbo Center, onde, me arrisco a dizer, nove entre dez visitantes LGBTQIAP+ estarão todas as noites, o visitante dará de cara com *drag queens* encenando minimontagens bem-humoradas de espetáculos da Broadway, como *Les Misérables*, enquanto no bar ao lado outras, montadérrimas, batem o cabelo, reve-

zando-se e arrasando em *lipsyncs* de divas de todas as épocas, como Donna Summer, Madonna, Britney, Beyoncé e Rosalía.

Para quem não quer saber de chegar cedo à praia, em especial os adeptos das famosas megafestas *circuit*, não faltam opções de bares e clubes abertos até de manhã, com pistas comandadas por DJs de Barcelona, Amsterdam e Berlim.

Fica claro que não são os restaurantes e os cafés os responsáveis por atrair uma multidão todas as noites ao Yumbo. Vivenciar livremente nossa cultura, segregada a guetos durante grande parte do século XX, ao lado de LGBTs+ de todas as idades, gêneros e nacionalidades, e dos descendentes de quem semeou a cultura de respeito das Canárias, é uma experiência que todos que se identificam com uma das letras da legenda LGBTQIAPN+ deve vivenciar uma vez na vida. 📍

ONDE FICAR

Sanom Beach Club: localizado pertinho do Yumbo Center, o espaço foi inaugurado há cerca de dois anos e conta com uma estrutura de *beach club* impecável, com tons claros e *casitas* espaçosas, serviço atencioso e sem festas temáticas. Ideal para relaxar.

PROGRAMA-SE

Bear Carnival Week, de 18 a 26 de março
Maspalomas Spring Pride Week, de 4 a 14 de maio
Maspalomas Winter, de 6 a 15 de outubro
Maspalomas Winter Pride Week, de 6 a 12 de novembro

De cima para baixo, ambientes de bar e restaurante do Yumbo Center e área de lazer do Sanom Beach Club

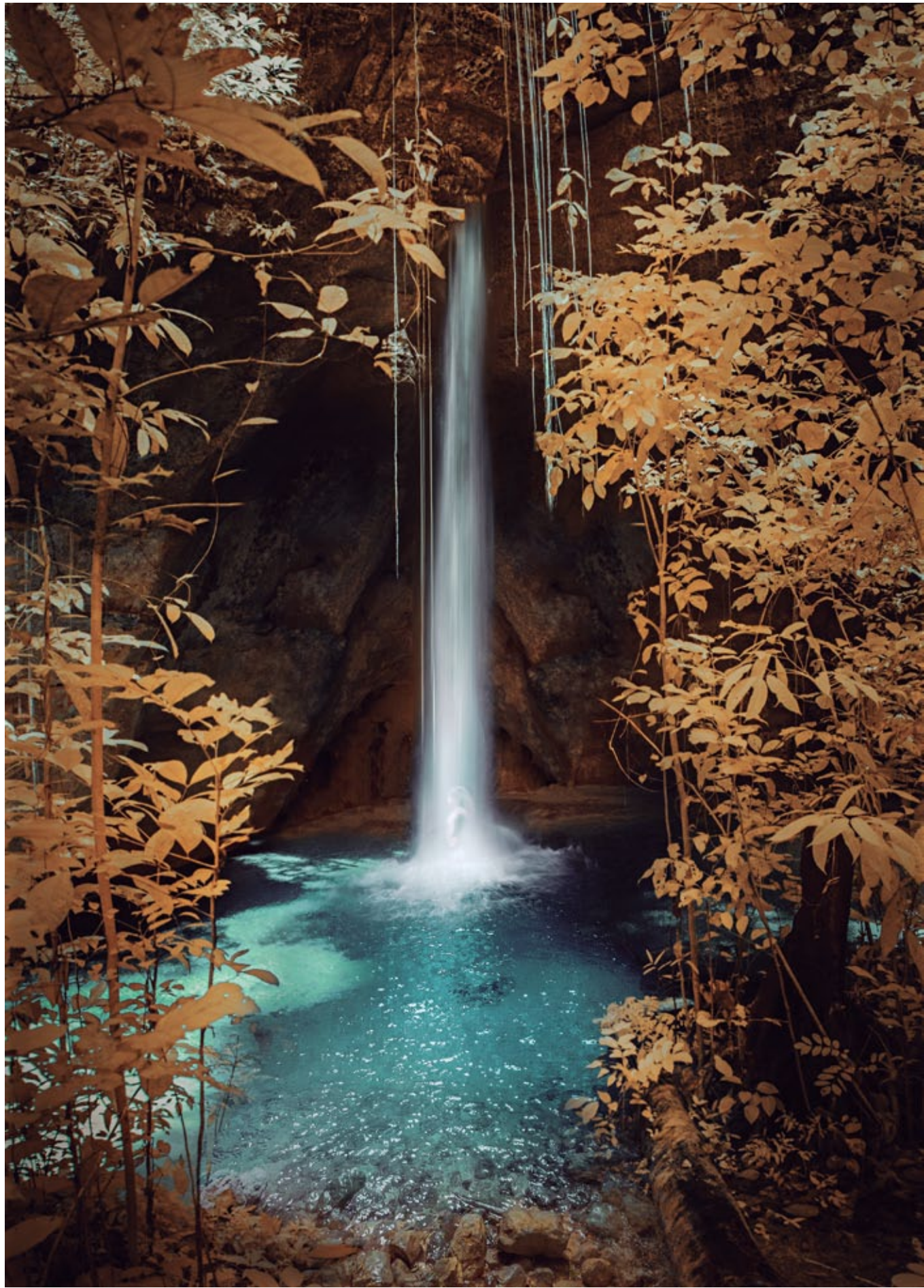




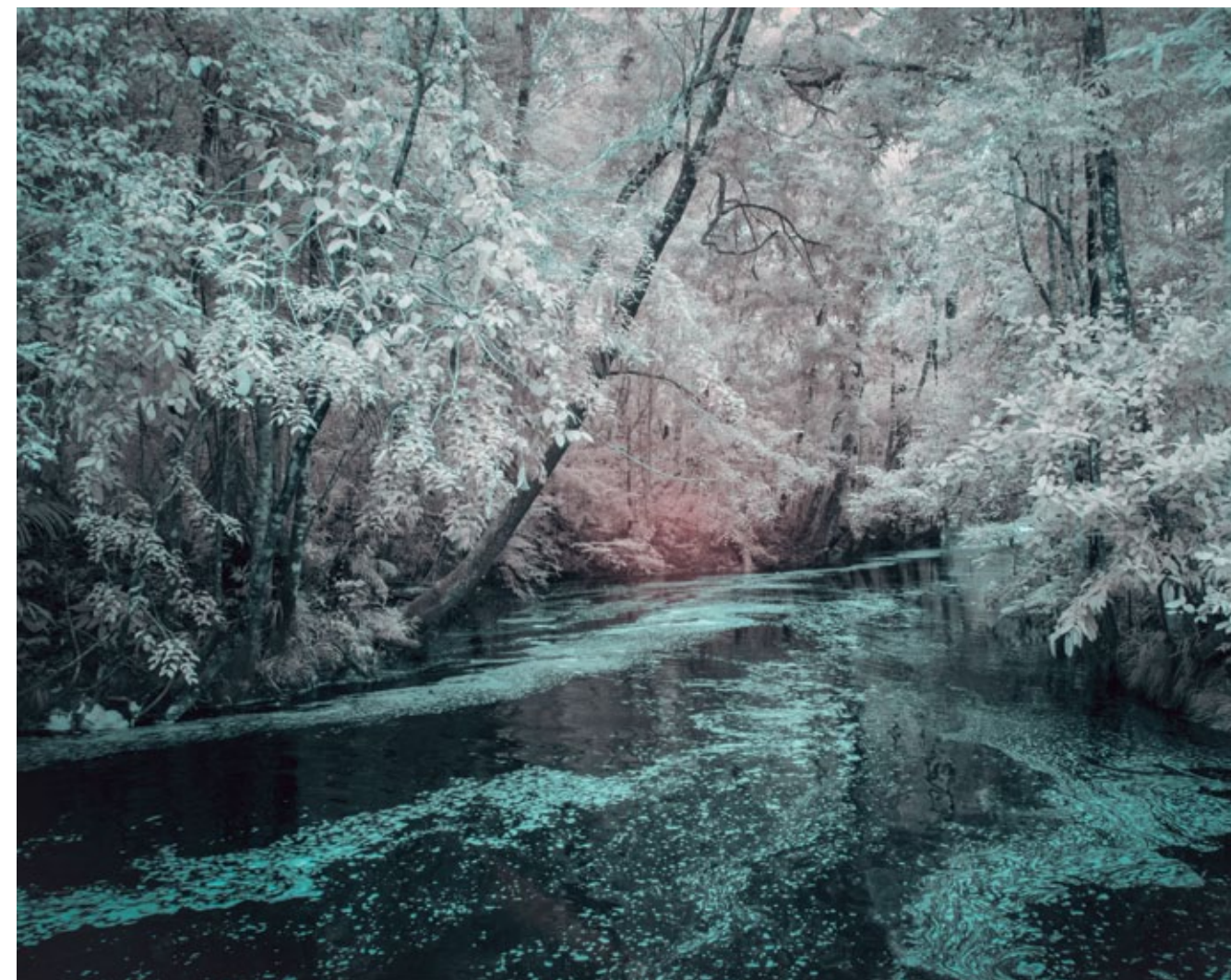
ENSAIO

AMAZÔNIA, O FIM DO VERDE

A fotógrafa Betina Samaia usa sua arte para subverter os tons da Amazônia como um alerta sobre a solidão causada pelo desmatamento da floresta







A ideia de registrar momentos e colecionar memórias acompanha a fotógrafa Betina Samaia desde a infância. Ainda criança, ela compilava fotografias do cotidiano, tíquetes de teatro, bilhetes, cartas de amor, entradas de museus e ingressos de shows em diversos volumes de álbuns. Sem imaginar que a fotografia se tornaria a sua grande vocação, se formou em psicologia e deixou de lado o hobby paralelo por algum tempo. Em 2006, no entanto, sentiu a necessidade de retomar o contato com as lentes. Foi nessa época que uniu a sua formação acadêmica ao interesse pela imagem. “Ao retomar minha atividade como fotógrafa, percebi que minhas fotos eram terapêuticas”, conta. “Mas isso não é privilégio meu. Afinal, todo artista quando cria está, de alguma forma, falando de si, compartilhando seu universo particular, trazendo à tona conteúdos do inconsciente”, explica ela.

O processo criativo intuitivo rege seu trabalho, usando a câmera como uma ferramenta de auto-conhecimento. O primeiro contato com a Floresta Amazônica aconteceu em 2005, mas ela demorou para elaborar como queria transcender suas im-

pressões sobre a região. Para ela, era algo muito maior do que fotografar a natureza. “Todas as vezes que eu ia para lá, apesar da enorme exuberância, sentia uma sensação de solidão e silêncio que não conseguia explicar. Não minha, mas da mata. Eram paisagens silenciosas. A solidão que se sente lá é tão densa quanto a floresta”, reflete Betina. Foi com esse sentimento pungente que nasceu a série *Amazônia, o Fim do Verde*, cujo resultado ultrapassa a beleza de imagens impactantes, ao trazer um recado claro. “Fotografar para mim é olhar o mundo com olhos de sonho, com luz e poesia”, diz ela, que usa o infravermelho para transformar a realidade retinica em algo onírico, muito além do que os olhos podem ver e a câmera capturar. “Com esse ensaio, procuro mostrar a degradação da floresta, a solidão das árvores, por meio de uma ‘denúncia cromática’”, explica a artista, que conseguiu efeitos que transformam o verde em amarelos, brancos e rosas. “Com a câmera, mostro que o verde está lá, mas ao mesmo tempo não está (ou não estará em breve) se o desmatamento continuar avançando nesse ritmo”, alerta Betina. 📍

GASTRONOMIA

ENTRE TAÇAS EM CASTILLA Y LEÓN

*Um roteiro de prazeres
pelo Velho Oeste espanhol,
onde se destacam
vinhos surpreendentes
harmonizados à tradicional
gastronomia regional*

POR RONNY HEIN





A *bellota* é um fruto de azinheiros e sobreiros, árvores típicas do sul da Europa. Só os porcos da raça ibérica alimentados por esses pomos produzem o presunto *bellota pata negra*, o mais saboroso e caro de toda a Espanha. Você nem precisa procurar pela iguaria, pois ela será servida como acompanhamento em quase todas as degustações de vinho do país.

Parece complicado? Não, fique tranquilo: nenhum lugar do mundo tem uma área tão grande de vinhedos como a Espanha. São 62 catalogadas, quase todas em altitudes que variam entre 600 e mil metros. Não importa onde você esteja, sempre haverá um lugar por perto para degustar vinhos, na sublime companhia de embutidos regionais,

como o mencionado *jamón bellota pata negra*, ou queijos de cabra que constam entre os mais saborosos do mundo.

ENTRE VINHOS E HISTÓRIA

De todo modo, por melhores que sejam, os acompanhamentos são apenas isto mesmo: delícias que acompanham. No centro de tudo, sempre haverá um vinho. A região de Castilla y León, que fica no oeste da Espanha, quase sempre na divisa com Portugal e Rio Duero (o Douro dos lusitanos), é uma das novas estrelas do enoturismo ibérico.

Menos povoada e incensada do que outras áreas vinícolas, ela congrega, no entanto, nada menos que nove regiões de produção de vinho e invade

municípios histórico e atrativos, como Zamora, Salamanca, Burgos, León e Valladolid – o que, por si só, já garante uma viagem repleta de história e emoções. Produtores locais se orgulham de chamar a área de “Velho Oeste espanhol”, numa referência a lugares longínquos e pioneiros. De fato, nesse território, há plantações centenárias e caves medievais, que só agora ganham prestígio no mapa dos grandes vinhos. Você vai conhecê-los no campo e nas pequenas cidades onde se pratica o prazer da *cata*, uma expressão espanhola para a degustação.

São eventos de duas a três horas, em que os visitantes ouvem a história de cada cave e as especificidades de seus vinhedos. Antes da desejada degustação, o anfitrião – quase sempre o próprio dono do estabelecimento – convida os circunstantes a um mergulho nos subterrâneos do lugar, onde estão os barris e a garrafaria do produto que será oferecido em seus mais distintos *blends*. Por fim, a *cata*. Apesar da tendência geral – entre enófilos, enólogos e *sommeliers* – de adotar uma linguagem técnica para explicar o milagre do vinho, poucos visitantes se importam com termos como tânico, retrogosto, fermentação, corpo e cepa.

Na rota das caves de Castilla y León, a antiga cidade de Zamora tem uma programação enoturística intensa



Acima, um dos prósperos vinhedos na região da Ribera del Duero e a cave da Viña Ver, em Corrales del Vino

BRINDAR É PRECISO

Está cada dia mais claro que provar bons vinhos pertence ao campo do prazer e da vontade de festejar a vida, e jamais ao de uma semântica rebuscada. Numa boa *cata*, com seus acompanhamentos, com os brindes necessários e os comentários nem tanto, um grupo de viajantes, composto de desconhecidos ou amigos, costuma adquirir a intimidade de quem, enfim, compartilhou um ótimo momento.

Há de se dizer que, em quase todas as caves de Castilla y León, o preço cobrado por uma experiência dessas – que inclui vinhos brancos, tintos e doces –, sem exigência de moderação, é de 25

euros por pessoa.

Ainda que responda por apenas 8% da produção de vinho da Espanha, a região não para de crescer em número de visitantes, um movimento que tem levado à multiplicação das caves abertas à visitação e às *catas*. Elas ficam espalhadas em cidades e vilarejos de nove rotas distintas: Arlanza, Arribes, Bierzo, Cigales, Ribera del Duero, Rueda, Sierra de Francia, Toro e Zamora. “As distâncias entre essas rotas raramente ultrapassam uma hora de carro”, explica Eva Gamazo Pérez, uma entusiasta da área, gerente da Ruta del Vino de Zamora. “Isso permite que, com um roteiro bem organizado, os viajantes possam fazer até quatro *catas* por dia, se estiverem preparados.”



Na região de Arribes, cânion formado no R o Duero entre Portugal e Espanha

ROTA DOS VINHOS

Em Zamora, talvez seja uma boa ideia começar por um lugarejo chamado Corrales del Vino, a poucos quil metros dali. Vilarejo simples, pouca gente na rua, nenhuma placa denunciando o fato de que no subsolo de quase todas as casas, de aparência modesta, esconde-se uma adega subterrânea, com vinhos de marca própria. Entre elas, a ótima Vi a Ver, com garrafas do cobiçado *crianza*, além de vinhos brancos e até moscat is de sobremesa.   uma *cata* para se farta  – se   que alguém se farta de tanta satisfa o. Aproveite e, antes de voltar ao carro, d  uma passada na vizinha Panaderia Hermanos Coomonte, que produz pães e doces artesanais e também aceita visitantes para conhecer seus processos.

Na logística de nossa experiência, o p noite foi na vila de Pe ausende, no chamado Centro de Turismo Rural La Becera, que, na verdade, é um hotel aconchegante, de aparência jovem e campestre, onde (como em qualquer lugar na região) se come bem e, claro, o prazer de beber vinhos regionais n  termina.

Pela manhã, em um vilarejo ainda menor, sem atrativos aparentes e, como sempre, com pouca gente na rua, a surpresa é a magnífica Queseria La

Antigua, uma fábrica cada dia maior de queijos de cabra que constam entre os melhores do mundo. V -se o processo e há uma *cata* ao contrário (em que os vinhos apenas acompanham os queijos e   possível comprar, por preços de fábrica, alguns dos tipos produzidos no local).

Ainda será possível, claro, visitar os centenários vinhedos e provar os vinhos da ótima Vin s del Cenit, em Villanueva del Campe n. A partir desse momento, a paisagem, em geral árida e plana, d  lugar   montanhosa e verdejante região de Arribes, uma área de 150 km que faz fronteira com Portugal e   atravessada pelo R o Duero, que nesse trecho forma um esplêndido cânion entre as duas na es. Não deixe de fazer o passeio de barca pelo rio, cerca de uma hora entre belas paredes de pedra. O pequeno cruzeiro parte de território lusitano, a poucos metros além da fronteira.

O p noite terá vista para o célebre rio dos vinhos ibéricos, na cidade de Famoselle, guardiã de caves de mais de mil anos, muitas delas escavadas na pedra. Visite a adega El Hato y el Gabarato e se hospede na bela Posada de Do a Urraca, onde, ademais, come-se muito bem e os vinhos são, claro, de primeira.



Acima, uma das ruelas da vila medieval de Mogarraz. Ao lado, a produção regional de queijos de cabra consta entre as melhores do mundo

Nova estrela do enoturismo, a região é também notável produtora de embutidos e queijos de cabra

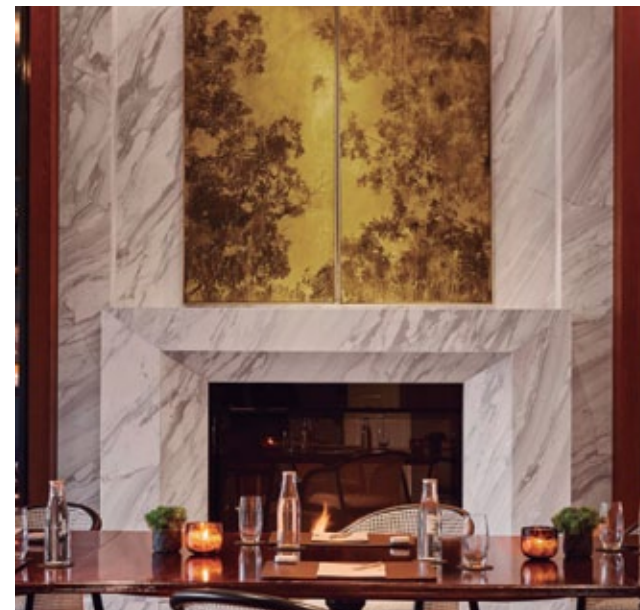
NOVA PAISAGENS

Na próxima etapa de sua jornada, a sensação será a de ter mudado de região, de país, quiçá de mundo. A Sierra de Francia é um enclave verde, úmido e alto em Castilla y León – o que, evidentemente, resulta em vinhedos e vinhos bastante distintos, cuja degustação trará novos prazeres únicos. Sem dúvida nenhuma, o lugar para ficar é a vila medieval de Mogarraz, com suas ruelas estreitas e a presença de uma população originalmente judia, convertida ao cristianismo durante a Inquisição. Durante o passeio a pé, é provável que, após tantos dias de hedonismo, você comece a sentir falta de vinho. Calma! Uma nova *cata* o espera logo ali, na companhia de vinhos La Zorra.

Conforme o horário, haverá tempo para um relax no Hotel Spa Villa de Mogarraz, mais uma das belas pousadas da região. Por fim, o jantar, com forte presença do presunto *bellota* pata negra, no Restaurante Ibéricos de Calama, ao lado do hotel.

Dois programas para o dia seguinte são as visitas ao vinhedo e à cave de Cambrico, com mais uma *cata* apreciável e o almoço ao ar livre e à beira de um rio gorgolejante no restaurante El Molino, que é, de fato, um antigo moinho da Sierra. Se você quer mais, não se preocupe. Como já foi dito, toda a área é apinhada de vinhedos e bodegas. O tamanho de sua viagem será sempre definido pela sua disposição etílica e o tempo de que dispõe.

Por fim, antes de partir, vale se desintoxicar com uma caminhada por Salamanca, entre suas universidades e catedrais românicas. Ali se inicia a volta, qualquer que seja o destino. Como ainda há tempo para um jantar, peça água mineral para voltar ao mundo real. Se não for possível, fazer o quê? Peça mais vinho e faça um brinde! 📍



CLÁSSICOS RENOVADOS EM MADRI

Principal porta de entrada na Espanha para a região de Castilla y León, Madri é um *stopover* recorrente de quem visita o oeste do país. Nada mais natural, então, do que optar pela hotelaria de altíssimo padrão da capital espanhola. No coração da cidade, no charmoso bairro de Salamanca, o Rosewood Villa Magna, totalmente renovado recentemente, é elegante, contemporâneo e repleto de obras de arte, além de contar com uma gama diversificada de res-

taurantes. Mix de experiência cultural e de hotelaria na melhor localização da cidade, entre a Puerta del Sol e a Gran Vía, o Four Seasons Madrid ocupa uma propriedade histórica que teve boa parte de sua estrutura original preservada, porém reformada para atender ao alto padrão do hotel em bom gosto e em experiências. Um eixo cool e gastronômico na capital, conta com diversos restaurantes, uma galeria, quartos amplos e bares animados.

Acima, ambiente do contemporâneo Rosewood Villa Magna e uma das suítes do Four Seasons Madrid



BENEFÍCIOS
EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera
do seu celular para
acessar o QR code ou
revistaunquiet.com.br

AVENTURA

NATUREZA SUPREMA

Mais do que uma expedição de aventura a bordo de um navio ultrassofisticado, conhecer a Antártica é uma experiência profunda de conexão com o continente gelado, os humores do mar e a fauna pungente do “fim do mundo”

POR FABIO PORCHAT



S

im, é possível conhecer a Antártica mesmo não sendo o Amyr Klink. O continente mais inóspito do planeta é acessível. Não que se diga “puxa, que acessibilidade tranquila”, mas é possível, sim, pisar em solo antártico sendo um reles turista. E a forma mais prática de fazer isso é saindo da cidade de Ushuaia, no sul (põe sul aí) da Argentina. É de lá que partem os cruzeiros e foi de lá que eu parti. O *Vega*, da Swan Hellenic, é um navio de luxo com 70 cabines, que faz a travessia do Estreito de Drake. São dois dias em mar aberto e revolto. Para ir e para voltar. É uma das passagens mais difíceis do mundo por causa do encontro dos oceanos Pacífico e Atlântico. Se você é dessas pessoas que enjoam em barco, sinto dizer, você vai conhecer a Antártica dessa forma. Porque enjoa. Porque balança. Porque as ondas de 10 m (em média) fazem todo o passeio tomar outra proporção. Mesmo que você seja uma das pessoas sortudas que não sentem muito o mareado do barco (eu sou assim), você enjoa. Eles disponibilizam aos hóspedes remédios de enjoo, há vendas de pulseiras contra enjoo e eu sugiro aceitar tudo.

QUEM MANDA É O MAR

Desde o início, a tripulação deixa claro: aquilo não é uma viagem de turismo, aquilo é uma expedição de aventura. E é a mais pura verdade. Não encontramos no navio nenhum tipo de entretenimento típico de cruzeiro: não há cassino, aulas de lambaeróbica, jantares de gala com o capitão, nada. O que há é descanso e preparação para o dia seguinte.



Em sentido horário, expedição por Half Moon Island, um leopardo-marinho em seu habitat natural e um grupo de caiaques, entre os icebergs





Um dos botes Zodiac se aproxima
do navio encalhado *Føyn Harbor*,
em Enterprise Island

Porque todo dia (após a travessia) são dois passeios. Pela manhã e pela tarde. Que passeios serão esses? Só a natureza dirá, porque o tempo muda naquelas bandas numa velocidade impressionante. Em dez minutos pode nevar, chover, fazer sol, ventar, acalmar e voltar a nevar. Literalmente. O mar pode estar supertranquilo e, do nada, uma marola impede tudo o que foi planejado de acontecer. Todas as noites os passageiros se reúnem numa grande sala para ouvir as instruções da preparadíssima tripulação, formada por biólogos e pesquisadores de várias partes do mundo. Qualquer dúvida sobre qualquer espécie de qualquer tipo é imediatamente sanada. A equipe nos explica o que vai acontecer no dia seguinte e como vamos proceder. Os planos são desenhados sempre na noite anterior, dependendo das condições climáticas. O primeiro dia é de uma excitação inexplicável. Todos no café da manhã (aliás, que café da manhã...) eufóricos. Após dias sem avistar nada, só mar, estamos navegando em águas tranquilas e com ilhas de gelo e pedra ao redor. Lá fora faz frio. Zero grau. Para quem está no Polo Sul, eu até achei tranquilo. Lógico que é verão. Aliás, a temporada só acontece entre novembro e fevereiro. Zero grau, mas a sensação térmica é um pouco menos simpática. Porque venta. E molha. O navio dá para todos um ótimo casaco e botas à prova d'água. Mas você precisa estar preparado com blusa e cal-

ça térmica, camadas e camadas de casacos, cachecol, gorro, luvas (à prova d'água!), calças (à prova d'água). Não sei se já falei que molha. Pois é!

ENTRE PINGUINS E ICEBERGS NO FIM DO MUNDO
Os botes, ou como eles chamam, os Zodiacs, levam de dez em dez os passageiros para os passeios. Às vezes chove, às vezes é a água do mar que te borrifa inteiro. Enfim, molha. Mas no que consistem esses passeios? No meu primeiro dia, desembarcamos nas Southern Islands, um grupo de ilhas pouco antes de terras antárticas. Lá é possível saltar dos Zodiacs, pisar em terra firme e entrar em contato com os pinguins. Quando digo entrar em contato, é observá-los em seu habitat natural, mas sem tocá-los, pelo amor de Deeeus! Na verdade, temos que manter sempre uma distância de qualquer forma de vida. Fauna ou flora. Há um cuidado muito grande para que o impacto da nossa estada lá seja o menor possível. Não podemos tocar nem nas pedras. Nossas botas são desinfetadas sempre na saída do navio. Essa é, aliás, apenas uma entre as muitas preocupações da companhia em não deixar rastros no meio ambiente. Além de seguir todas as medidas de sustentabilidade exigidas pela IMO (International Maritime Organization), a frota da Swan Hellenic é equipada com o sistema *diesel-eletric Tier III*, que reduz emissões nocivas. Os navios também sin-

Antes dos passeios, os passageiros são orientados a não causarem impactos na fauna e flora com sua presença

gram o mar silenciosamente, contam com sistema de ar-condicionado inteligente, luzes de LED para baixo consumo de energia e tecnologia de limpeza de água potável, entre outras ações relevantes e que garantem a preservação das rotas onde o navio atua.

Agora, que coisa mais linda são os pinguins. Eles caminham entre nós, brincam, brigam entre si, nadam, pulam de barriga, alimentam seus filhotes, tudo ao nosso redor. É possível ver focas, leopardos-marinhos. Em cada parada, uma surpresa diferente. Ficamos livres nas ilhas, caminhando dentro de um caminho predeterminado pela equipe do navio. Os cheiros, as imagens, tudo muito diferente. Não se pode ter pressa. A graça é vagar por ali, prestando atenção em cada detalhe. Cada pássaro específico, cada lufada de vento, é como se estivéssemos numa realidade paralela. O tempo passa devagar. A verdade é que ali o tempo nem passa. Nem tempo tem ali. O que tem é a vida acontecendo de outra forma. Um espetáculo à parte são os icebergs. Eu diria que são bichos. Eles respiram, se movimentam, têm formas e colorações distintas. É a coisa mais impactante a meu ver. Uma das atividades é transitar de Zodiac por entre eles. Que deslumbre. De longe o meu momento favorito. Até de um navio naufragado foi possível se aproximar. Nunca vou me esquecer de estar flutuando por entre pedaços de gelo e perceber uma foca deitada em um desses pedaços. Uma paisagem muito única, que torna cada viagem particular. A sua e a minha serão sempre distintas. É como um safári. Aliás, é um safári. Só que gelado. Baleias mil. Pulando, dando rabada, apenas borrifando água. Pertinho, de longe, acompanhando o barco... A cada dia, uma



A observação de pinguins em Southern Islands é um dos momentos mais emocionantes da viagem



aventura, uma surpresa, um itinerário. A cada dia, um desafio.

No quinto dia, por exemplo, íamos parar em Elephant Point para ver os elefantes-marinhos e não pudemos sair do barco porque as ondas não permitiram. Nunca vou perdoar as ondas. Perdemos um dia de passeio, mas fazer o quê? A natureza manda numa viagem como essa. É possível também fazer caiaque, porém as condições climáticas quase nunca são favoráveis. Venta muito por lá. Por isso, o frio lancinante.

Mas o frio não impede você de mergulhar no mar. Sim, um salto para o desespero. Dois graus de temperatura e você de sunga, pulando do navio, amarrado numa corda para voltar três segundos depois, petrificado. Que experiência.

NO RITMO DO MAR

A rotina das atividades se mantém por cinco dias: saídas pela manhã, almoço, soneca, saída pela tarde, banho, palestra sobre o dia seguinte e jantar. Vinhozinho (ou qualquer outra bebida que você queira, tudo incluso), bate-papo com os amigos recém-feitos e cama, porque de manhã começa tudo de novo. É muito mágico poder pisar na Antártica, chegar aonde poucos chegaram, admirar as paisagens dignas de um documentário da National Geographic. Ficar no navio dentro de uma de suas piscinas aquecidas, tomando um espumante, avistando baleias e golfinhos ao redor de glaciares é das coisas mais impactantes que eu já vivi. As formas, as cores, tudo é surpreendente. Assim como as nuvens, os

Uma família de Pinguins-de-Barbicha, o salto de Porchat nas águas gélidas do mar e a exploração dos icebergs, uma das experiências da expedição



Acima, o navio de expedição Vega, da Swan Hellenic, e uma das cabines da mesma embarcação

icebergs também nos permitem brincar de ver imagens formadas. Leve um livro, leve uma boa máquina fotográfica, se você é *fit* pode até levar roupa de ginástica, porque a academia é bem equipada, e leve um baralho. As noites pós-jantar são bem mais animadas quando você tem distração. Conheci gente de todo o mundo e conversar é uma diversão. No fim, são 100 pessoas ali, que estão fadadas a ficarem confinadas por dez dias. Na volta, peguei ondas um pouco mais violentas no Drake. Nada grave, mas balançava muito, a ponto de acordar sentado na cama apenas pelo movimento do navio. Mas acho que isso também é uma forma de diversão, faz parte do pacote. Com o sol do último dia, deu até para queimar um pouquinho. Aliás, leve protetor solar! Durante os passeios, todo ponto do seu corpo exposto à luz solar (quando digo todo ponto, é bochecha e nariz) queima muito. E a neve reflete, então teve gente que ficou com a parte debaixo do nariz vermelha. No fim, relaxei, me diverti, aprendi muito e pude entender um pouquinho mais da importância da Antártica para o nosso planeta. Claro que não é uma viagem barata nem óbvia, e muita gente pode pensar: preciso conhecer outros lugares no mundo primeiro. Eu não concordo. Tudo bem não ser a sua primeira viagem internacional, mas ali é um dos lugares mais lindos do planeta, então por que não visitar logo? Não deixe para depois. Vá. A verdade é que a Antártica é logo ali. 📍





ENTREVISTA

M I b a ñ e z X

*Herdeiro à frente do grupo
explora, o CEO reafirma o
compromisso da rede com a
sustentabilidade, a criação
de reservas de conservação
e inovações na forma de
explorar destinos*

POR NATHALIA HEIN

A coleção de prêmios de excelência em hotelaria e de bons exemplos em sustentabilidade fala por si só. Entre 2021 e 2022, foram quatro World Travel Awards, incluindo as categorias Líder Mundial em Sustentabilidade, Líder Mundial em Companhias de Expedição e Líder Mundial em Hotéis Boutique, além da nomeação como Melhor Hotel e Resort do Mundo pela prestigiada eleição da revista *Condé Nast Traveler*.

Os feitos, claro, impressionam, mas ainda não dizem o suficiente sobre o Explora, cujo destaque mundial transcende o universo do turismo. Isso porque, muito antes de ser uma rede hoteleira, o *explora* é um conceito de viajar e de viver.

Quando Pedro Ibáñez, fundador da rede, inaugurou seu primeiro *lodge*, há 30 anos, na Patagô-

nia, a ideia era fazer da natureza sua morada e seu santuário, sem saber, na época, que estava dando o primeiro passo para um conceito de hotelaria totalmente inovador.

Hoje com seis *lodges*, espalhados na América do Sul e na Ilha de Páscoa, além de um programa inédito de Travessias, o *explora* é um exemplo de conservação e sustentabilidade nos territórios onde se instala, com um estilo único de hospedar e percorrer cada destino.

À frente do grupo, Max Ibáñez, herdeiro e CEO do Explora, afirma colocar em primeiro plano o propósito de conservação, garante que vai apagar a pegada histórica da empresa até 2030, tem planos de ampliação e revela qual a fórmula do *explora* para encantar e surpreender hóspedes do mundo inteiro.

UNQUIET _ O *explora* é uma das marcas mais admiradas na indústria do turismo. Como surgiu o conceito para os *lodges*?

Max Ibáñez: O amor pela natureza e a proximidade de lugares remotos foi o que motivou o meu pai, Pedro Ibáñez, e um grupo de amigos a iniciar o projeto, que já dura quase 30 anos. Era um grupo que fazia muitas caminhadas pela natureza em lugares remotos e que, a certa altura, sentiu a necessidade de terminar o dia num lugar mais confortável do que uma barraca. Tudo começou com o conceito básico: uma boa cama, uma boa ducha e uma boa refeição. Em 1993, aconteceu o lançamento do *explora* Patagonia, localizado no coração do Parque Nacional Torres del Paine, uma reserva mundial de biodiversidade. Ao longo dos anos, foram acrescentados outros hotéis, como Atacama, Ilha de Páscoa, Vale Sagrado, no Peru, Parque Nacional Patagonia, El Chaltén, na Argentina, e finalmente a nossa Travessia Atacama & Uyuni, que liga o Chile à Bolívia.

Que influência teve a família Ibáñez na história do *explora*?

Existe uma tradição familiar incorporada na marca?

A família teve sim uma grande influência na empresa. Desde a arquitetura e detalhes da decoração até a comida, há 30 anos estamos muito próximos das operações. Na gestão da segunda geração dos Ibáñez, incorporamos uma visão adicional à marca, que consiste na preocupação mais consciente com os territórios onde operamos. Nesse contexto, como empresa, estamos trabalhando na evolução de nossos propósitos. No centro da evolução está a incorporação da conservação como um elemento central no que fazemos. Somos uma empresa que explora lugares remotos, mas a exploração não é o suficiente. Precisamos preservar com urgência os lugares em que nos encontramos.

O que são exatamente “reservas de conservação” e como elas funcionam?

As reservas de conservação são áreas de grande riqueza natural reservadas para a conservação permanente, o que é feito por meio de instrumentos legais. No *explora*, acreditamos firme-

mente que temos que conservar os territórios onde estamos localizados, e é por isso que quisemos assumir o desafio de lançar um projeto com um impacto escalável, que procura mudar a forma como a conservação é financiada globalmente. Todo o terreno será destinado à conservação e proteção, com 1% dele dedicado a conceitos de hospitalidade que promovem a pesquisa e a educação, com um modelo que cobre as despesas operacionais relacionadas a todo o esforço de preservação.

Você pode nos falar um pouco sobre o trabalho do *explora* para apoiar as escolas locais?

Na primeira etapa, não estamos trabalhando com escolas locais, mas pretendemos ser parte ativa da educação conservacionista, levando as crianças durante o próximo ano para ver a reserva e explicar como funciona o lugar. Por outro lado, nosso trabalho com escolas hoje está em Rapa Nui e no Vale Sagrado, com o programa Terevaka Archaeological Outreach (TAO), e no Atacama, com diferentes projetos, que saem da reserva de conservação de Puritama.

Como o *explora* identifica potenciais locais de operação?

A verdade é que temos uma forma muito bem estruturada de encontrar locais. No final, tem sempre a ver com a beleza e sobretudo com a diversidade da geografia. A cultura e a história de um território são também atrativos importantes. Hoje procuramos desenvolver redes de destinos que permitam uma compreensão profunda de um ecossistema ou território, que na maioria dos casos transcende fronteiras e países.

O que você considera os principais diferenciadores do *explora*?

Acho que não estamos procurando “criar” experiências. Isso nos parece fictício. Somos facilitadores para que as pessoas possam se conectar com a natureza remota e consigo mesmas. Então, cada um tem a sua própria experiência e, quando ela é genuína, normalmente muda a vida do viajante. Nesse sentido, os nossos *lodges* foram

concebidos para serem lugares onde os viajantes se sentem confortáveis, mas apenas com o que consideramos essencial em destinos tão remotos, como boa gastronomia, boa conversa com amigos, uma cama muito confortável e um bom banho. Porém a maior atração é o que se vive no exterior, na natureza, como sentir o vento, ouvir a água correr num rio ou ter encontros com culturas ancestrais, sem tentar modificá-las. A esse propósito, acrescentamos o cuidado com os territórios. Para isso, convidamos nossos viajantes a nos ajudar a conservá-los.

O que marcará um hóspede no *explora* pela primeira vez?

A primeira visita é sempre uma surpresa porque o nosso serviço está muito longe da hospitalidade tradicional. Acho que o que mais surpreende é a determinação em levar todos a explorar, mesmo os que nunca tenham pensado em fazê-lo. Nesse sentido, vale destacar o entrosamento dos via-

jantes com a nossa extraordinária equipe de guias, formados na nossa própria escola. Eles encorajam e acompanham os clientes na sua viagem pessoal de ligação com a natureza.

Quais são as responsabilidades e obrigações de uma marca contemporânea para se estabelecer em lugares com ecossistemas frágeis?

As responsabilidades são enormes, e o *explora* está consciente delas desde o início. Sempre tentamos assegurar que nossas operações tivessem a menor pegada possível em cada destino. Nos últimos dez anos, fizemos uma mudança no conceito de preservação do destino, inaugurando a nossa primeira reserva de conservação, em San Pedro de Atacama. Nos últimos cinco anos, tomamos medidas definitivas, fomos certificados como uma empresa B, comprometendo-nos a medir, além dos nossos resultados financeiros, o impacto que temos sobre as di-



Sob a paisagem dramática da Patagônia Chilena, o *explora* Patagônia deu origem à rede



Acima, o *lodge* em El Chaltén, na Argentina. Na página ao lado, um puma, espécie comum nos arredores do *explora* Torres del Paine, *hikking* em El Chaltén e atividade no Vale Sagrado, no Peru



mensões social e ambiental. No processo, alteramos o objetivo da nossa empresa e acrescentamos a dimensão de conservação da exploração. Também nos certificamos como uma empresa neutra em carbono e assumimos o compromisso de neutralizar o nosso rastro histórico até 2030. Além disso, este ano estamos lançando a nossa segunda reserva de conservação, que, com um modelo financeiro inovador, visa angariar 15 milhões de dólares para a proteção do ecossistema de Torres del Paine.

O *explora* é muito conhecido pela qualidade e pelo carisma de seus guias. Como se identificam os melhores profissionais?

Durante o processo de seleção, avaliamos qualidades fundamentais, como espírito de trabalho, paixão pela natureza, preocupação com a conservação e atenção aos detalhes. Após a seleção,

eles participam de nossa Escola Guia, onde líderes de exploração e peritos ensinam diferentes disciplinas, como história, cultura, astronomia, geografia, conservação, flora e fauna. Nosso objetivo é que os guias sejam os companheiros de viagem dos hóspedes. Para isso, é importante não só que tenham conhecimentos específicos sobre o lugar, mas também sejam capazes de conversar com os viajantes de forma horizontal, como faria um companheiro de viagem.

Como são escolhidas as atividades para o menu de expedição?

As nossas experiências são o resultado de vários anos de trabalho em cada destino, e temos uma equipe dedicada a isso. Primeiro identificamos os diferentes ecossistemas ou traços culturais de um território e, então, definimos um grupo para sair a campo, o que significa centenas de

saídas e a procura de novas rotas. Quando abrimos um destino inédito, já temos um mapa completo do local, e ele nos permite inovar nas atividades todos os anos.

Os programas Travessias estão no topo de muitas das listas de nossos leitores. Você pode comentar um pouco sobre como eles funcionam?

Quando montamos um *lodge*, definimos um raio de exploração que possa ser percorrido em um dia. Ocasionalmente, existe um território tão diverso e interessante que é impossível explorá-lo apenas a partir de um acampamento-base. Para isso, desenvolvemos o conceito de travessia, que nos permite explorar em profundidade um território muito mais amplo, ou, em alguns casos, unir dois territórios que acreditamos terem características comuns, que vale a pena conhecer numa

única viagem. No caso da travessia Atacama-Uyuni, é uma viagem privada que conecta o deserto mais seco do mundo com o Salar de Uyuni. Na jornada, os viajantes encontram seu lado mais aventureiro ao atravessar o deserto do Chile à Bolívia em um veículo 4x4, conduzido por um guia especializado e um motorista local. Isso é algo absolutamente sem precedentes nessa parte do planeta, onde não existem muitas alternativas.

Existe uma experiência que só o *explora* oferece?

Penso que em todos os nossos destinos temos explorações que só o *explora* pode oferecer. Mas, como disse, a experiência do viajante é algo muito pessoal. No Vale Sagrado, no Peru, por exemplo, o spa é uma antiga casa colonial que pertenceu a um relevante personagem histórico da área e o cardápio servido no *lodge* e em nossas explorações é projetado pelo renomado chef Virgilio Martinez. Outro exemplo são os cavalos, criados em nossa fazenda e de uma raça desenvolvida especificamente para nossas necessidades. Entretanto, acho que, mais do

que qualquer coisa em particular, é o design de toda a viagem que nos caracteriza.

Qual é a sua atividade ou expedição favorita? Você tem um *explora* predileto?

Tenho a sorte de participar ativamente do plano de desenvolvimento da empresa. Nesse espaço, minha atividade é procurar novos destinos e territórios para apresentar aos nossos viajantes. É por isso que eu sempre digo que meu *lodge* favorito é o que ainda está por vir.

Quais são os próximos passos para o grupo? Algum projeto no horizonte próximo?

Temos algumas ideias muito interessantes em andamento, tanto de conservação como de novos destinos e redes. Este ano, conseguimos operar nossas primeiras rotas aéreas. Rotas exclusivas, ligando destinos como Torres del Paine e Parque Nacional Patagonia, que foram muito bem recebidas. A ideia é construir uma rede maior e interconectada, que permita aos viajantes explorar territórios com maior liberdade. 📍



O Paleolítico diante dos meus olhos

A descoberta da Serra da Capivara, o maior complexo de arte rupestre do mundo

POR FRANCISCO BOSCO ILUSTRAÇÃO ARIELLE MARTINS

Ao conhecido devaneio “se você pudesse voltar no tempo, para que época gostaria de ir?”, eu não hesito em responder: “Para o Paleolítico”. Suspeito que, mais especificamente, para o Paleolítico inferior, aquela zona cinzenta, turva, que fica na fronteira entre o pré-humano e o humano, que fica, portanto, nos limites do nosso conhecimento antropológico e arqueológico. Uma fronteira coberta por espessas camadas de tempo, que tornam esse conhecimento irreduzivelmente especulativo.

Minha atração pelo Paleolítico começou na adolescência, quando tomei contato com as imagens de pinturas rupestres das grutas de Lascaux, na França, e de Altamira, na Espanha. Muitos anos depois, quando presidi a Fundação Nacional de Artes (Funarte), conheci a senhora Niède Guidon num evento do Ministério da Cultura. Confesso, embora envergonhado, que só ali soube da existência da Serra da Capivara, que é simplesmente o maior complexo de arte rupestre em todo o mundo (cuja preservação e documentação devemos ao trabalho dessa mulher extraordinária, a doutora Niède).

Enquanto milhões de turistas se dispõem anualmente a visitar cópias das grutas europeias (pois as cavernas verdadeiras só são acessíveis a estudiosos, e com a autorização governamental), aqui, no Brasil, no pouco glamoroso estado do Piauí, apenas entre 15 e 20 mil pessoas partem a cada ano para conhecer o tesouro esplêndido de 400 sítios arqueológicos, *and counting*, com artefatos líticos, esqueletos e pinturas rupestres, que remontam a 50 mil anos AP. Pois é, como diz a letra do samba, “o Brasil não conhece o Brasil”.

Como se não bastasse, esse museu da aventura

humana a céu aberto e ao alcance das mãos (só idiotas tocariam nas pinturas rupestres, já que no parque todas podem ser vistas a centímetros de distância), desdobra-se simultaneamente um museu da aventura da Terra: o espetáculo de traumas geológicos produzidos por milhões de anos, que geraram formações complexas, multicoloridas, feitas de erosões monumentais, em cujas cavernas, justamente, encontram-se as pinturas e os demais vestígios de nossos remotíssimos antepassados ameríndios.

Visitei o Parque Nacional da Serra da Capivara em fevereiro de 2019. Enquanto eu e minha companheira, Ana Lycia, explorávamos as longas trilhas, com seus variados acidentes, e nos extasiávamos com as paisagens e pinturas rupestres, o vírus da covid-19 invadia o mundo. Nós ainda ignorávamos seu alcance, como ignorávamos que ali, naquele palco tão originário, também havíamos produzido a origem de uma vida: nossa filha, Madalena, foi concebida no Sítio do Mocó, um pequeno vilarejo de cerca de 300 habitantes, que queda aos pés da majestosa serra, com sua miríade de “claros enigmas”.

No Parque Nacional da Serra da Capivara, eu contei sete sons de pássaros diferentes enquanto descansava no oco de uma rocha (o guia que nos acompanhava, de ouvidos mais apurados, contou 11). Fizemos trilhas inesquecíveis. Observamos, à noite, um paredão iluminado repleto de pinturas rupestres, que se assomava diante de nossos olhos como uma Capela Sistina do Paleolítico. Estivemos por uma semana entre um futuro ignorado e assustador e um passado remoto e assombroso – ignorado pela imensa maioria dos brasileiros. Se você chegou até aqui, confie em mim e faça da Serra da Capivara o seu próximo destino. Lá o Paleolítico é agora. 📍



Inspiradores



FERNANDO CAMPANA (1961–2022)
POR HUMBERTO CAMPANA

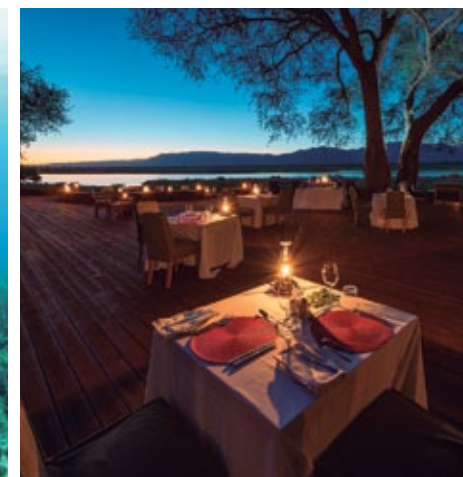
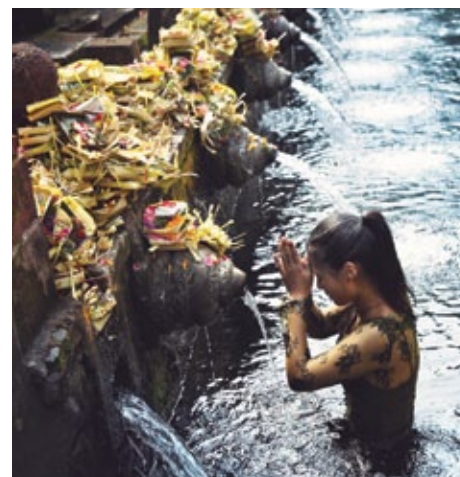
Viajar com Fernando era sempre uma aventura. Entre 2004 e 2010, fizemos seis *workshops* em Domaine de Boisbuchet. Situada a 400 km ao sul de Paris, é uma fundação dedicada a arquitetura, design e arte. Seu fundador, Alexander Von Vegesak, ex-diretor do Vitra Design Museum, nos convidou para ministrar programas de imersão de verão (Summer Workshops) para estudantes do mundo inteiro. O lugar é lindo, com obras de Shigeru Ban e Simon Vélez, uma casa tradicional japonesa e um pequeno café, abrigado num antigo moinho d'água, além de um castelo do século XIX, que funciona como espaço de exposições. A cada ano, nós fazíamos uma proposta diferente a partir de algum material que fosse a base do nosso trabalho. Em uma ocasião, usamos câmaras de pneus infláveis, em outra foram cordas etc. Na última edição, houve uma tempestade muito forte na região e não foi possível entregar os materiais para o tema escolhido. Fernando e eu chegamos à noite, vindos de São Paulo, cansados, e eu fiquei muito preocupado, pois as atividades precisavam começar na manhã seguinte e não tínhamos nada. Eu gosto de organização, e esses imprevistos me

tiram do eixo. Nesse momento, meu irmão, que sempre foi mais ágil e inquieto, se deu conta de que a tempestade tinha deixado vários galhos de árvores quebrados pela propriedade. Então ele propôs a criação de pavilhões e objetos reaproveitando esses galhos, o que aconteceu ao longo dos cinco dias do *workshop*. Fez de um limão, uma limonada. Para o encerramento, ele deu a ideia de prepararmos uma festa, em vez de uma entrega formal de certificados, para a qual os alunos criaram cadeiras, castiçais, talheres e lustres. Costumes foram feitos e usados durante o jantar. Foi um dos projetos mais mágicos que realizamos lá, e teve o registro da conceituada fotógrafa alemã Deide Von Schaewen (autora do livro *Inside Africa*), que acompanhava os trabalhos. Fernando nem sempre era o melhor parceiro de viagem, pois tinha um gênio difícil. O caos era sua zona de conforto. Era ali que ele florescia, transbordava de ideias. Isso me dava muita segurança, pois eu podia sempre contar com ele nessas horas. Era como se tivesse um faro para encontrar a luz na escuridão, na adversidade, trazendo soluções criativas e sublimes. 📍

Benefícios UNQUIET

Acesse os benefícios UNQUIET e descubra o que separa o essencial do extraordinário na sua viagem!

Saiba mais em revistaunquiet.com.br



@REVISTAUNQUIET



Global 7500

O ícone da indústria

O jato executivo incomparável para aqueles que viajam na velocidade da vida.



BOMBARDIER

Exceptional by design

Bombardier, Global, Global 7500 and Exceptional by design são marcas comerciais registradas ou não registradas da Bombardier Inc. ou subsidiárias.
© 2023 Bombardier Inc. Todos os direitos reservados.